

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

KEYME GOMES LOURENÇO

**TRAVESSIAS MULTIESPÉCIES: EXPERIMENTANDO-COM NARRATIVAS
E PLANTAS E PIGMENTOS NATURAIS EM EDUCAÇÃO-COM ARTE**

**UBERLÂNDIA – MG
2026**

KEYME GOMES LOURENÇO

**TRAVESSIAS MULTIESPÉCIES: EXPERIMENTANDO-COM
NARRATIVAS E PLANTAS E PIGMENTOS NATURAIS EM
EDUCAÇÕES-COM ARTE.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como requisito necessário à obtenção do título de Doutor em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.

UBERLÂNDIA – MG

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

L892t Lourenço, Keyme Gomes.
2026 Travessias multiespécies [recurso eletrônico] :
experimentando com narrativas e plantas e pigmentos naturais
em educações com arte / Keyme Gomes Lourenço. - 2026.

Orientadora: Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2026.5517>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Estevinho, Lúcia de Fátima Dinelli, 1963-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

André Carlos Francisco

Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 15/2026/491, PPGED				
Data:	Vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte e seis	Hora de início:	[14:15]	Hora de encerramento:	[17:24]
Matrícula do Discente:	12213EDU026				
Nome do Discente:	KEYME GOMES LOURENÇO				
Título do Trabalho:	"Travessias multiespécies: experimentando-com narrativas e plantas e pigmentos naturais em educações-com arte"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	Educação em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Criações em Arte e Vida"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/sala/lucia-de-fatima-dinelli-estevinho>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Kátia Maria Kasper - UFPR; Alice Alexandre Pagan - UFMT; Sandro Prado Santos - UFU; Tamiris Vaz - UFU e Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho - UFU, orientadora do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Lucia de Fátima Dinelli Estevinho, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 17:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandro Prado Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2026, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tamiris Vaz, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/03/2026, às 15:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kátia Maria Kasper, Usuário Externo**, em 12/03/2026, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alice Alexandre Pagan, Usuário Externo**, em 12/03/2026, às 17:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **7089595** e o código CRC **D117B7AE**.

*À Erva-dormideira que ele arrancou enquanto eu estava na escola,
À Mangueira e o Limoeiro que ele cortou enquanto nós estávamos fora,
Às quatro Guanxumas que nunca deixaram de invadir as frestas,
À Aceroleira que elas não deixaram morrer e vive até hoje,
À Arnica-do-cerrado que vem curando meus machucados.*

Um dia eu ainda vou me redimir por inteiro do pecado do intelectualismo, se deus quiser! Eu não vou ter necessidade de falar nada, em ficar pensando em termos do contrário, para tentar ficar explicando que, eu não sou perfeito, mas que o mundo também não é. E que eu não estou querendo ser dono da verdade, e que eu não estou querendo fazer sozinho uma obra que é de todos nós e de mais alguém: que é o tempo, que é o verdadeiro grande alquimista, aquele que realmente transforma tudo. Um pequenino grão de areia é o que eu sou. Só que o grão de areia já conseguiu, sendo tão grande ou maior do que eu, ser tão pequenininho e não precisar se mostrar mais. Ficar lá: trabalha em silêncio.

Gilberto Gil - Iansã, 1973.

[...] as boas maneiras de ler hoje, é chegar a tratar um texto como se escuta um disco, como se olha um filme ou um programa de televisão, como se é tocado por uma canção: todo tratamento do texto que exigisse um respeito especial, uma atenção de outra espécie, vem de uma outra era e condena definitivamente o texto. Não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam. “Pop” filosofia. Nada há a compreender, nada a interpretar.

Deleuze e Parnet, 1977.

Eu jogo sal que é barato e antisséptico,
Eu jogo sal que acho no mar e no deserto,
Eu jogo sal que acho em qualquer corpo mais perto,
Eu jogo o sal que fiz suando nesse inferno.

Comida amarga, compositores: Joao Victor / Salma Jo

RESUMO

A tese investiga modos de despolarizar a colonialidade inscrita nas epistemologias modernas, propondo uma prática de decolonialização permanente do pensamento por meio de alianças com o mundo vegetal e de experimentações narrativas que recusam a separação entre teoria e vida. O trabalho assume, como gesto político-metodológico, a subversão linguística (incluindo uso de linguagem neutra e variações deliberadas de artigos) para fazer a língua “gaguejar” e manter em movimento as travessias de gênero, os coletivos que compõem a enunciação e os regimes de inteligibilidade que produzem normalizações. Estruturalmente, a primeira parte conceitua o Paradoxo do Retorno como tecnologia de governo que força corpos, gêneros e sexualidades a regressarem ao binário heterocentrado, articulando narrativas de travessia e mobilizando Paul B. Preciado e Judith Butler. A segunda parte elabora o *Narrativar* como procedimento central, ancorado em ética de escuta e forrageio, em diálogo com Davi Kopenawa, Bruce Albert e Antônio Bispo dos Santos, e organizado com Deleuze e Guattari em circuitos rizomáticos; aproxima-se, ainda, das Artes de Notar e do fazer-mundo de Anna Tsing. A terceira, quarta e quinta partes apresentam narrativas-experimentações com plantas, cores e pigmentos naturais, ervas daninhas e jardinagens em ruínas, nas quais erro, tentativa e invenção operam como rota de conhecimento e como crítica aos regimes da receita, do currículo e da biologia “natural”, em interlocução com Paul B. Preciado, Judith Butler, Luís Henrique dos Santos, Emanuele Coccia e Evando Nascimento entre outros. Por fim, a tese sustenta uma escrita coletiva, experimentativa, *esquízita* e mais-que-humana, na qual a pesquisa emerge como composições multiespécies e como prática de produção de mundos e educações em meio às ruínas.

Palavras-chave: Decolonialidade; Fazer-com plantas; Narrativar; Pigmentos naturais; Paradoxo do Retorno.

ABSTRACT

The thesis investigates ways of depopularizing the coloniality embedded in modern epistemologies, proposing a practice of permanent decolonization of thought through alliances with the vegetal world and narrative experimentations that refuse the separation between theory and life. The work adopts, as a political-methodological gesture, linguistic subversion—including the use of neutral language and deliberate variations of articles—to make language “stutter” and to keep in motion gender crossings, the collectives that compose enunciation, and the regimes of intelligibility that produce normalization. Structurally, the first part conceptualizes the Paradox of Return as a technology of governance that forces bodies, genders, and sexualities to regress to a heterocentered binary, articulating narratives of crossing and mobilizing Paul B. Preciado and Judith Butler. The second part develops *Narrativar* as a central procedure, grounded in an ethics of listening and foraging, in dialogue with Davi Kopenawa, Bruce Albert, and Antônio Bispo dos Santos, and organized with Deleuze and Guattari through rhizomatic circuits; it also draws on Anna Tsing’s *Arts of Noticing* and world-making. The third, fourth, and fifth parts present narrative-experiments with plants, colors and natural pigments, weeds, and gardening in ruins, in which error, trial, and invention operate both as routes to knowledge and as critiques of regimes of recipe, curriculum, and “natural” biology, in conversation with Paul B. Preciado, Judith Butler, Luís Henrique dos Santos, Emanuele Coccia, and Evando Nascimento, among others. Finally, the thesis sustains a collective, experimental, unruly, and more-than-human writing, in which research emerges as multispecies compositions and as a practice of producing worlds and educations amid ruins.

Keywords: Decoloniality; Doing-with plants; Narrativar; Natural pigments; Paradox of Return.

RESUMEN

La tesis investiga modos de despopularizar la colonialidad inscrita en las epistemologías modernas, proponiendo una práctica de descolonización permanente del pensamiento a través de alianzas con el mundo vegetal y de experimentaciones narrativas que rechazan la separación entre teoría y vida. El trabajo asume, como gesto político-metodológico, la subversión lingüística (incluido el uso de lenguaje neutro y variaciones deliberadas de artículos) para hacer que la lengua “tartamudee” y mantener en movimiento las travesías de género, los colectivos que componen la enunciación y los regímenes de inteligibilidad que producen normalizaciones. Estructuralmente, la primera parte conceptualiza el Paradojo del Retorno como una tecnología de gobierno que fuerza a los cuerpos, los géneros y las sexualidades a regresar al binario heterocentrado, articulando narrativas de travesía y movilizándolo a Paul B. Preciado y Judith Butler. La segunda parte elabora el Narrativar como procedimiento central, anclado en una ética de la escucha y del forrajeo, en diálogo con Davi Kopenawa, Bruce Albert y Antônio Bispo dos Santos, y organizado con Deleuze y Guattari en circuitos rizomáticos; asimismo, se aproxima a las Artes de Notar y al hacer-mundo de Anna Tsing. La tercera, cuarta y quinta partes presentan narrativas-experimentaciones con plantas, colores y pigmentos naturales, hierbas espontáneas y jardinerías en ruinas, en las que el error, el intento y la invención operan como rutas de conocimiento y como críticas a los regímenes de la receta, del currículo y de la biología “natural”, en interlocución con Paul B. Preciado, Judith Butler, Luís Henrique dos Santos, Emanuele Coccia y Evando Nascimento, entre otros. Por último, la tesis sostiene una escritura colectiva, experimental, esquiva y más-que-humana, en la cual la investigación emerge como composiciones multiespecie y como práctica de producción de mundos y educaciones en medio de las ruinas.

Palabras clave: Decolonialidad; Hacer-con plantas; Narrativar; Pigmentos naturales; Paradoja del Retorno.

SUMÁRIO

UMA APRESENTAÇÃO NOTAS PARA LEITURA	11
APRENDER COM A TRAVESSIA: O PARADOXO DO RETORNO	22
o bater, o sempre apanhar, e o performar	22
o nome, o nu e o retorno	30
o banheiro, as formas e a fisiologia	51
APRENDER A FALAR COM AS PLANTAS	64
amoá hi a árvore dos cantos	64
narrativar que emergiu do caminhar com a pesquisa	72
aprender a falar com as plantas	77
APRENDER COM AS CORES DE UMA CRIANÇA-VIADA	83
criando rizomas com o jenipapo	83
o jenipapo azul do fim do mundo. ou, como plantar uma mata	91
plantas que chegaram depois, começando pelo desastre. pensando com(o) as daninhas	108
erva de passarinho	114
testes de cores. que cor é essa planta? estudos entre cores e processos	119
foto-fungi	151
forrageando jardineirvs.....	158
simbioses e jardinagens do fim dos mundos	160
INTERLÚDIO I – ATLAS DE EXPERIMENTAÇÕES	
APRENDER COM O NÃO SABER COM PIGMENTOS NATURAIS	166
cores jardineiras ⇔ educações jardinagens	166
reverberações vegetais e cores	178
<i>narrativando</i> com plantas com crianças em uma escola pública	179
cocriando cores e plantas	180
jardinagem em alcateia	185
APRENDER COM AS DANINHAS, CAPINS, ESPECULAÇÕES	192
jardinagens esquizitas, jardinagens malditas	192
vs jardineirvs do fim do mundo	194
NOTAS PARA REATAR A BICHA E VOLTAR	203
reatar	204
apostas	206
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	208



UMA APRESENTAÇÃO, NOTAS PARA LEITURA

Não gosto de trabalhos da minha área de pesquisa em Educação que se estruturam igualzinho aqueles eu lia durante o curso de biologia nas aulas das *Hards Sciences*. Introdução, aprofundamento, metodologia, análise, hipótese... misericórdia, deu vertigem só de escrever. Nada contra os estudos que são produzidas por essas áreas, mas porque na educação temos que continuar sendo assim? Eu decidi ser professorv, estudar a Educação porque por muitas vezes estive em momentos educativos que eram espetacularmente potentes e criativos. E eu gosto disso.

Sei a resposta de o porquê a Educação faz essa “cópia” de um modelo cientificista, empregando metodologias e métodos de outras áreas. Aí que entra o problema, não vou trabalhar aprofundamentos disso na minha pesquisa, porque se consegui aprender é porque já existe conteúdo e conhecimentos produzidos acerca do assunto e não sou para esse tipo de pesquisa. Porém, não vou fingir que não sei que há um problema nesse empregar metodológico feito pela Educação, e que eu sou pressionado por esse movimento, desde meus professores nas disciplinas que ensinam de maneira bem limitada os teóricos da Educação, que dão a entender que há um modelo posto de qualidade de fazer pesquisa em Educação, até meus ciclos de amigos acadêmicos, meus colegas de fóruns de debates. Há uma pressão bem sutil e impregnante-sufocante sobre quem mergulha em movimento aberrantes na pesquisa. Sinto que estou fazendo algo errado a todo momento e vou ser punida por isso.

Só minha amiga orientadora que não, ela sempre me aconselha a ir indo fazendo. Ir fazendo e indo. Ir criando. As estruturas da tese vão aparecendo ao longo do fazer a pesquisa.

Vou indo bem esquizita.

Essa postura vai ao encontro com algo que gostaria de fazer na pesquisa: despopularizar a colonialidade da epistemologia moderna, da teoria, das produções. Acredito e defendo que a decolonialidade tem força para superar as questões de identidade que barram ou esgotam sempre as discussões, um ato político relacionado diretamente com

a subversão como meio para que no outro, nós possamos nos co-entendermos. Como por exemplo a comunidade LGBTQIAPN+ fez com a palavra bicha no Brasil, subvertendo-a de xingamento para sujeito nominal, motivo de orgulho entre nós: as bichas. Nesse sentido estrito empírico de vida, foi mais potente ter a bicha como sujeito de resistência e dar vida a ela como sujeito de luta. Além de suavizar os conflitos em relação a identidade por diluir o peso dos conceitos que reduzem as vidas a um imaginário colonialista, introduz outros conteúdos e variáveis possíveis na nossa imaginação. Uma prática de decolonialização permanente do pensamento.

É esse movimento de produzir conhecimentos que preenchem tanto os rizomas da pesquisa que até os fazem derramar, que fiquei mergulhada e produzi a Tese. Tornou-se para mim como uma tarefa, ou exercício, de pensar outramente o pensamento da pesquisa e daquilo que ela vai devorando enquanto transita entre territórios. Forrageando maneiras de decolonizar pensamentos.

Minha aposta para ir ao encontro a outro lugar que me inquiete mais do que o que estou, é caminhar com o mundo vegetal. É um caminho construído com as plantas. E a todo tempo tento me atentar a recusar tradições intelectuais que vão caminhando com as plantas sob um acordo que realojam os seres humanos como algo à parte, superiores ao reino vegetal, com uma partilha ontológica restrita.

O que eu gosto de pesquisar com as plantas é toda multiplicidade envolvida no processo de experimentar com elas. Experimentar com as plantas numa perspectiva decolonial, seria mais sobre editar contornos, borrar, fazer embaraço, rizomar, misturar, contorcer suas linhas, germinando arranjos maculares e complexos, do que tentar apagar ou abolir dualidades encontradas em algumas fronteiras vegetais que foram visitadas durante a pesquisa.

Tenho sentido uma certa necessidade de mobilizar uma traição dos ritos que me foram ensinados. E eu adoro isso, sinto vontade mais e mais de trair. “Romper tratados,

trair os ritos¹". Acompanhar interações entre humanos e mais-que-humanos, *experimentando* na imanência dos encontros nos rizomas.

Faço algumas notas sobre o uso de artigos, tempos verbais e formato de conceitos na intenção de orientar leitores que precisam de orientação na leitura, mas meu desejo mesmo é que a leitura fosse tão desajustada a ponto de questionar a própria língua. Essas escolhas para a escrita e leitura, exigiram de nós um outro tom narrativo que pode muitas vezes entre escritas soar como uma escolha coloquial para a construção da pesquisa. E assim é. A palavra coloquial é formada pela união do prefixo *con* ("junto") com o verbo *loqui* ("falar"), exatamente os mergulhos que desejamos experimentar. Uma tese-pesquisa que fala-com. Desterritorializar os verbos.

Escrevi as narrativas nesta tese utilizando um estágio da linguagem neutra, que aprendi em coletivo com outras pessoas transgêneras em um grupo de acolhimento LGBTQIAPN+, onde as letras que fazem flexão de gênero nas palavras relacionadas a alguns sujeitos, são substituídas por uma letra não vogal. É o estágio da ausência do gênero na língua. Jardineiros, o plural masculino que "reúne" todos os outros gêneros apagando-os, torna-se jardineirvs. Vocês completam o gênero cada um em sua leitura. O uso do 'V' soa como outras possibilidades de seres ocupando o fazer jardinagem, o jardinar, vs jardineirvs. Fazendo a língua gaguejar. Já na fala, um exercício mais difícil de aplicar essa flexão de gênero ausente às palavras, os sons soam com som de 'U', us jardineirus. Mas entendo a questão do som como mais aberta as possibilidades de interpretações e leituras, e nenhuma estará "errada", "não certa". Muitas vezes flexiono o plural para o feminino na fala, quando não consigo flexionar, ou desconheço melhores flexões para algumas palavras. Como muitas escritas foram feitas enquanto estava em travessias de gêneros, modular os artigos das palavras ao longo das escritas foi trabalhoso. Como falar de quando era travesti e usava artigos estritamente femininos, hoje que me entendo como agênero adepto de linguagens mais neutras? Como eu poderia escrever sem misturar todos os artigos possíveis quando me entendia como não-binário (no fim do mestrado e início do doutorado) e usava os artigos feminino e masculino e neutro todos juntos? Fiquei pensando muito se meu ser

¹ Secos e molhados, com os versos de Sangue latino vai ecoar por muitos momentos na tese e aparece compondo narrativas modulado de várias maneiras. É isso que meu sangue quer.

atual que finaliza essa escrita, empunhado de poder, deveria vir e corrigir os textos da travessia e narrativas e apagar essas modulações dos gêneros nas palavras que formaram uma parte importante de como eu posso, sinto e sou agora. Decidi manter os vários tipos de escrever os gêneros nas palavras por toda a tese. Fui além e usei essa modulação ao longo das escritas das narrativas para deixar marcado o uso dos artigos feminino, masculino, neutro e nenhum e a quem eles referem-se. A cada narrativa esse uso vai escorregar, transitar como eu transitei. Fará e fez parte da travessia.

Uma escrita nunca é só uma escrita e não há escritas a sós. No tecer dos textos houve partes que comigo falava também uma comunidade toda, e mesmo na singularidade da experiência trans múltiplas vozes saltam com força de coletivo. Muitos verbos veem em plural para representar essa matilha. Outros momentos, geralmente quando falo de lugares, pensamento e posições políticas e éticas os verbos podem aparecer no singular, mas não reduzam isso ao isolamento, é uma aposta para a construção das narrativas, eu não ando só. Há momentos que o coletivo são os autores e as obras que estudei. O plural traz a fala COM eles. E também, geralmente nos momentos de aprofundamentos teóricos e epistemológicos, a companhia da minha orientadora se faz presente nas escritas assim como foi nas leituras, nos debates, nos estudos, nas orientações e conversas. Falamos juntas com as plantas em vários momentos.

Como falar? Não-humanos? Mais-que-humanos? Outro-que-humano? Inumano? Humano-come-húmus? Quando comecei a estudar Anna Tsing, Donna Haraway e seus comentadores, o primeiro termo que saltou das leituras foi o termo não-humano, que eu entendia como sendo uma marcação, um combinado, de que o pensamento não se bastaria apenas no humano, mas que iria agora incluir mais seres, trajetórias e coisas que não só as humanas. Um termo que ajudava direcionar e ampliar o notar para além do humano. Porém, avançando nas leituras outros termos foram aparecendo como mais-que-humanos em Tsing (2022, p. 264), outro-que-humanos, humano-come-húmus em Haraway (2023, p. 200-201). Nas rodas de leitura do grupo de pesquisa UIVO, após expandir as possibilidades de modulação desses conceitos, ficava a dúvida se não-humano, empregado em frases como por exemplo: “as paisagens reúnem histórias humanas e não-humanas”, nesse uso, não estaríamos caindo em um dualismo, num pensamento binário? Conforme iam aparecendo conceitos, íamos devorando-os, experimentando-os. Quando estava lendo *O cogumelo no fim*

do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo de Tsing (2022), a autora utiliza o termo não-humano ao longo de toda a obra, assim como o utiliza intensamente em *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* (2019), porém no final do livro *O cogumelo no fim do mundo*, no capítulo 12 - *História*, Tsing (2022, p. 264) faz diferente, passa a usar o conceito mais-que-humanos até finalizar o livro:

Aqui, eu sigo a vida da floresta, uma vez que ela nos leva a uma sociedade mais-que-humana, no interior do Japão e fora dele. A trilha passa por entre pinheiros e carvalhos. Em locais onde fazendeiros criaram seus próprios enclaves provisórios, nos domínios de Estados e impérios, pinheiros e carvalhos (em um sentido amplo) são companheiros frequentes. Aqui, o ressurgimento segue a destruição: a resiliência dos bosques de pinheiros e carvalhos remedia o desmatamento excessivo operado por humanos regenerando a paisagem camponesa mais-que-humana.

Borbulhou pensamentos! Tsing se mantinha com o termo não-humano até esse momento em suas obras, o que será que a fez mudar o conceito? Visto que ele estava sendo empregado ainda como esse modo de notar e observar aquilo além dos humanos, a abertura a estar com mais tipos de seres e coisas, para pesquisa com paisagens que a autora (2022) faz. Em Haraway já havia percebido muitas maneiras de usar esses conceitos, as vezes com mais de maneira diferente num mesmo capítulo. Como faz no capítulo, *Fazer parentes: Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno*, quando Haraway (2023, p. 201) vai comentar sobre seu entendimento de Chthuluceno:

Embora carregue o fardo de suas problemáticas raízes gregas, “meu” Chthuluceno emaranha inúmeras temporalidades e espacialidades em uma miríade de agenciamentos de entidades intra-ativas que compreendem mais-que-humanos, outros-que-humanos, não humanos e humanos-como-húmus.

Sentia muitas dúvidas com o conceito “mais-que-humanos” traduzido direto do conceito em língua inglesa de *more-than-human*, pois muitas vezes levantou debates se o “mais” (more) não propõe, no fundo, uma ideia de “evolução”, no sentido de que existe algo “a mais” do que os outros, mesmo que os humanos estejam em segundo plano e outros seres em terceiro. Isso não seria apenas uma troca de poder nas relações, e não uma horizontalidade nas relações que é o que queremos?

Resolvi consultar Tsing e Haraway para entender diretamente com as autoras como elas experimentavam o uso desses conceitos. Minha intenção era decidir qual e como usar os conceitos nas escritas da tese.

Para Tsing eu escrevi²:

Good morning, dear Tsing,

I hope you are well! [...] I am stuck, so I am sending you a message: I prefer to use the term non-human, but at the end of your book "The Mushroom at the End of the World", you start using the term more-than-human, to talk about a "more-than-human society". Here in Brazil, many colleagues have not liked using the term non-human, because it suggests a dichotomy and we really prefer to avoid dichotomies.

[...] Could you please tell me your opinion?

Thank you.

Ela me respondeu o seguinte³:

Dear Keyme, Apologies for the delay, and thanks so much for writing back.

The questions you raise are good ones.

The term "more-than-human" has multiple genealogies, leading to different meanings. To me, it does not mean "better" than humans. It merely means humans plus nonhumans. It's a useful term, with this definition, to refer to issues such as the making of landscapes, where both humans and nonhumans are part of the history. I know some people still use the term with other meanings, such as "superhuman," but I believe the academy has turned toward the meaning I

² Bom dia, querida, Tsing, Espero que esteja bem! [...] Estou com um dilema, então estou lhe enviando uma mensagem: prefiro usar o termo não-humano, mas no final do seu livro "O Cogumelo no Fim do Mundo", você começa a usar o termo mais-que-humano, para falar sobre uma "sociedade mais-que-humana". Aqui no Brasil, muitos colegas não gostaram de usar o termo não-humano, porque sugere uma dicotomia e nós preferimos evitar dicotomias. [...] Poderia me dar sua opinião, por favor? Obrigada.

³ Prezada Keyme, peço desculpas pela demora e agradeço muito por ter respondido. As perguntas que você levantou são pertinentes. O termo "mais-que-humano" possui múltiplas genealogias, resultando em diferentes significados. Para mim, não significa "melhor" que os humanos. Significa simplesmente humanos mais não humanos. É um termo útil, com essa definição, para se referir a questões como a formação de paisagens, onde tanto humanos quanto não humanos fazem parte da história. Sei que algumas pessoas ainda usam o termo com outros significados, como "super-humano", mas acredito que a academia tenha se voltado para o significado que expliquei acima, então é melhor usá-lo dessa forma, se possível. Não há relação de poder nessa versão do termo, apenas uma contabilização que inclui todos os tipos de seres. Espero que isso ajude! Atenciosamente, Anna.

explain above, so it's best to use it that way if you can. There is no power relation in this version of the term, just an accounting that includes all kinds of beings.

I hope this helps! Best, Anna

Para Haraway, escrevi a mesma mensagem, porém incluí outros termos que aparecem em suas obras além de mais-que-humanos como: other-than-human, inhuman e human-as-humus. Ela me respondeu o seguinte⁴:

I think we need many terms to express some of the nuances, complexities, pleasures, problems, histories, absurdities, insights, political moments, and scientific approaches. I work by addition rather than subtraction and try to resist the urge to One Correct Word!

All good things to you,

Donna Haraway

Escolho, então, tecer nesta tese o termo mais-que-humanos de forma mais intensa, por ter mais proximidades às leituras de Tsing, entendendo como um modo de contabilizar e fazer aparecer a presença simultânea de humanos e não-humanos nas histórias e narrativas tecidas, sem reservar ao humano o centro da cena. Utilizo a definição que Tsing me ofereceu por e-mail: mais-que-humanos como humanos mais outros seres, uma soma sem hierarquia. Ao mesmo tempo, guardo comigo a advertência generosa de Donna Haraway, de que não há “uma palavra correta”, há nuances, prazeres, problemas que decidimos ficar com eles e que exigem termos outros para nos ajudar a pensar. Por isso, embora mais-que-humanos seja a minha forma principal, em alguns trechos aparecerão não-humanos, para-almém-dos-humanos, não como indecisão, mas como gesto deliberado de marcar diferenças de ordem, de escala e de textura. Ora para recusar dualismos fáceis, ora para tensionar os limites do “humano”. Essa variação é parte do meu tratamento metodológico de deixar a linguagem gaguejar, de deixá-la aberta o suficiente para que a tese não estabilize, por excesso de uniformidade, aquilo que ela mesma tenta manter em movimento.

Na primeira parte do texto apresento o Paradoxo do Retorno, como operador central da tese, uma maquinação que captura corpos, gêneros e sexualidades ao forçar

⁴ Acho que precisamos de muitos termos para expressar algumas das nuances, complexidades, prazeres, problemas, histórias, absurdos, percepções, momentos políticos e abordagens científicas. Trabalho por adição em vez de subtração e tento resistir à tentação de usar uma única palavra correta! Tudo de bom para você, Donna Haraway.

conceitos, políticas e práticas a regressarem continuamente a um regime binário e heterocentrado o titulando como “natural”. O retorno, aqui, não é repetição inofensiva, mas um modo de governo. A pergunta que reverbera é como se fabrica e se reinscreve a naturalidade do sexo binário e da heteronorma, e porque ela retorna como resposta pronta mesmo quando seus próprios fundamentos se mostram paradoxais. Para enfrentar essa questão, conceituo o Paradoxo do Retorno como tecnologia que, ao invés de responder à complexidade das vidas, exige que as vidas retornem ao molde que a norma consegue reconhecer. Teço três narrativas: *o bater, o sempre apanhar, e o performar; o nome, o nu e o retorno; e o banheiro, as formas e a fisiologia*, onde as cenas de travessia funcionam como dispositivo de produção conceitual, nas quais o retorno se torna visível como disciplina da inteligibilidade, isto é, como modo de fazer as vidas caberem em signos, portas, palavras, placas, documentos, sons, vigilâncias e... Essas narrativas surgem pela fricção entre lembranças, arquivos, lugares, encontros, desencontros e trajetórias recusando a separação entre experiência e teoria. Dialogamos com Paul B. Preciado e Judith Butler, para pensar as narrativas da travessia como operações políticas que deslocam e tensionam a biologia, a política, a heteronormatividade e a colonialidade. Mobilizamos, como conceitos-chave, o regime da diferença sexual, as taxonomias de natural/antinatural e normal/anormal, os dispositivos de inteligibilidade e seus signos, a colonialidade do gênero em sua dimensão racial e a travessia como dispositivo epistemopolítico.

Na segunda parte proponho uma maneira de aprender a falar com as plantas na pesquisa. Faz-se o forrageio e com a *Amoa hi*, a árvore dos cantos yanomami, encontrada no interior das leituras de Davi Kopenawa e Bruce Albert e opera a entrada de uma noção metodológica: com ela inauguro uma ética de escuta que desloca a escrita da tese do humano como medida do mundo. A pergunta que me atravessa não é apenas o que a *Amoa hi* significa, mas o que ela faz acontecer? Quais tipos de narrativas se tornam possíveis a partir da escuta de árvores que cantam palavras nunca repetidas? Com Antônio Bispo dos Santos, penso o cuidado com as palavras, enfraquecendo “desenvolvimento” como vocabulário colonial que des-envolve e desconecta, e para insistir em envolvimento como ética. É nesse terreno que fertilizamos o *Narrativar* como procedimento central da tese, narrar não como relato do vivido, mas como prática ativa de conhecer, produzir enunciação e compor mundo, fazendo as narrativas emergirem da fricção entre os encontros vegetais-

experimentativos. Com Deleuze e Guattari, organizo essa noção como circuitos narrativos, a partir da construção conceitual de um circuito rizomático que não se fecha, em que narrativas retomam narrativas para gerar metamorfoses. Com Anna Tsing, aproximo o *Narrativar* das Artes de Notar e dos projetos de fazer-mundo, que sustentam a sobrevivência colaborativa. Com os estudos e leituras de Emanuele Coccia e Evando Nascimento, criamos vínculos com a experimentação narrativa e a comunicação vegetal. Sons, rizosfera, micorrizas, sinais, memória, para confrontar o rebaixamento metafísico das plantas em relação aos humanos, e por isso sustento a necessidade de descolonizar pensamento e existência por meio de uma convivência vegetal. O *Narrativar* é tomado como o tratamento metodológico que inspira as demais narrativas da tese, estabelecendo seus operadores forragear, escuta, cuidado, circuito narrativo, metonímia, arte de notar, fazer-mundo e performance multiespécie e criando com eles as condições para que o texto se torne uma escrita que aprende com plantas.

Na terceira parte e a partir dela, apresento as narrativas-experimentações elaboradas durante o Doutorado. Mobilizo principalmente as cores e os encontros com os vegetais como operadores de paisagens multiespécies e de educações. Ficamos com o jenipapo, com a Mata, com plantas daninhas, com vs jardineirvs, com as ervas de passarinho como parcerias para narrar em ruínas. A pergunta que atravessa a escrita é como as paisagens construídas podem ser estudadas como testemunho de histórias de desenvolvimento e reunião de trajetórias humanas e mais-que-humanas, e como a cor e os pigmentos naturais vegetais entendidos como relação, como frutos do entre, podem engendrar conhecimentos. Com Anna Tsing e Donna Haraway, operamos a noção de paisagem como *assemblage* multiespécie para situar a paisagem *Narrativada* como produtos do Antropoceno, deslocando a ideia de paisagens neutras. As cores e os pigmentos naturais inauguram narrativas a partir da noção de testes de cores, que recusam a receita como regime de repetição e fazem do erro uma rota possível e potente. Com Paul B. Preciado, tensiono essa lógica para o campo de estudos sobre corpos, gêneros e sexualidades, de modo que os testes de cores funcionem como possibilidade para criação e fuga de normas determinantes. As mobilizações conceituais elaboradas para pensar as cores da criança-viada vão ecoar nas narrativas das próximas partes trazendo as plantas, as cores e os pigmentos naturais como meios-caminhos de *Narrativar*. Colagens digitais, criação de

imagens, lambe-lambe, produção de pigmentos, ensaios fotográficos, literatura, escrita inventiva e... São experimentações que elaboram outra lógica para pensar as plantas jardineiras, as jardinagens, o fim do mundo, as ruínas, a educação, os corpos, os gêneros e sexualidades, o aprender-com, as paisagens.

Na quarta parte, com o Interlúdio I - Atlas de Experimentações, tomo os pigmentos naturais como operador para aprender pelo não saber na formação docente e na educação com plantas, instalando a experimentação como práxis que desloca a botânica da norma classificatória para um fazer-com em que ciência e arte deixam de ser campos separados. As narrativas surgem como possibilidades de criar e pensar em educação, *Narrativando* experimentações-vivências em ciências e biologia e arte que se constroem por tentativas, erros, anotações e intuição. Com Luís Henrique dos Santos, tensiono a ideia de uma biologia “natural”, afirmando que os currículos e suas narrativas não descrevem o real, mas o produzem, fabricando ciências e sujeitos. E com Emanuelle Coccia, as plantas ganham condição de mediadoras, para que o trabalho com cor não recaia no utilitarismo vegetal. As narrativas transitam entre o território universidade com o grupo de pesquisa, em encontros com professorvs de Ciências e Biologia em formação inicial, e o território escola, em oficina com estudantes de escolas públicas, onde a cor opera como dispositivo para reconfigurar relações com plantas, currículo e conhecimento. Criações de conhecimento pelo entre ciência-arte-educação-vida vegetal.

Na quinta parte, as daninhas e os capins nos ajudam a pensar jardinagens em ruínas e, com isso, nos desloca para aprendermos com aquilo que nasce entre, insiste e desobedece a higienização do mundo. Com Deleuze e Guattari, tomamos as ervas daninhas com sentido de resistir nas frestas e de proliferação. Com Anna Tsing, estudamos as paisagens como *assemblages* heterogêneas e instáveis, e usamos essa noção para *Narrativar* pensando sempre em o que é virtualizado das estórias em ruínas. É nesse sentido que os capins emergem como provocação botânica-política, articulando invasão, manejo, expulsão e sobrevivência. O *Narrativar* como prática de criação e não apenas de escrita traz a matilha para enlouquecer as narrativas: oficinas, perguntas especulativas, audiovisual, lambe-lambe e fabricação de figuras-jardineirvs transbordam pensamentos. Com Donna Haraway, Emanuele Coccia e Evando Nascimento, inauguramos fabulações que inventam com as jardinagens e as plantas, as possibilidades de fazer-mundos nas frestas.

Por fim, na última parte tecemos algumas considerações *esquízitas*.

Me lanço à escrita enquanto a escrita se lança em mim. Ela é, desde o início, cartográfica. Os percursos do lápis, dos pigmentos, do teclado, da mão, da caneta, do dedo e da tela traçam linhas. E aquilo que encontro nessas linhas eu devoro e regurgito em palavras aquecidas pelo calor do corpo. Muitos caminhos já se enunciaram enquanto escrevemos. Alguns, de tão insistentes, viraram marcas, quase pediram passagem para existir no texto. Numa escrita rizomática os pensamentos se comunicam por frestas e microfendas, atravessando-se sem precisar formar um centro. Não me apego se, durante a leitura, certos sentidos apenas sobrevoarem, deixamos que sigam. Alguns terão mais potência e se atualizarão, outros permanecem como um uivo tímido, exigindo atenção para ser ouvido e, quando se escuta, percebe-se que os lobos sempre estiveram uivando.

O PARADOXO DO RETORNO

[...] duvido que haja nesta sala quem tenha renunciado legal e publicamente à diferença sexual e tenha sido aceito (Preciado, 2022, p. 11).

o bater, o sempre apanhar, e o performar

Há cerca de 6 anos, em 2020, quando ingressava no Mestrado em Educação e estava fazendo disciplinas que discutiam decolonialidades, questão de corpos, gêneros e sexualidades, e questões étnicas da Latino América, atentei-me para uma questão que me chamava muito atenção, porque identificava que alguma coisa não estava certa, ou não fazia sentido quanto às nomenclaturas de gêneros, corpos e sexualidades que eram usadas indiscriminadamente em vários lugares da universidade por professores, estudantes e técnicos. Isso me reverberou até o Doutorado. Sendo uma pessoa transgênero, percebo que o inquietamento à essas questões vêm antes do que o de muitas outras pessoas. De maneira quase que imediata o desconforto quanto à conformidade de gênero domina todo nosso corpo, contamina o humor e os pensamentos. Às vezes, por fora nem hão de perceber a disforia penetrando cada vale do corpo trans, mas faço questão quase sempre de comunicar o que estou sentindo. Defendo que esse perceber-sentir também pode ser utilizado para produção de conhecimento, um conhecimento que dá para sentir-perceber em todo o corpo, e talvez, um conhecimento genuinamente trans.

Quando era criança apanhava muito na escola. Quase toda semana sofria na mão de algum garoto que me violentava. Ora xingamentos, ora tapas, ora socos, enforcamentos, afogamentos... Mesmo sendo a estudante mais inteligente, mesmo fazendo todas as tarefas, mesmo passando cola, mesmo participando de vários grupos de amigos e de atividades de recreação que faziam na escola, ninguém me defendia. NEM-NEM, Nem estudantes, nem professores. “O que havia no meu corpo de criança que permitia predizer toda a minha vida? (Preciado, 2022, p. 18).

Um dia, um professor gay de artes, que provavelmente percebia o que estava acontecendo, me viu num canto do pátio, provavelmente me escondendo para não apanhar,

não me lembro ao certo, e me disse que não poderia abaixar a cabeça, que os meninos que me agrediam estavam sendo homofóbicos e que deveria pedir ajuda.

Eu fui atrás de ajuda... e nunca ninguém ajudou.

Uma outra vez, em casa, alguns anos depois de quando meu professor me disse tal coisa, minha mãe me falou que as risadas e os xingamentos que ouvia eram culpa das pessoas, daqueles meninos idiotas e não minha. Que eram eles os homofóbicos, não eu. Não ela. Me abraçando.

Me lembro de quando minha mãe me disse isso e eu não fazia ideia o que era o que ela estava dizendo. Estava no máximo no quarto ano da escola e tinha de 9 a 10 anos. Eu era uma criança!

Agora adulta, professora LGBTQIAPN+ de Ciências e Biologia, entendo que têm uma questão de apagamento da minha transgeneridade frente à violência que sofria na escola que não foi natural. Foi naturalizada e se naturalizando. E que na infância onde a escola era um ringue para violência, nunca sofri homofobia na verdade. O que sofri foi transfobia, ou melhor, uma homotransfobia.

Segundo as leituras e estudos de corpos, gêneros e sexualidades de *Manifesto Contrassexual*, *Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia* e *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*, de Paul Preciado (2014, 2020, 2022) e *Quem tem medo do Gênero?* de Judith Butler (2024), que tenho entrado em contato ao longo da minha pesquisa, o conceito de cisgeneridade refere-se àquelas pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento. São as pessoas que se sentem em consonância com essa informação natal. Este termo “cisgênero” recebe peso conceitual oposto ao da palavra transgênero. Lembrando que cisgênero não é o gênero da pessoa cis, mas sim a sua modalidade de gênero (Kaas, 2012). A origem do termo vinculado às questões de gênero veio com a publicação dos artigos *Die Transsexuellen und unser nosomorpher Blick (Transsexuais e nossa visão nosomórfica)* parte I (1991a) e II (1991b), e do ensaio *The Neosexual Revolution (A Revolução Neosexual)* (1998) ambos do sexólogo Volkmar Sigusch que usou o termo cissexual (*zissexuell*) em seus trabalhos.

O prefixo cis, tem sua origem derivado do latim *cis-*, que significa “deste lado de”. O termo *trans-*, também prefixo de origem latina, significa “em frente de”, “do outro lado de” (Kaas, 2012). Vemos o uso destes prefixos em várias áreas e contextos como na distinção molecular cis-trans na química, no uso dos termos Ciskei e Transkei empregado pelos pseudoestados de base tribal criados pelo regime do apartheid na África do Sul, indicando aquilo separado pelo rio Kei, e qual era o lado “correto” do rio, e quem estava “deste lado” e “daquele lado” das margens. O nome Transnístria, região separatista da Moldávia, faz menção ao rio Dniester e traz o significado “além do rio Dniestre”, onde ficam os rebeldes. O termo é empregado também em Cisjordânia, como um lugar distinto da Transjordânia, os dois lados do rio Jordão⁵.

*

Ao tentar lembrar como eram essas violências escolares, da dor que senti, não me lembro de mais nada! Tudo passou. Já os xingamentos, perpetuam num espaço da memória até hoje: – vira homem; – muda esse seu jeito; – fala certo; – anda certo; – mulherzinha; – toma jeito de homem. Fui percebendo que os xingamentos e as agressões estavam relacionados mais com o que eu era, como me comportava e me apresentava aos círculos sociais, algo bem próximo e que fala com a expressão de gênero e a identidade de gênero, do que com o que eu fazia enquanto prática sexual, pois não me envolvia sexualmente em relações com pessoas de nenhum gênero, e nenhuma sexualidade. No sentido de não estar apanhando porque eu sou uma pessoa homossexual, que se relaciona com pessoas do mesmo sexo, até porque eu tinha no máximo 9 ou 10 anos e não me questionava e nem me perguntava, ou até mesmo orientava para nenhuma sexualidade conclusiva. Não mantinha nenhuma relação sexual. Eu era uma criança! Então por que os adultos e todos que recorriam alegavam que me batiam por homofobia? Essa é a

⁵ A IUPAC Gold Book (compêndio de terminologia Química) define formalmente os descritores cis/trans e os isômeros cis-trans como convenções para distinguir posições relativas em estruturas moleculares. Na toponímia sul-africana, a *Encyclopaedia Britannica* explicita Ciskei como “this side of the Kei” (“deste lado do Kei”) em contraste com Transkei como “across the Kei” (“do outro lado do Kei”). Já Vladimir Solonari (2016) discute “Transnistria” como um nome forjado no contexto romeno, significando “territory beyond the Dniester River” (“território além do rio Dniester”).
Veja mais em: <https://www.britannica.com/place/Ciskei>;
<https://psi428.cankaya.edu.tr/uploads/files/Solonari-NationalistUtopianismOrientalist-2016.pdf>

nomenclatura correta? Então, por que que ao invés de me insultarem e me baterem mandando-me mudar o jeito de falar e andar, não me insultavam pedindo para eu parar de ficar com pessoas do mesmo sexo? É, talvez essa não seja a nomenclatura correta então para o que aconteceu. E, por isso, a razão da forte crítica tecida aqui ao humanismo colonial europeu e suas taxonomias antropológicas.

Eu apanhava porque já era uma pessoa trans desde a infância. Meu gênero e minha expressão de gênero, de criança-viada, era o suficiente para disparar e encorajar majoritariamente os meninos, a defenderem com socos, empurrões e chutes o que a eles são ensinados sobre noções de feminilidade e masculinidade. “A identidade homossexual sexual, por exemplo, é um acidente sistemático produzido pela maquinaria heterossexual, e estigmatizado como antinatural, anormal e abjeta, em benefício da estabilidade das práticas de produção do natural” (Preciado, 2014, p. 30). Eu estava do “lado de lá”. Apanhava por performar algo diferente, que não se conformizasse em relação as normas de gêneros que habitava a minha antiga escola e os pensamentos de quem me batia.

Apanhava porque eu já era transgênero, e quem me batia, assim como quem não fazia nada e nunca me defendeu, foram pessoas transfóbicas. E que por estarem mergulhadas numa lógica controlada epistemologicamente pela colonialidade, sequer conseguiam nomear tais agressões corretamente como transfóbicas, chamavam de homofobia, ainda chamam. Uma forma estrutural e silenciosa de apagar a existência de pessoas transgênero. – *Chama tudo de viado apanhando que tá ótimo!*

Independente se era homofobia ou transfobia, uma coisa era certa, eu apanhava de qualquer jeito. Então a importância e defesa de chamar algo pelo nome mais adequado é para denunciar que, há uma inadequação quantos aos conceitos que estruturam os estudos de gêneros e que, esses problemas estão fincados e preso a uma lógica cisgênero como padrão e norma, na qual sustenta e deriva os conceitos de gênero que dizem sobre as outras lógicas de entender os corpos, os gêneros e as sexualidades. Eles criando conceitos que falam de nós. E nós?

Foi quando comecei a perceber que existia uma lógica a tratar de tais questões regidas por uma força que retornava à uma única lógica-norma, e que essa força era

completamente paradoxal, pois destoava de como realmente performam os conceitos de corpos, gêneros e sexualidades. Chamei esse movimento de Paradoxo do Retorno.

Preciado me ajudou conseguir observar no Paradoxo do Retorno, o que o autor vai chamar de “uma série de poderes microscópicos”, regidos, nesse caso, principalmente pelas lógicas trazidas pelo regime da diferença sexual. O filósofo (2022, p. 24) comenta que “[...] vivemos imersos na rede política da diferença sexual, e não me refiro apenas às questões administrativas, mas toda uma série de poderes microscópicos que operam sobre nossos corpos e modelam nossos comportamentos.” E mesmo que isso soe como privativo, determinista demais e sufocante, e assim é, o acolhimento que as leituras trazem nos ajudam olhar para aquilo que não estamos vendo.

Se o regime da diferença sexual pode ser concebido como um arcabouço semiotécnico e cognitivo que limita nossa percepção, nossa forma de sentir e de amar, a jornada da transexualidade, por mais tortuosa e desigual que possa parecer, me permitiu experimentar a vida fora desses limites (Preciado, 2022, p. 25).

Ao investigar o que devorava essas lógicas do paradoxo, percebi que o que acontece geralmente é que os discursos tomam como base as pessoas heterossexuais e cisgêneras como os seres “normais”, aqueles que expressam um comportamento verdadeiramente natural da nossa espécie, e a partir desse entendimento de “normalidade” se criam e derivam os conceitos que vão falar dos corpos postos as margens do que é cis, pelas próprias pessoas cisgêneras, como acontece com as identidades transgêneros, não-binárias, lésbicas, gays, assexuais, agêneros e...

O que é uma pessoa transgênero? Uma pessoa que não se adequa ao gênero designado a ela no momento de nascimento, ou uma pessoa que questiona a designação? Com base numa lógica posta de que algo não se adequa, portanto é inadequado, em relação a um padrão, definem o que é trans ou não. Definem o que está desse lado ou daquele lado. E nós transgêneros estamos daquele.

Vamos pensar numa pessoa minutos depois de nascer, uma criança, quais foram os atributos utilizados pela equipe médica, pelos pais e parentes para designar algo e adequar aquele corpo recém-nascido? O que faz a enfermeira pegar a criança no colo e falar: – é um menino mamãe? O sexo dito biológico, ou a manifestação dele em algum nível a ponto de

cumprir essa meta imaginária encravada na psique de todos. Esperava-se de mim que cumprisse trabalhos de gênero e de reprodução sexual eficaz, normativo, esperado-desejado e silencioso. Nem o discurso científico, nem a lei, nem os pais, nem a religião reconhecem a possibilidade de que um corpo possa ser inscrito na sociedade humana sem aceitar a diferença sexual

Essas expressões descritivas pós nascimento é o que Butler e Sedgwick chamam de “invocações performativas” que Preciado (2014) pensa como sendo um conjunto de tecnologias sociais drasticamente influenciadas por heteronormatividades que vão construir constantemente “corpos-homem e corpos-mulher” (2014, p. 28). As invocações performativas ou como chama Preciado (2014) de expressões “performativas de gênero” são modos operantes da linguagem, da política, da educação que se nutrem de poderes a fim de controlar a vida e os corpos. São “carregados historicamente do poder de investir um corpo como masculino ou como feminino, bem como de sancionar os corpos que ameaçam a coerência do sistema sexo/gênero” (2014, p. 28-29).

A inadequação de uma pessoa transgênero ao gênero designado a ela no nascimento, atravessa do campo sexo biológico até o campo do que é o ser uma pessoa trans.

Mas pode isso? O sexo biológico definir deveres e limítrofes de performance de uma identidade de gênero? Essa é a premissa maior dos estudos de corpos, gêneros e sexualidades, e das existências dos gêneros dissidentes, de que: independentemente de qual sexo biológico que você tenha, é possível você possuir uma identidade de gênero qualquer, e uma orientação sexual qualquer, gostar de quem você quiser. E que sexo biológico, orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero são linhas que tensionam umas às outras, se cruzam, puxam, dão nós, são indiscerníveis, porém as vezes distintas. Com Butler (2024) entendemos que o problema não é apenas libertar o gênero do sexo, mas mostrar como o próprio sexo é produzido como categoria estável por normas regulatórias. Quando o sexo é tomado como fundamento natural do gênero, ele opera como tecnologia de inteligibilidade que fixa deveres, limites e reconhecimentos.

A medicina unida a outras disciplinas, que curiosamente eram praticadas basicamente por homens brancos europeus, fundou o regime da diferença sexual. É daí que

vem aquilo que nutre o Paradoxo do Retorno, a baía de mares dos antagonismos, esta é a tese de Preciado e de Butler. Como traz Preciado (2022, p. 54) em uma citação necessária;

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, as novas técnicas médicas e visuais deram origem progressivamente, a uma “estética da diferença sexual” que opõe a anatomia do pênis à da vagina, os ovários aos testículos, a produção de espermatozoides e a reprodução uterina, os cromossomos x e y, mas também o trabalho produtivo masculino e a domesticidade reprodutiva feminina. Uma nova epistemologia binária, baseada num sistema de oposições entre os sexos, é estabelecida com os tratados biológicos de Lineu, Georges Cuvier e Georges du Buffon, com as teorias genéticas de Hermann Henking, [...] com os tratados de obstetrícia de Alfred Louis Velpeau e Charles Clay e com a ginecologia colonial de J. Marion Sim.

Ao criarem conceitos que tratam de gênero, que desconsiderem outros campos nos quais nossa vida flui, tomando o sexo biológico como padrão, esgotado pelo regime da diferença sexual, baseando nos conceitos biológicos científicos para definições de questões de gênero, não estão (aqueles que criam conceitos sobre essa perspectiva) fazendo um movimento que reforça as ideias de que existe um padrão natural da nossa espécie e que ele é binário, fático, masculino e cisgênero?

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com a sua “natureza” (relações heterossexuais) [...] A arquitetura é política. (Preciado, 2014, p. 31).

Esse é um *looping* epistemológico que percebi ser típico de acontecer em epistemologias coloniais. É o aprisionamento colonialista que invade até o cerne do pensamento, a epistemologia, a linguística, para garantir que haja um retorno a tal aprisionamento sempre. Faz da vida e do viver uma capitania de exploração eterna, contínua, insaciável... Toda uma lógica de pensar partindo de um único ponto, que teoricamente e epistemologicamente não reconhece, não valoriza e não considera nenhuma das diferenças nas formas de viver, de amar, de ser. Um paradoxo epistemológico nesse campo que, sempre para falar do outro, da diferença, retorna à ideia de um padrão, um mesmo comum natural, verdadeiro e normal. O Paradoxo do Retorno.

Essa epistemologia frágil é algo que desejei desprender na construção minha tese, é uma das estratégias de decolonizar o pensamento. Afastar de epistemologias que

experimentam os conceitos que são fundados a partir desse entendimento de outro, no qual se trás atrás sempre um mesmo cis. “O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições⁶ (Preciado, 2014, p. 27)”.

Pessoas transgêneros não crescemos como nós mesmos, crescemos interpretando uma versão de nós que sacrifica nossa autenticidade para minimizar a humilhação e o preconceito. A grande tarefa da nossa vida adulta é distinguir quais partes de nós foram criadas para nos protegerem e como elas afetam nossas relações. O que foi preciso inventarmos para resistir a essa domesticação, sobreviver a esse processo sistemático de aniquilação das nossas potências vitais que se organizam em nosso entorno durante toda a infância e adolescência. Nós já nascemos decepcionando nossos pais e parentes, batalhamos contra o governo para existir, somos rotulados por religiões, passamos por *bullying* na infância, exigimos sermos os melhores na escola, sobrevivemos às pragas políticas e epistemológicas, e ainda assim conseguimos levantar a cabeça e ocupar espaços inimagináveis.

Mas para que esse sentimento de potência, libertação e ocupação não floresça, somos rodeados por forças que tensionam nosso mundo a nos alocarem sempre a uma margem. Seja ela cultural, política, biológica ou filosófica, sempre uma margem. A resistência nesse sentido se faz como recusa a qualquer atividade que prive e determine qualquer pessoa. Pensando com Butler (2024);

A tarefa que se apresenta diante de nós é tentar compreender essa escalada cada vez mais acelerada e essa combinação de perigos potenciais e literais, e questionar como podemos combater um fantasma desse tamanho e intensidade antes que ele chegue ainda mais próximo da erradicação da justiça reprodutiva, dos direitos de mulheres, os direitos de pessoas trans e não binárias, das liberdades gays e lésbicas e de todos os esforços para

⁶ Defendo que é uma estratégia potente também para adentrarmos a sociedade Contrassexual (Preciado, 2014), que situa os corpos fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade e é contra a familiarização do que é possível para o desejo. “A questão não reside em privilegiar uma marca (feminina ou neutra) para levar a cabo uma discriminação positiva, tampouco em inventar um novo pronome que escape da dominação masculina e designasse uma posição de enunciação inocente, uma origem nova e pura para a razão, um ponto zero no qual surgisse uma voz política Imaculada [...] Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à sexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação (2014, p. 27)”.

alcançar a paridade e a justiça sexual e de gênero, sem mencionar a censura direcionada ao discurso público livre e à academia (Butler, 2024, p. 14-15)

o nome, o nu e o retorno

Essa segunda narrativa que teço, relaciona-se ao chamar e ao ser chamado que me acompanhou e acompanha diariamente. Por ser uma pessoa transgênero, assim que aceita por mim mesma a minha identidade de gênero, a primeira coisa que invadiu meu corpo trans deslocando sinestesticamente a quem eu era do que eu parecia ser, era o meu nome⁷. Geralmente na maioria dos países ocidentalizados, as pessoas recebem um nome ao nascer. É uma tradição. Num momento determinado na humanidade em que a cultura de gênero havia dominado a nomenclatura de corpos humanos, passaram a chamar as pessoas por nomes que as colocam em um lugar delimitado como homem ou mulher. Poucos são os nomes que deslisam entre essa norma, podendo pertencer a mais de um gênero. Tanto a masculinidade, quanto a feminilidade “trata-se de crenças⁸” (Preciado, 2022, p. 12), e a ideia de homens e mulheres naturais são apenas inscrições de um dispositivo político. É assim que se cria um corpo marcado pelo discurso médico e jurídico como “transexual” ou “anormal”.

Nesse sentido, a primeira afirmativa de gênero que parte de alguém para uma pessoa, sobre um corpo, acontece de acordo com o nível de conformidade alcançado nesse encontro, partindo daquele que observa alguém, e se baseando no que a pessoa performa, como ela se veste, se comunica. Mas com certeza, a segunda etapa de uma conformidade naquele, ou noutra gênero é o nome que você tem. É uma marca, dada por aqueles que te

⁷ Em *Princípios para uma sociedade Contrassexual*, Preciado (2014, p. 35) no ARTIGO 2, sobre os nomes escreve: “Para evitar a reapropriação dos corpos como feminino ou masculino, no sistema social, cada novo corpo (quer dizer, cada novo contratante) terá um contranome, um novo nome que escape as marcas de gênero, seja qual for a língua empregada. Em primeiro momento e com o fim de desestabilizar o sistema hétero centrado, é possível escolher um nome do sexo oposto ou utilizar alternativamente um nome masculino e um nome feminino”. Que sociedade é essa? Quanto basta para sermos apresentados a ela?

⁸ Na visão de Preciado (2022) crença tem a ver com a “naturalização” do dispositivo político no qual se inscreve a suposição de que existe “homens e mulheres naturais” (2022, p. 12), ou que toma a masculinidade e a feminilidade como fatos naturais.

precederam e que carrega a informação de que: eles te viram nu, pois assim veio o mundo, e seu órgão reprodutor é tal ou tal, e que você performará e deverá ser conformado ou inconformado com essa realidade que foi dada pela natureza, processo que vem com a invocação performativa e nos faz pensar que nenhum de nós escapou dessa fragmentação do corpo, ou da atribuição do sexo. A noção de que é efetivo atribuir um sexo aos corpos no nascimento, torna a nutrir essa performatividade. E essa efetividade segundo Preciado (2014, p. 130) é o que delimita os órgãos e suas possíveis funções e utilização. “Redesenha literalmente os órgãos”. E mesmo que o órgão reprodutor não seja tal, nem tal, nenhum, ou vários, ou um híbrido e todas as outras expressões que há na nossa espécie, haverá um sinal, que parte do nome, que vai em direção para quem recebe a informação de que a pessoa deve performar dentro dos limites relacionados ou ao ser homem, ou ao ser mulher.

Quando se é uma pessoa trans, o nome que foi escolhido para nós, carrega essa informação muito íntima de forma nada sutil. Conseguimos sentir em todo o corpo o gênero redefinindo seus limites, percebemos quando ele caminha na beira, quando pisa em outra margem. E fazemos o que é necessário para que esse limite seja respeitado, para todo o corpo saber que o foi. “Esse despertar é uma revolução. Trata-se de uma sublevação molecular. Um assalto contra o poder do ego hétero patriarcal, da identidade e do nome. É um processo de decolonização do corpo (Preciado, 2022, p. 37)”. O nome sendo uma mensagem que reafirma uma ideia ligada ao sexo biológico, mas incorporado e expressado pelo nosso gênero é novamente as linhas sexo biológico X identidade X expressão de gênero se tensionando, testando arrebentos e desgaste dos fios.

Quando mudei meu nome para outro daquele que haviam me dado no nascimento, esperei 18 anos para fazer. Mesmo sabendo desde antes que aquele nome não era meu e nem combinava comigo. Assim que completei maioridade percorri muitos sons em uma vastidão de músicas, grunhido, esturros, piados. E dei vida a mim como quem queima tudo que deve ser quente e queimado. Pouco antes dessa época, em meados de 2011 e 2012 as pessoas transgêneros também alteravam seus nomes, essa prática comum historicamente

no Brasil⁹, porém judicialmente os caminhos eram muito burocráticos e estruturalmente transfóbicos e o direito de conseguir alteração nos documentos oficiais de identificação social era conquistado por poucas pessoas. Então ocorria um movimento de “aceitação” da comunidade que essas pessoas trans conviviam, de socialmente chamá-la pelo nome que escolheram, ou que desejam ser chamadas. Como forma de respeito, e numa cadeia de acontecimento em algum certo momento, até como uma forma de reconhecimento desse outro gênero no espaço. Na escola, mesmo que os amigos, os colegas, os professores e funcionários me chamavam pelo nome escolhido por mim, o nome que é social, na carteirinha de notas, na lista impressa da chamada, na camisa do time de vôlei, no armário do grêmio e no diploma, o nome morto estava lá. Em letras garrafais, enfeitando a força, um gênero que não combinava com ele.

Ao ingressar na universidade não havia possibilidade também de retificar o nome para um outro mais desejado. O que podia era o mesmo que pude experimentar na escola: há um consenso de respeito às pessoas LGBTQIAPN+ e de chamá-las como desejam. Sempre como uma camada velada, silenciosa, nas entrelinhas das relações institucionais que se estabelecem num contexto universitário. Camadas com existências nada justificadas, garantida, ou reconhecida em campos administrativos, jurídicos e bancários. A quem recorrer, ou qual saída tomar quando as necessidades do meu gênero vazarem para além da movimentação do próprio coletivo e dos grupos de colegas, amigos e professores? A ninguém, como na escola fundamental.

Eu tinha uma metodologia de modificação de nome e apresentação enquanto pessoa transgênero, na época minha expressão de gênero travesti era de baixa

⁹ Embora o reconhecimento institucional do nome social e a simplificação dos caminhos para retificação civil sejam conquistas relativamente recentes no Brasil, a adoção de nomes escolhidos por travestis e outras pessoas trans constitui uma prática social anterior à normatização estatal, documentada por trabalhos como o *Eu me cuido, mona – saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem*, de Larissa Pelúcio (2007). Disponível em: PELUCIO, L. *Eu me cuido, mona: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem*. In: *Anais do Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania LGBTQI, Florianópolis, 2007*. https://www.clam.org.br/uploads/conteudo/travestis_clam.pdf

passibilidade¹⁰, e aprendi esse truque com uma travesti com alta passibilidade que cursava psicologia e havia ingressado na faculdade poucos semestres antes de mim. Quando conseguia, chegava antes de todos os outros estudantes, e ficava esperando o professor ou professora na porta da sala. No primeiro encontro nosso, ali na porta, já comentava que eu era uma pessoa travesti e que ainda não havia retificado meu nome, e se caso o professor ou professora fosse inaugurar o encontro pela chamada, se ela, ou ele, já poderiam alterar, ou escrever meu nome social correto, que tem força de queimar, na frente do nome morto. Segurava uma caneta bic azul quase sempre nesses encontros. Para que pudesse ou já reduzir esforços que poderiam levar a negação do feito pelo professor ou professora ou até mesmo reduzir a má vontade que ora, poderia voltar como indisposição para fazer a correção do nome na chamada. Essa tática, quase... quase sempre deu certo: defrontar na porta da sala!

Antes mesmo de conhecer o restante da turma, uma travesti já barra o educador, que se espanta, pois estava todo focado no primeiro encontro de aula. É uma boa maneira de *acontecimentalizar* um encontro: aproveitar a frenesi daquele devir para disparar outros devires, devir estudante-trans tentando produzir contratos sociais que a poupe da vergonha, da transfobia, dos risinhos, das chacotas.

Lembro que as professoras mulheres acatavam mais que os professores homens. E eles, ao se sentirem tão desterritorializados com tal cena, gaguejavam sons indecifráveis e desafogavam a laringe para abrir um corredor grave e roco do som. Nesse primeiro

¹⁰ Utilizo passabilidade aqui no sentido que traz De Pontes e Da Silva (2017), em seu trabalho *Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans*, onde as autoras em interlocução com pessoas trans discutem o conceito de passabilidade com base nas trajetórias de transição das próprias pessoas trans. Segundo as autoras (2017): “a noção de ‘passabilidade’ [...] expõe o desenvolvimento de contornos e traços corporais que, no limite, garantem a possibilidade de uma pessoa [trans] ser reconhecida como cisgênera” (2017, p. 403). A transição de sexo-gênero passa assim a ser uma produção de corporalidade que busca atingir as expectativas normativas para sexo e gênero. “Ao estabelecer como objetivo último da transição a possibilidade de ‘passar por cis’, a experiência da passabilidade como horizonte normativo acaba por definir e aplicar valores aos corpos e, por conseguinte, aos próprios sujeitos, explicitando relações de hierarquia” (2017, p. 403-404).

encontro os professores homens cis sempre tendem a engrossar a voz¹¹, o que soa como reforço da identidade deles, que está posta qual é, frente a minha que subverte a lógica binária. – Lá na hora da chamada vemos isso!

Outro truque que eu utilizava quando por algum motivo não conseguia chegar a tempo de encontrar os professores e professoras na porta, seja porque me atrasei, ou porque a entrada deles perdia-se do meu controle, era de não responder a chamada. Ao ouvir chamarem por um nome que eu desejava que caísse no esquecimento, fingia que não conhecia o estudante que deduziam ter faltado a primeira aula. Alguns colegas de sala que sabiam da situação flamejavam olhares para mim, como quem quisessem que eu respondesse ao chamado. Outros, transfóbicos, acenavam a cabeça em sinal de negação ao me ver ignorar o chamado que evocava dos professores na chamada: - Fulano, fulano, fulano... E a cabeça do menino branco balançava a cada vez que a proparoxítone era profanada. E eu deixava balançar.

No final da aula, corria para a mesa do professor, antes que fechasse o diário físico, e dizia que eu era o bendito nome que ele chamou tantas vezes e não obteve resposta. Mas que esse nome havia um pequeno “errinho” de digitação. Alguns professores não entendiam de imediato, ou entendiam e não acreditavam no que estava acontecendo, pois, uma travesti devidamente montada, dizendo que um nome masculinizado estava digitado incorretamente, para mim só soa como uma entrada para esse movimento de pedir para ser chamada por um nome que mais lhe parecesse o gênero.

Quando diretamente entendiam, perguntavam como gostaria de ser chamada, e anotavam de caneta bico fino na frente do nome que seria excluído. Alguns rabiscavam o

¹¹ Preciado (2018) em *Testo Junkie – Sexo, drogas e biopolítica na era Farmacopornográfica*, discute que o timbre da voz assim como os pelos faciais são cruciais para o reforço daquilo entendido como virilidade. Podemos afirmar que são invocações performativas criadas para alocar as qualidades masculinas e femininas dos corpos. É uma performatividade política que resulta em uma tecnologia que fabrica os corpos. Como aparece em *Testo Junkie*: “Dois pequenos problemas somatopolíticos que modificariam a codificação visual e auditiva de gênero são a pilosidade facial e a mudança da voz. Parece estranho que, no Ocidente, no início do século XXI, em uma sociedade extremamente high tech na gestão da reprodução, a decodificação do gênero se reduza ao pelo facial e ao timbre da voz [...] deixamos então de falar de homens e mulheres e digamos simplesmente corpos com pelo facial e sem pelo facial, corpos com voz aguda e com voz grave. Estas coisas não são só um detalhe, mas significantes políticos cruciais com a capacidade de colocar em questão a ideia de virilidade como prerrogativa natural dos homens (Preciado, 2018, p. 242).

nome para incluir o novo. Outros colocavam entre parênteses, alguns escreviam no final da linha e esses era os mais perigosos, que ao lerem despercebido sempre utilizavam o nome digitado pelo instituto e entregue na chamada ao invés daquele que tinham aceitado acrescentar e me chamar por ele durante as aulas.

Foi um movimento que fiz, todo primeiro dia de aula, em todas as disciplinas, com todos os professores, durante um total de 2 anos. Cursando cerca de 8 disciplinas por semestre, 32 disciplinas, 32 professores e professoras, que expus minha vulnerabilidade quanto a marca de gênero que meu nome masculinizado até então civil levava. Isso desconsiderando as aulas que havia dois professores dividindo os conteúdos. Situações estas, que quando ocorriam eu tinha que repetir todo o movimento de inclusão do meu nome social de novo.

Em 2016, dois anos após ingressar na Graduação, a universidade acatou um movimento que ocorria em paralelo a outras instituições brasileiras de aderir ao nome social para que os estudantes transgêneros pudessem solicitar a inclusão do nome que desejam ser chamados e chamadas no momento de matrícula. E para aquelas pessoas que entraram antes dessa normativa, pudessem corrigir junto ao atendimento ao aluno da universidade. Tal resolução possibilitou que em documentos institucionais que não dariam margem à dubiedade de nome, nem a falsificação ideológica, se pudesse alterar para que não ficasse mais exposto o nome não retificado das pessoas transgêneros. Isso incluía a chamada, o currículo lattes, o nome impresso na carteirinha estudantil e o nome que aparecesse no cartão da biblioteca. Lugares de convívio social que claramente, com um bisbilhotar, ou até mesmo por ter que conviver ao lado numa fila, numa carteira ou numa ala de atendimento, você consegue saber qual o nome da pessoa ao lado. Seja porque ela esteja falando, ou porque os atendentes, ou professores/as, diretores/as falam ao se referir a você. Isso contribuiu muito para que a vergonha que sentimos ao ser revelado nosso nome não retificado seja menor, e para que pessoas transgêneros não tenham que elaborar métodos de abordagem de educadores, para pedirem para serem reconhecidas como pessoas trans e chamadas como desejam ser reconhecidas.

A partir de 2016 não precisei abordar professor e nem professora nenhuma. Chegava na sala como os outros estudantes chegavam: com a simples vontade de sentar-se,

de encontrar um lugar mais confortável. Pude chegar na sala e escolher sentar-me perto dos meus amigos e amigas ao invés de pegar o local que sobrava após ter ficado plantada na porta esperando o educador chegar. Pude ouvir e vê-los lendo o nome da lista de chamada, como de praxe fazia com o de todo mundo, seja digitalizado, ou impresso em jato laser preto o meu nome estaria correto agora. Sem vergonhas, sem metodologias de espreita, sem ter que reagir a nenhum olhar, a nenhum balançar de cabeça.

Em 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro realizou o julgamento da ação direta julgada procedente 4275 (ADI/4275¹²) do Relator Ministro Marco Aurélio, e reconheceu o direito à mudança do campo prenome e do campo sexo no registro civil para pessoas transgêneros sem a necessidade de apresentação de laudo médico atestando a transgeneridade, travestilidade ou transexualidade de uma pessoa.

Com a manifestação do STF, a Corregedoria Nacional de Justiça (CNJ) publicou o Provimento nº 73/2018¹³, padronizando a averbação da alteração do prenome e do gênero no Registro Civil das Pessoas Naturais. A partir desse momento, as pessoas transgêneros e travestis do Brasil puderam ter o direito garantido à retificação do nome de acordo com o desejo e a conformidade que cada um escolhesse para si e para sua identidade de gênero. Foi um marco importante para a comunidade LGBTQIAPN+, com foco para as identidades de gênero em que o nome faz uma marca negativa de gênero que causa desconfortos e danos imensuráveis à nossa saúde mental e física. Após o provimento 73/2018 do CNJ que facilitava a retificação do nome de pessoas transgênero, que agora não precisavam mais de uma via judicial para conseguir o direito de mudança e puderam passar a realizar o pedido diretamente nos cartórios de registros civis, dez mil pessoas

¹² Ação Direta De Inconstitucionalidade 4.275 Distrito Federal, inteiro teor disponível em - <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=749297200>.

¹³ Provimento disponível online em: [https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2623#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20averba%C3%A7%C3%A3o%20da,das%20Pessoas%20Naturais%20\(RCPN\).&text=CONSIDERANDO%20o%20poder%20de%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o,praticados%20por%20seus%20%C3%B3rg%C3%A3os%20%5Bart](https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2623#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20averba%C3%A7%C3%A3o%20da,das%20Pessoas%20Naturais%20(RCPN).&text=CONSIDERANDO%20o%20poder%20de%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o,praticados%20por%20seus%20%C3%B3rg%C3%A3os%20%5Bart).

transgêneros e travestis retificaram seus nomes de 2018 a 2023 segundo levantamentos da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil)¹⁴.

Poucos meses após o julgamento do STF, alguns colegas deram entrada no pedido de retificação e tiveram uma recepção excelente quanto à retificação, partindo dos profissionais tabelionatos que realizavam o serviço. Porém, uma exigência do provimento da CNJ, era de que a retificação fosse realizada no mesmo cartório que o registro civil havia sido emitido no passado. Sendo que quando impossível, deveria transferir o registro com o nome não retificado primeiro e depois solicitar a alteração. Os gastos relacionados a tais tramites chegavam próximos a três mil reais, dependendo da regional cartorial que o pedido era feito.

O que ocorreu no Brasil, com sua vastidão de tamanho que conhecemos, foi que cartórios e centros de justiça de capitais receberam a informação vinda do CNJ, promoveram a formação de seus profissionais e atualizaram seus sistemas para receber tais demandas. Já cidades do interior dos estados, com pouco índice de população LGBTQIAPN+ e a existência de um único cartório, como é o caso da cidade em que nasci, tal provimento, se quer chegou a alguma pessoa vinculada ao registro de pessoas civis.

Vendo que outras travestis, como eu na época, estavam conseguindo com facilidade, fui tentar fazer o contato com o cartório em que fui registrada somente pela minha mãe e fiquei atônita com as sentenças ouvidas, com as transfobias que elas continham e com o desfecho que recebi. Ouvi que não existia nada disso que eu estava falando. Que jamais o STF e o CNJ iriam fazer uma coisa dessa e que independente da minha “opção sexual”, eu nasci com pênis e tinha que me conformar em ser o homem que sou! A ligação que havia feito ficou muda, e antes de desligarem proferiram que se caso tentasse ir a frente com isso: “– seria denunciada por falsidade ideológica e perturbação dos serviços cartoriais”.

Tal situação me deixou desinquieta e triste.

¹⁴ Pesquisa ARPEN - <https://arpenbrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/06/Transgeneros-2.pdf>. Veja também: https://arpenbrasil.org.br/press_releases/cartorios-do-brasil-registram-mais-de-10-mil-mudancas-de-nome-no-primeiro-ano-da-nova-lei/.

Me fez questionar inclusive meu gênero e minha sexualidade. Decidi não alterar o nome mais. Conviver mais um pouco com o incômodo que sentia, pois acreditava merecer passar por isso. - Quem mandou nascer em uma cidade pequena de interior?

Passaram-se alguns anos e minha identificação enquanto mulher travesti foi-se diluindo e dando forma a outra coisa. Permiti que essa expressão atravessasse minha pele e fosse pegando formas. E após muitos encontros com diferentes pessoas, leituras, reinvestidas em grupos que sentia serem parecidos comigo, consegui me encontrar um pouco mais enquanto uma pessoa não-binária inicialmente, para após uns reajustes do que realmente via-me performando, pude me encontrar enquanto uma pessoa agênero, que é uma das maneiras de expressão da não-binaridade. É entendido nos estudos de gênero que o não-binário é um termo guarda-chuva, capaz de abrigar dentro de si uma infinidade de identidades de gênero. O nome *genderqueer* (ou gênero queer) também é utilizado nesse mesmo sentido.

Os gêneros não-binários rejeitam um binário de gênero tradicional, patriarcal e estrito, imposto pela sociedade no nascimento, porém isso não restringe a possibilidade de haver identificações parciais ou totais com noções de masculinidade ou com de feminilidade. É uma identidade que desafia os dois gêneros pré-estabelecidos. A não-binaridade reúne em si diversas formas de se expressar: há agêneros, bigêneros, trigêneros, pangêneros e gêneros fluidos. E quando saímos de uma leitura ocidentalizada de noções de gênero, encontramos expressões não-ocidentais que também seriam expressões não-binárias como as *hijras*, o terceiro sexo na Índia, e o terceiro gênero Kathoey (กะเทย) na Tailândia, que se expressam em afastamento ao binarismo de gênero.

A ageneridade diferente de outras identidades não-binárias que fazem frente e resistência à uma não implicação de usos binários de gênero, variando em inúmeros espectros que vão do uso da linguagem neutra, dos gêneros das roupas, das combinações de gênero nas roupas, modos de se apresentarem e estarem nos lugares. Agênero é a ausência do gênero, um gênero ausente.

Após mergulhos profundos nas cores presentes em mim. Pensei ser o tempo de voltar a lutar novamente para dar dignidade a quem eu realmente estava sendo. Trazer-me de volta as humanidades roubadas por todo o percurso que passei.

Decidi ir em outro cartório realizar a retificação do nome e gênero, mas agora decidida a alterar o gênero para Agênero, ou gênero nenhum. Dessa vez, já no cartório de uma cidade de interior, porém com maior volume populacional, fui tratada com mais cordialidade, mas tive meu pedido negado, pois a retificação balizada no provimento do CNJ, permitia apenas uma retificação de nome ligada ao gênero, obrigatoriamente, não daria para mudar somente o nome e permanecer no gênero já cadastrado, e não daria para mudar o gênero fora do padrão 0 e 1, binário, masculino e feminino. Me deparei com isso, apenas pessoas transgêneras com passabilidade poderiam gozar do direito de retificação sem movimentação jurídica por trás. No meu caso, caso quisesse dar seguimento ao pedido, precisaria mover uma ação judicial, acompanhada por advogados, que solicitassem à algum juiz ou juíza um alvará para que tal modificação fora do padrão binário ocorresse.

Ao mesmo tempo que fiquei mal, sentia um frio na barriga típico de sentir quando estou prestes a vencer. Algo me falava que não era um não que havia recebido, mas só haviam alterado as regras do jogo para que eu pudesse jogar. E para um jogador que já está em partida, seria inteligente da minha parte conhecer as regras novas para continuar a jogar.

Foi isso que fiz.

Busquei apoio jurídico gratuito com o ESAJUP-UFU, que é o escritório de advocacia social de atendimento gratuito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), composto por professores do curso de Direito da UFU, estudantes do curso, promotores e advogados voluntários que atendiam a população de Uberlândia que conseguisse declarar não ter condições financeiras para arcar com um processo jurídico.

Imediatamente após realizar as solicitações e “provar” que não conseguiria arcar com a ação, fui recebida por dois advogados e um estudante de direito prestes a se formar. Todos Gays cisgêneros. Imediatamente entenderam a situação, me disseram ser possível sim conseguir, e que seria, caso vencesse a ação judicial, o primeiro caso do estado de Minas Gerais a conseguir tal direito. Me deu um frio na barriga, um medo de não conseguir novamente, ou até mesmo trazer olhares, comentários e atravessamentos indesejáveis, transfóbicos e desanimadores.

Porém, os advogados que me receberam foram muito encorajadores, e disseram que fariam de tudo para conseguir que alcançasse o direito que estava exigindo: ter meu nome retificado, alterá-lo no âmbito civil, e ter o gênero constando como agênero.

Dei entrada nos documentos. Assinei inúmeros atestados e declarações, fiz vários registros e fotos de mim, e expedi todas as averbações solicitadas. Depois dessa entrega de documentos um silêncio plainou. Meus advogados disseram que só me restava esperar, que o julgamento não seria presencial, e que nem a minha presença seria necessária. E que antes de ocorrer o julgamento haveria várias etapas jurídicas que seriam cumpridas. Assim fiz, era a melhor saída. Esperar. Lutei antes, reuni forças para seguir as novas regras impostas para alcançar meu tesouro. Meu prêmio, ser chamada como desejava, sem pestanejar frente às pessoas que veriam meu nome não retificado no documento e ter a legitimação da minha existência pelo Estado. Do jeitinho que sou.

Um ano e meio se passou. Confesso que esqueci várias vezes nesse período que estava movendo uma ação judicial. Quando lembrava batia uma tristeza, as vezes sentia coragem de perguntar sobre o andamento com os advogados e as respostas eram sempre as mesmas: - tem que esperar, Keyme.

Um belo dia, recebi uma mensagem dizendo que havia boas notícias. Era da secretaria da ESAJUP. Fiquei sem respirar quando li. Se fosse algo ruim já teriam me falado logo... sendo uma notícia boa, só poderia ter dado certo.

E foi. Estava lá, minha sentença judicial de cerca de 10 páginas. Julgada pela vara da família de Uberlândia. Decido pela alteração de nome para **KEYME**, e de retificação de gênero para **AGÊNERO**. Decisão importante necessária para emissão de todos os documentos que uma pessoa com dignidade civil tem direito de ter no Brasil: Registro Civil, Certidão de nascimento, Título de Eleitor, Carteira do SUS e de Vacinação, Diploma escolar, Diploma universitário, Diploma de Pós-graduação.... Todos agora voltariam a pertencer à Keyme. Ela havia acessado um direito, fruto de toda trajetória que percorreu. Faz mais de 4 anos que abandonei o estatuto jurídico e político de homem. É o tempo da minha liberdade forjada com calor e suor por mim. Paguei com meu corpo e vida o nome que carrego. Um tempo curto para quem está acostumado com o conforto da

normatividade, mas logo quando tudo o que foi aprendido na infância deve ser desaprendido.

[...] A liberdade de gênero e sexual não pode ser de forma alguma uma distribuição mais equitativa da violência, nem uma aceitação mais pop da opressão. A liberdade é um túnel que se cava com as mãos. A liberdade é uma porta de saída. A liberdade – como esse novo nome pelo qual vocês agora me chamam, ou esse rosto vagamente hirsuto que veem diante de si - é algo que se fabrica (Preciado, 2022, p. 23).

Aprendi a ver com Preciado (2022) que havia nascido agora pela segunda vez. Fora da configuração pai-mãe, mas na configuração administração-jurídica. O sistema me obrigou cometer um suicídio legal para autorizar meu renascimento. Presenciei minha morte e meu renascimento. Fui ao mesmo tempo “cadáver” e um “recém-nascido legal”.

Com a sentença em mãos, recorri primeiramente ao cartório de registro civil, retirei uma certidão de nascimento nova, retificada, não sem antes receber olhares lançados a mim devido à “inquietação” que causava nos funcionários do cartório que me receberam. Mas eu não me importava. Havia vencido, o Estado testemunhava e validava minha existência nesse território. Aquelas pessoas não me afetariam mais. Não tinham direito, estavam sem fundamentos.

Com a certidão de nascimento retificada, consegui aos poucos e ao longo de mais três meses ir retificando documento por documento. Até concluir os que precisava para continuar caminhando, indo e vindo, viajando, estudando, votando, comprando, apostando, postando, recebendo...

Toda essa história que mencionei, é permeada até se enxarcar com as inúmeras forças que ecoam do vale do retorno. É um dos exemplos mais paradoxais que passei e presenciei, o agir dessa maquinaria abstrata que concreta corpos e vidas.

Vou elencar alguns paradoxos que percebi nesta narrativa sobre o nome, o nu e o retorno, relacionados às questões sobre corpos, gêneros e sexualidades que sempre provocam, exigem, evocam, naturalizam e retornam a um padrão hétero, cisgênero, masculinizado e patriarcal. Nesse sentido exposto do nome, é onde fica mais compreensível o quão dispostos estão, o Estado, as disciplinas, as instituições, as leis, as epistemologias, a *inadequarem-se* aos estudos, teorias e epistemologias sobre corpos, gêneros e sexualidades,

desde que seja necessário para postular uma norma padrão e natural, ou as lógicas que reforcem essa norma.

O primeiro paradoxo que percebi, atravessou-me os pensamentos logo assim que me foi negado o direito de colocar Agênero na certidão de nascimento diretamente no cartório. O campo reservado à descrição do gênero na certidão de nascimento é nomeado no documento como “SEXO”. Sexo que, nos conceitos de corpos, gêneros e sexualidades, é a linha que mais está sendo lida sobre a luz de questões ditas biológicas que as outras, porém a biologia engana, naturaliza coisas não naturais.

Porém, nesse caso, a biologia não estava sendo levada a sério também. Pois formações cromossômicas, 46XX e 46XY, comumente relacionadas ao “homem” e à “mulher”, devido a um “genocentrismo” como discute Alice Pagan (2017), são apenas duas das várias outras expressões cromossômicas sexuais possíveis na nossa espécie. E os seres humanos com formações 45X0, 45Y0, 47XXY, 47XXX, 48XXXX, 48XXXY, 48XXYY, 49XXXXX, 49XXXXY, 49XXXYY¹⁵, o que está sendo aferido para adequar toda essa diversidade em apenas duas opções? Além do mais, opções estas que são “masculino” e “feminino”, que fazem mais menção às noções de expressão e identidade de gênero, do que ao sexo biológico. “Enriqueceria o debate se não tomarmos como fato que estes elementos biológicos estão diretamente associados a um gênero” (Pagan, 2017, p. 7). Nada é orgânico, tudo é programado.

Preciado (2022) usando a terminologia de Thomas Kuhn, comenta que a “crise do paradigma epistêmico da diferença sexual”, ou seja, toda multiplicidade que salta das formas moleculares que põe em xeque a normatividade poderiam ter dado força para modificar os marcos cognitivos que constroem a designação sexual. Mas o que ocorreu foi justo o contrário, o genocentrismo (Pagan, 2017) persiste, e os corpos genitalmente diferentes

¹⁵ As aneuploidias de cromossomos sexuais (SCA) compõem um espectro de variações para além de 46,XX e 46,XY, algumas mais conhecidas e ensinadas nas aulas de ciências e biologia no ensino básico, como a síndrome de Turner (monossomia X; 45,X), (Gravholt et al., 2024), ou a síndrome de Klinefelter (47,XXY), (Blackburn et al., 2025). Outras configurações são mais incomuns, como a chamada “monossomia Y” (45,Y), que, como cariótipo completo, é considerada não viável, com letalidade embrionária (Ackermann; Bamba, 2014). Há ainda tetrasomias e pentassomias raras, como 48,XXYY, 48,XXXY, 49,XXXXY, 48,XXXX e 49,XXXXX (Blumling et al., 2020; Tartaglia et al., 2011; Shrestha et al., 2025; Shimojima Yamamoto et al., 2024; De Falco et al., 2022).

foram e são declarados e marcados como “monstruosos”, “inviáveis” e “deficientes” (Preciado, 2022, p. 279). A própria multiplicidade das formas de vidas, gera, aqui falando com Preciado (2022) uma realidade desconfortável para quem tem gana de realidades carregadas de normatividade.

Existem, desde o nascimento, corpos que não podem ser caracterizados simplesmente como masculinos ou femininos: pênis pequenos, testículos não formados, falta de útero, variação cromossômicas que vão além do XX/XY... Bebês que põem em xeque a lógica do binarismo (Preciado, 2022, p. 278).

Na tentativa de salvar o paradigma epistêmico da diferença sexual, caíram num movimento típico do Paradoxo do Retorno: misturam as linhas que não se misturam. Envolvem sexo biológico à noção de gênero, embarçando os conceitos, conceitos estes buscados, resgatados do campo da biologia, para reforçar uma ideia natural heterossexual como padrão. Como em uma *Fake News*, que se utiliza jargões científicos, que a maior parte da população analfabeta científica, não irá distinguir ou conseguir definir, porém devido à autoridade biológica e científica, faz parecer ser “verdadeiro”, o “verdadeiro real natural”. Nesse sentido os conceitos biológicos empregados são nada mais que manobras para que continuem reforçando padrões advindos do vale do retorno.

Com Preciado e Butler, podemos fazer mergulhos teóricos importantes que nos ajudam ou a confundir mais ainda, elevar o paradoxo a *n* potência, ou talvez instaurem umas provocações potentes.

Butler (2024), nos pergunta, e quanto ao sexo? Sabemos que os argumentos acerca das diferenças biológicas se baseiam frenética e frequentemente naquilo que é presente ou faltante nos corpos, isso sempre pensando em distinguir “capacidades reprodutivas”, baseadas em concepções sobre a diferenciação dos corpos que não são atuais.

Talvez esse seja um ponto muito crucial para o Paradoxo do Retorno: ter o regime da diferenciação sexual como um elixir que dá força e vida ao paradoxo, seja por qual for o motivo de uma suposta fraqueza. Sempre que conseguimos abalar as lógicas do paradoxo, da diferenciação sexual, ao invés de termos paz para seguir abalando outras estruturas, ao darmos as costas a esse assunto, o elixir entra em cena. Renova-se sob si mesmo, mas não com argumentos novos ou anunciando outros conceitos, mas sempre o mesmo. Nos

acusam de recusar as diferenças biológicas, de ir contra a natureza e nossa biologia. Sempre o mesmo tom, argumentos uníssonos: - Mas e o sexo? É preciso definir o sexo! O sexo e a sexualidade não são propriedades essenciais dos seres, mas antes o produto de lógicas de gestão da vida, produtos do Paradoxo do Retorno, ou como Preciado nomeia, frutos de “tecnologias sociais discursivas”. Não há sexos nem sexualidades “mas usos do corpo reconhecidos como naturais ou sancionados como desviantes” (Preciado, 2020, p. 141).

Butler (2024, p. 177-178) ao criticar as feministas antigênero, tem uma boa resposta para isso:

Dizer que é preciso definir o sexo para compreender discriminação sexual em geral é não reconhecer que estamos tentando retirar de cena os pré-conceitos de sexo, e não temos qualquer desejo de fundamentar nosso feminismo nestes pré-conceitos. Também sustentamos que o sexo não é negado quando questionamos os mecanismos por meio dos quais ele é estabelecido. A atribuição de sexo tem uma longa história e muitas tradições abrem espaço para pessoas que, desde o início, não se enquadram perfeitamente no quadro binário. Negar a existência de pessoas intersexo para defender um argumento polêmico sobre os “fatos” é, na verdade, negar os fatos em favor de um programa político para conservar o binarismo.

Negar os fatos em favor de umas e outras lógicas únicas: o Paradoxo do Retorno. Talvez não somente negar, mas em muitas vezes usá-los, gozarem do seu uso sob uma ótica impregnada de poder, dentro de um quadro referencial circunscrito de normatividade, determinismo biológico, diferenciação do normal e anormal.

Quando Preciado (2022) denuncia a universalidade de aceitação de um regime da diferença sexual para humanos, o autor se aproxima de Butler (2024) e das ideias que discutimos ser intrínsecas ao Paradoxo do Retorno, como sendo essa universalidade provocada por uma epistemologia com intenção econômicas e políticas claras de instaurar um saber anatômico como forma de fazer uma gestão coletiva a nível mundial das energias reprodutivas de todos nós. Preciado (2022), ao mergulhar mais sobre esse assunto, vai dizer, e aqui reforçamos ao que quer o Paradoxo do Retorno, que essa epistemologia do regime da diferença sexual não representa a realidade (é paradoxal), e está mais para uma “máquina performativa que produz e legitima uma ordem política e econômica específica: o patriarcado heterocolonial” (2022, p. 49).

Isso faz o regime da diferença sexual um produto de um sistema histórico de representações. Quando as pessoas apresentam uma identidade de sexo-gênero, isso é o resultado de um processo complexo e dinâmico onde as forças biológicas e sociais já interagiram. As nossas identidades, como Butler (2024) diz, são resultados já bem estabelecidos e estabilizados destes processos. As lógicas do regime da diferenciação sexual e também do Paradoxo do Retorno vão procurar separar as causas biológicas das causas sociais, do que chamamos de sexo-gênero, e isso torna os problemas mais numerosos do que os resolvem. Fazendo essa separação e não admitindo a interação entre elas, perdemos a noção da interação como uma condição do desenvolvimento da vida e de si. É a relação entre. Essas normas paradoxais que estabelecem a diferença entre o que existe e o que não existe social e politicamente, elas instauram uma hierarquia entre os diversos seres. Determinam uma maneira específica de experimentar a realidade.

Entender onde penetra as lógicas do Paradoxo do Retorno nos ajuda a perceber que esses argumentos reprodutivos, biológicos e de sexagem, retornam a uma ideia de fatos biológicos ou até mesmo fatores genéticos, para intencionalmente apagar e fazer parecer “errado” as noções de que aquilo que é biológico interage com vários tipos de mundos sociais para ser ativado. Muitos imaginam que a biologia pode ser abordada separadamente das relações interativas que ativam seus potenciais. Esquecem que todo o corpo é múltiplo.

Com Butler (2024) e Coccia (2018a) eu defendo que esse desconectar advém também da noção de que o ambiente não está no corpo. Mas ele está. Coccia (2018) nos ajuda a pensar sobre isso quando traz sobre a teoria da folha e comenta que são nelas, nas folhas que se desvenda o segredo do que os humanos conhecem como o clima. Usando o conceito de Clima aqui com Coccia (2018a), ele não seria, como aprendi nas aulas de ciências quando criança, o conjunto dos gases que envolvem o globo terrestre. Mas sim aquilo que nos mostra as infinitas misturas de todas as coisas.

O clima é o nome da estrutura metafísica da mistura. Para que haja clima, todos os elementos no interior de um espaço devem a um só tempo estar misturados e ser reconhecíveis — unidos não pela substância, pela forma, pela contiguidade, mas por uma mesma “atmosfera”. Se o mundo é uno, não o é por haver uma única substância ou morfologia universal. No âmbito climático, tudo o que é e foi constitui um mundo. Um clima é o ser da unidade cósmica. Em todo clima a relação entre conteúdo e continente é constantemente reversível: o que é lugar se torna conteúdo,

o que é conteúdo se torna lugar. O meio se faz sujeito e o sujeito meio. Todo clima pressupõe essa inversão topológica constante, essa oscilação que desfaz os contornos entre sujeito e meio, que inverte os papéis. A mistura não é simplesmente a composição dos elementos, mas essa relação de troca topológica (Coccia, 2018a, p. 31).

Nós somos frutos do clima. Somos a própria metafísica da mistura. Entender a realidade de outra maneira que não por meio da mistura, não nos permite entender a própria biologia e o biológico.

O esforço para separar o corpo biológico de seu ambiente pressupõe que o ambiente não está ainda no corpo, como parte de sua própria formação. Se “o ambiente” for entendido como uma realidade externa circundante, separada e distanciada desse eu biológico, nenhuma explicação sobre o desenvolvimento ou a formação desse eu biológico é verdadeiramente possível (Butler, 2024, 184)

Quando o Paradoxo do Retorno nos empurra a um regime de determinismo biológico, nessa operação, nesse empurrar, a biologia é artificialmente isolada de suas condições de formação, se esquecem o que é o Clima, como se o ambiente fosse um exterior tardio e o corpo um interior autossuficiente, mas tal separação é precisamente o que inviabiliza qualquer explicação séria do desenvolvimento e formação desse “eu biológico” que traz Butler (2024).

O corpo não “seria” o que é sem que essas conexões permanecessem vivas, sem essas vidas relacionadas, o que significa que a vida do corpo já é, e está continuamente, ligada a outras formas vivas. Essa interação formativa descreve mais de perto o que um corpo “é”, ou seja, seu crescimento, seu modo de se tornar e sua relacionalidade constitutiva (Butler, 2024, 184).

Mas por que a biologia, a diferenciação anatômica, a diferença sexual, o ter e o não ter presente a genitalidade é tão cara para manter as normas patriarcais e heterossexuais? A diferença genital amplamente promulgada masculina-feminina é na realidade uma estética, é um conjunto de normas que se criam e transformam conforme uma escala de valores guardadas no Paradoxo do Retorno, segundo a qual só existem duas possibilidades do humano, aqui pensando com Preciado (2020, p. 279): “pênis penetrante e vagina penetrada”. Somos vítimas da padronização das formas possíveis e cabíveis para os corpos humanos, só o que cabe nas lógicas genitais heterocêntricas.

A ideia de homem e mulher definidos como anatomicamente diferentes e complementares pelo seu poder reprodutivo, não tem significado fora de uma epistemologia sexual. A anatomia não pode ser o fundamento sobre o qual se apoiam as agendas políticas e os juízos morais, pois a própria disciplina anatomia humana é um sistema de representação historicamente fabricado, resultado de convenções políticas e sociais construídas. Butler (2024) ao estudar raça, colonialidade e dimorfismo de gênero nos traz argumentos interessantes para podermos formularmos: De onde veio isso? “Quando e como o gênero foi imposto a força?” (Butler, 2024, p. 221).

O idealismo dimórfico do gênero tem sido atribuído ao poder colonial e como o escravismo, tem uma história longa e violenta. A escritora nigeriana, Oyèrónke Oyewùmí (2002), em seu texto “Conceptualizing Gender” mostra como as potências coloniais impuseram normas de gênero aos corpos negros que naturalizaram e idealizaram normas heteronormativas brancas e europeias. Butler (2024) assim como Oyewùmí (2002), vão dizer que o binário como o possível para os gêneros, não é apenas uma consequência das formas de poder coloniais, mas sim “o binário é concebido como obrigatório e ideal através de forças materiais e sociais conforme elas trabalham juntas” (Butler, 2024, p. 222). Ao nos opormos ao colonialismo, também estamos nos opondo às normas heterossexuais impostas pelo Ocidente. Assim como todas as outras impregnações marcadas em nós pelo colonialismo, as questões referentes aos corpos gêneros e sexualidades não estão isentas. Isso nos faz pensar que gênero e raça realmente andam juntos. É por meio e com o colonialismo que uma vasta gama de normas sociais está em funcionamento produzindo ideias de sexos estritamente binários, naturais e óbvios anatomicamente.

O que a colonialidade fez, e aqui conseguindo dialogar também com as escritas de Preciado (2022, p. 60), foi “inventar uma tecnologia, um conjunto de práticas discursivas e terapêuticas que permitam “normalizar” as oposições “homem” e “mulher” e suas identificações sexuais e coloniais dominantes e desviantes”. Porém, como Butler (2024) traz, embasada no trabalho¹⁶ do teórico cultural transgênero C. Riley Snorton, as mulheres negras escravizadas não tiveram gênero por muito tempo. Assim como os homens negros.

¹⁶ No trabalho *Black in Both Sides: A Racial History of Trans Identity*, o autor C. Riley Snorton documenta uma história das técnicas ginecológicas realizadas durante e após a escravidão em mulheres negras.

Elas e eles eram entendidos como apenas carne! Objetos de estudo, ou nos termos de Butler (2024) “estruturas capacitantes” no sentido de poderem ser estudadas, investigadas para capacitar a medicina, no caso da investigação de Snorton, a medicina ginecológica. Foi a partir dos corpos das mulheres negras, que eram apenas vistas como carne e não mulheres, pois mulheres eram unicamente seres brancos, que se tornou possível o que chamamos hoje de medicina feminina. Na história da colonialidade o gênero só chega com a branquitude. “Fora das normas da branquitude, os corpos tornam-se carne, indiferenciados e desprovidos de gênero” (Butler, 2024, p. 226).

*

Um segundo traço paradoxal da narrativa o nome, o nu e o retorno, é a discussão posta em pauta e aprovada pela Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados sobre a não autorização do casamento entre pessoas do mesmo sexo no Brasil, nem a equiparação destas uniões com uma entidade familiar (PL 5167/2009¹⁷). Esse movimento põe em risco desfazer inclusive casamentos entre casais homossexuais, realizados desde 2011, quando iniciou-se a permissão para realização de uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo no País, a partir do julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade 4277 (ADI/4277¹⁸) e da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 132 (ADPF/132¹⁹). Tal projeto de lei (PL) 5167 foi posto em votação pelo relator deputado Pastor Eurico (PL-PE), e está em trâmite (como se encontra em janeiro de 2026) nas comissões de Direitos Humanos e de Constituição e Justiça da Casa. Movimentando atores contra o retrocesso como algumas redes de mídias, ongs, grupos de militantes de esquerda e simpáticos da democracia. Mas também, movimentando muitos atores a favor da nova proibição como algumas redes de mídias, conservadores, religiosos ortodoxos e a extrema direita. Esse PL, que torço para que não

¹⁷ Inteiro teor do texto em:
<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=432967>.

¹⁸ Inteiro teor do texto em:
<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628635>.

¹⁹ Inteiro teor do texto em:
<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>.

vá para frente²⁰, também destorce alguns conceitos de corpos, gêneros e sexualidades, abastecendo-se principalmente de conceitos biológicos para as arguições, que não fazem sentidos nem se analisados à luz dos estudos da biologia, nem se analisados a luz dos estudos sociais.

O texto em inteiro teor, traz escrito bem definido: “nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo pode equiparar-se ao casamento ou a entidade familiar” (BRASIL, 2009, p.01). Um processo de extermínio político de minorias²¹ dissidentes do regime da diferença sexual estava em curso. Após ver e rever as falas ditas pelos Deputados que votaram a favor do PL durante a sessão de discussão, entendi estarem com foco principal em atacar casamentos de pessoas cisgêneras gays e cisgêneras lésbicas, ou seja, a união estável reconhecida pelo Estado de pessoas que contém no campo SEXO da certidão de nascimento, categorias idênticas. E considerando a binaridade do sistema, as categorias com grande esmagadora parte das pessoas brasileiras é masculina e feminina. Os Deputados usavam argumentos biológicos novamente como questões ligadas à reprodução humana, perpetuação da espécie e fisiologia. O ataque era intencionalmente barrar o direito de pessoas homossexuais de gozarem de direitos familiares e civis. E como sabemos, tais medidas soam também como uma tentativa de apagamento dessas uniões a longo prazo, sendo reforçado para as futuras novas gerações que pessoas homossexuais não poderão se unir, casar, constituir família. É um ato de desencorajamento articulado agora, para no futuro des-lgbtizar o País. Como se fosse possível!

Porém, dentro de toda essa trama, dessa luta de narrativas, percebi que elas evocavam um retorno a uma norma. E curiosamente, vi no retorno saídas, terríveis talvez, mas saídas.

²⁰ Trago a controvérsia do PL 5167/2009 para a narrativa do Paradoxo do Retorno pois é possível ver saltar a retórica biológica (diferença sexual, reprodução, espécie, “natureza”), e a naturalização de uma norma binária e heterossexual como se fosse um fundamento universal. Isso produz incongruências, brechas e efeitos paradoxais. O conflito é político porque atinge os discursos e narrativas que naturalizam a diferença sexual. Se posicionar politicamente é resistir e perfurar. É uma prática de infiltração para ruir as funções normativas e naturalizantes. “Gozem de sua estética da dominação, mas não queiram transformá-la em lei (Preciado, 2022, p. 317)

²¹ Emprego minoria que no sentido deleuziano da palavra, não em termos estatísticos, mas como um segmento social e politicamente oprimido.

Ao imaginar a seguinte situação, percebi como a estrutura mal resolvida em torno do campo SEXO na certidão de nascimento, pode causar distorções e expor o Paradoxo do Retorno. Nos ajuda também a compreender que os códigos culturais da masculinidade e da feminilidade são frívolos se comparados às infinitas modalidades de existência.

Uma pessoa de sexo biológico 46XX, com retificação de nome e gênero nos registros civis, sem consonância daquela esperada socialmente para essa pessoa, vamos supor, que o campo seja masculino, ou não-binário ou até mesmo agênero, e que a expressão de gênero dessa pessoa é feminina, ou feminilizada. Essa pessoa se relaciona amorosamente com uma pessoa cis 46XX, que por ser cis, não retificou seus documentos, estando em consonância ao gênero socialmente atribuído a ela no nascimento.

Essas pessoas se amam e decidem casar-se! Segundo as novas normativas que traz o PL 5167/2009, que citei acima, parece possível? Bom, partindo do ponto do que queriam, aqueles governantes que propuseram o projeto, de barrar uniões civis entre o que eles tentaram descrever como serem indivíduos homo, homônimos, mesmos e iguais: - não! Não seria possível.

Pois, é justamente essa união que querem barrar de acontecer com tais normativas. Porém, como o campo SEXO da certidão de nascimento não traz devidamente o que o conceito propõe seguindo o que eles mesmos defendem como base para decidir o sexo de uma pessoa ao nascimento, perante a leitura inadequada dos conceitos de sexagem em humanos do Estado, essas pessoas são indivíduos de sexos distintos. A confusão está posta. A genitalidade agindo com um indicador “anatômico-político” da diferença sexual é uma invenção muito recente (Preciado, 2022). Porém, em vez de mudar a epistemologia, eles decidem modificar os corpos, normalizar somente algumas sexualidades, apagar as cores, cisgenerificar o que é trans, binarizar o que é um número decimal infinito.

Toda essa situação hipotética construída, mas comum de ocorrer, foi criada com o objetivo de nos movimentar a pensar os percursos que percorre o Paradoxo do Retorno nessa situação: como não há estrutura epistemológica e nem conceitual baseada nos conhecimentos científicos e biológicos, que sustente o campo SEXO restrito a opções dicotômicas nos registros civis, devido ao fato de retornarem, ao empregar os conceitos de maneira manipulada a um padrão binário-hétero e dito natural para construir sua estrutura,

seu fundamento, tal incorporação desse retorno, que visa invisibilizar, desumanizar e deslegitimar, contamina também as leis que são elaboradas partindo da mesma lógica, do mesmo fundamento e estrutura. O PL da proibição de casamentos de pessoas do mesmo sexo, no entanto, não estaria barrando tal situação real de acontecer. Há brechas. O discurso não se sustenta, sequer a propor algo que incluía pessoas transgêneros, nem em momentos que sejam para retirar os direitos delas. É uma situação cômica e trágica, de que a invisibilidade e o abandono trans é tão forte, que essas pessoas sequer são incluídas ou pensadas nas narrativas por nenhum dos lados políticos que compõem a Câmara de Deputados. E devido ao fato de as discussões estarem carregadas de binaridade e de noções heteronormativas para definir questões ligadas à filosofia, à biologia e aos estudos de corpos, gêneros e sexualidades, não fazem nenhum sentido. Não cumprem o que inicialmente e aparentemente desejavam. São paradoxais.

Nessa situação, novamente o Paradoxo do Retorno, se funda utilizando conceitos biológicos distorcidos de sua fundamentação teórica e metodológica, para expressarem preconceitos e tentarem legitimar suas falas e ações, fazendo soar “natural” para que as pessoas continuem a pensar tais questões apenas por um viés binário e heterossexual.

o banheiro, as formas e a fisiologia

Essa terceira narrativa, aconteceu ou não dentro do banheiro feminino em frente à festa que estava participando. Estava nesse banheiro porque me sentia muito incomodada em entrar em um banheiro masculino, pois desde os 17 anos, frequento o banheiro feminino em todos os lugares que vou. Hoje frequento qualquer banheiro e desenvolvi ferramentas para poder transitar entre eles de acordo com o que eu queira fazer em seus espaços. Naquela época que ainda estava assimilando como minha expressão de gênero se adequaria ao meu gênero e ao meu sentir bem, lembro-me de estar vestida com mais peças femininas que masculinas, e estava de cabelos longos, soltos e cacheados. Estava na pia, já tinha feito xixi e estava lavando a mão. Uma travesti entra no banheiro, e assim que vai

direto para a cabine uma mulher cis que também estava no espaço a adverte: - Você tem certeza de que você está no banheiro certo?

Fiquei congelada no momento, pois tinha muito menos passibilidade de gênero, para estar num banheiro plaqueado na porta como feminino, do que a travesti c com alta passibilidade que acabara de entrar. Tive certeza de que seria repreendida em breve também, e por isso acelerei o lavar das mãos para sair o quanto antes do recinto. Não queria que alguma mulher cis, repreendesse minha presença ali, nem mesmo desmoralizasse ou deslegitimasse meu gênero, quem sou e como me vestia. Enquanto enxaguava as mãos, que só não soavam por estarem debaixo d'água, a travesti partiu para cima da mulher que tinha lhe questionado sobre o banheiro.

Ela para na frente dela, coloca as duas mãos sobre o braço e começa a puxá-la em direção à porta. Havia outras pessoas no banheiro. Outras mulheres, e todas ficaram espantadas com a movimentação truculenta, porém nem elas e nem eu reagi ou falei algo. Todas congeladas, e eu só querendo sair dali. A travesti levou a mulher até à porta branca e apontou para a placa de metal, retangular, na parte superior, grafado em rosa claro: 'FEMININO'. Eu já tinha aceitado nesse momento olhar para o que estava acontecendo, deixei de ficar de costas e olhei diretamente para a placa em que batia as unhas pretas e longas da travesti, que perguntava num tom quase de escândalo:

– Está escrito feminino aqui! Você acha que eu sou uma pessoa masculina, ou feminina?

E antes que a mulher cis pudesse dar qualquer resposta, ela tornou a falar:

– Meu cabelo é longo, meu corpo é de mulher, eu tenho seios, estou de maquiagem, não tenho barba e nenhum pelo. Eu sou feminina não acha?

A moça que ainda estava sendo segurada com uma mão pelo braço, mãos que amarrotavam a manga da sua blusa, abaixando a cabeça pediu desculpas.

– Realmente, você é feminina, e deveria usar o banheiro que quiser usar, você está no lugar certo.

A travesti nem respondeu, soltou-lhe o braço continuando um empurrão para fora do banheiro, que pensei estar guardado desde o momento que ela havia a agarrado.

A travesti que estava na porta, entra novamente ao banheiro e pede desculpas a mim e as outras mulheres que estavam presentes, dizendo que não queria gritar na nossa frente, nem nos perturbar naquela noite. Todas ouvimos caladas, estávamos espantadas pela situação. Além de espanto tinha sentido uma movimentação para além de presenciar um barraco, pensando na interpretação jocosa e inteligente que a travesti fez das placas que sinalizam os banheiros.

Assim que estava saindo, para acrescentar ainda mais pensamentos conflitantes, porém louco para pensar outras rotas, ouvi a travesti dizendo algo. Parei onde estava, entre o espelho e a porta de saída para ouvir:

– Se eu tivesse chegado e a placa estivesse desenhada uma vagina, e na outra um pênis, eu teria entrado na que tem o desenho do pênis, porque é isso que eu tenho em meu corpo. Não iria ter conflito nenhum, eu vou de acordo com a sinalização, afinal não é para isso que ela serve?

Segui com meus passos até sair do banheiro e voltei para a festa. Contei todo o ocorrido para meu grupo de amigos, que ficaram surpresos com o desfecho e com a maneira escolhida pela travesti para reivindicar seu direito de frequentar o banheiro que quisesse.

Depois dessa situação, comecei a fotografar portas de banheiro dos lugares que frequentava, lugares públicos ou privados, banheiros coletivos, ou mais restritos, desde que emplacados e com sinalização em suas portas, dos corpos que eram permissíveis ocuparem aqueles espaços. Pensei ser essa uma boa rota para escapar da servidão do regime binário da diferença sexual.

Encontrei banheiro com desenho de homem e mulher, um em azul outro em rosa, letras “m” e “f”, figuras estilizadas de gênero, como um bigode e peitos grandes, desenhos de acessórios de vestuário, uma bolsa e um boné, cores diferentes cobrindo toda placa geralmente rosa e azul, símbolos universais de gênero ♀ e ♂, ícones de animais com um leão e uma leoa, silhuetas pretas de pessoas geralmente um com calça e outro de saia, sinais de energia ⚡ e lua 🌙, sinais de ferramentas de trabalho de jardinagem e flores, ícones de profissões como um operário e uma enfermeira, ícones de esportes como uma rede de vôlei e um gol de futebol, símbolos de bebidas tipo cerveja e uma taça de vinho, símbolos de heróis e heroínas, sinais de personagens Elvis e Marilyn, Adão e Eva, de desenhos

animados, o Mickey e a Miney, ou a Barbie e o Ken, ícones de vegetais e frutas, uma cenoura e uma laranja cortada ao meio, símbolos de astrologia como Touro e Virgem, ícones de transportes, como um caminhão e a proa de um navio.

Essa coleta de signos de portas de banheiro, foi de certa forma me apresentando inúmeras maneiras utilizadas para sinalizar os banheiros e me fazendo refletir porque há tanto preciosismo em relação a esse cômodo. E novamente percebi contaminações advindas do Paradoxo do Retorno.

Independente da criatividade que multiplica as formas de sinalizar o banheiro, todas elas pregam uma binaridade de gênero possível e desejável de ocupar aqueles lugares. Independe do signo utilizado, sempre espera receber em um banheiro homens ou mulheres. E devido a arquitetura dos espaços, mictório em um no outro não, espelho em um no outro não, ducha higiênica em um, no outro não... Fui percebendo que essa noção é construída em cima de uma noção de fisiologia: aqueles com sistema excretor formado por uma uretra estendida, protegida por corpo cavernoso compartilhada com o órgão reprodutor sexual, e aqueles que têm uretra não estendida sendo esta não compartilhada com o sistema reprodutor sexual. Quem foi ensinado a fazer xixi em pé, e quem foi ensinado a fazer sentado. Aquele quem tem o falo, e aqueles que tem a ausência dele. Mas relembro, “não há órgãos sexuais, mas enclaves coloniais de poder (Preciado, 2022, p. 39).

Mijar de pé publicamente é uma das performances constitutivas da masculinidade heterossexual moderna. Desse modo, o discreto mictório grudado na parede na altura do falo, antes de ser um instrumento de higiene, é uma tecnologia de gênero que participa da produção da masculinidade no espaço público. Por isso, os mictórios não estão fechados em cabines com portas, mas sim expostos em espaços abertos ao olhar público, uma vez que mijar de pé entre homens é uma atividade cultural que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aqueles que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens com pênis, ou com tecnologias que os simulam.

Percebemos com ajuda de Preciado (2019) que duas lógicas opostas dominam os banheiros masculinos e femininos. Enquanto o “banheiro de mulheres” é a reprodução do banheiro doméstico no meio do espaço público, o “banheiro dos homens” é uma dobra do espaço público no qual se intensificam as leis de visibilidade e posição ereta que

tradicionalmente definiam o espaço público como espaço de masculinidade. Preciado (2019) ainda afirma que o espaço da cabine com porta, geralmente uma unidade, no banheiro masculino delega privacidade ao ânus, já que integra parte passível de penetração, servindo de certa forma à prevenção da homossexualidade e atestando que ao pênis é permitido e desejado no espaço público, enquanto o ânus, possível comprometedor da virilidade masculina, fica direcionado um lugar isento do olhar, escondido.

Enquanto comportamentos socialmente atribuídos à feminilidade são vistos como demonstração de vulnerabilidade, e orientados (muitas vezes uma orientação forçada) a permanecerem em um lugar de segredo e privação, os comportamentos socialmente atribuídos a masculinidade trazem em seu ideário a necessidade de expor a virilidade, as veias e a glândula onde quer que seja. A segmentação reproduz a epistemologia binária da diferença sexual. Só existem duas opções. Esse regime não é natural, é uma estética da dominação que histórica e sistematicamente foi construída e codificada para perpetuar a diferença de poder.

Os signos utilizados pregados nas portas de banheiro carregam essa informação biológica-fisiológica, essa é a intenção da informação que eles querem passar. É uma informação que serve com aviso prévio dos corpos que serão permitidos naqueles lugares. E o mais interessante, que mesmo banheiros que não tem segurança ou vigilantes, essa “vigilância” continua ocorrendo por parte das próprias pessoas que frequentam aquele lugar. Elas se sentem encorajadas, visto que havia uma sinalização na porta, de reprimir ou advertir caso haja alguma dissidência da placa com o corpo que está transitando naquele lugar.

O Paradoxo do Retorno invade a lógica de sinalização dessas placas e fecha um círculo de possibilidades de existências, de possibilidades do que essas existências desejam fazer nesses banheiros.

O uso dos conceitos biológicos aqui apresenta de maneira mais sutil, entrelinhas, entre imagens, formas e cores. É um recado marcante do que é normal e visto como normal: apenas dois gêneros, que se comportam como são esperados deles comportar-se, se identificando com caminhãozinho e bonecas, com bebidas, com cores, com acessórios, com estilos. Nesse direcionar de corpos que ocorre no banheiro, retorna-se à uma lógica

binária e heterossexual novamente, trazendo da fisiologia e dos conceitos biológicos, mas também dos atributos sociais que são acoplados nas performatividades binárias de gênero da nossa sociedade.

E que são paradoxais, pois, lembrando o que havia dito a travesti que me inspirou a pensar tais questões quando estava prestes ao sair do banheiro, de que se tivesse outro signo que a fizesse se sentir mais adequada, ela optaria por esse símbolo para decidir onde entrar. E se eu for uma pessoa que vou ao shopping ou ao parque, utilizando uma bolsa ao invés de uma mochila e na porta do banheiro, em uma placa de plástico ter desenhado justo uma mochila em um e uma bolsa no outro? Essa seria a orientação a seguir? Ou até mesmo em bares e festas que os símbolos dos banheiros se diferenciam geralmente entre um copo de cerveja e uma taça, e naquela noite estiver bebendo *drinks*? Deveria entrar no banheiro da taça?

É claro, que mesmo com as provocações que trago, a mensagem que traz as portas dos banheiros é bem clara e objetiva: homens cis num banheiro e mulheres cis no outro. Fora desse padrão não tem banheiro, não tem fisiologia, não tem signos. Mas essas provocações nos permitem pensar como é frágil novamente essa utilização de conceitos de acordo com a necessidade compulsória de retornar a um padrão heterossexual e binário. Que por serem aplicados advindos da força do Paradoxo do Retorno, não se encaixam em nenhum campo ou disciplina, geram dubiedades, e estão sendo postos em comunicação apenas para reforçar mais ainda de como deveriam ser os corpos “normais” e quais são os “anormais”, os corpos reconhecíveis e os corpos ilegíveis, os que são admitidos como sujeitos de direitos e os que são empurrados para as margens da cidadania.

Essas três narrativas nos mostram como nós pessoas LGBTQIAPN+ vivemos em um sistema que constantemente nos avisam e alertam que nossas existências não são queridas, desejadas. Ele foi estruturado para que independente da lógica e força que carrega os conceitos, as coisas soem como querem serem soadas e não como deveriam. Tentei destacar alguns momentos que foram importantes para compreender, estudar e investigar essas forças que promovem que qualquer existência diferente da norma, não é bem-vista, nem mesmo incluída ou sequer visibilizada. Fazem de tudo para que as palavras dos subalternos sexuais e de gênero sejam confiscadas pelo discurso da diferença sexual.

A lógica produzida pelo Paradoxo do Retorno é produtora. Produz quais corpos, sexualidades e gêneros serão excluídos, os invisíveis, aqueles e aquelas que serão desumanizados por sua inferioridade que foi forjada. Ela possui uma perspectiva hierárquica inerente a seu circuito onde as diferenças são entendidas como aberrações antinaturais. Tudo que é diferença é visto como um erro. E o que é correto, é julgado se baseando no quão bem performam alguns corpos na reprodução do padrão determinado pelo retorno.

*

Onde fundou-se o paradoxo? Que essa maquinaria é criada, fabricada e produzida assim como nutrida, reforçada, legitimada e alimentada, nós já sabemos e podemos acompanhar pelos compartilhamentos das travessias que trago nessa parte do texto. Algo fabricado tem data de fabricação, assim como, nesse caso, espero ter de validade também. Com Butler (2024) e Preciado (2022, 2020) conseguimos mergulhar nessa fabricação e quem sabe demolir as maquinarias, ruindo a fábrica. O quão doloroso e valente poder ser ouvir o ecoar da violência produzida pela epistemologia binária do Ocidente? “O universo inteiro cortado em dois e somente em dois” (Preciado, 2020, p. 25).

Um argumento compartilhado por Preciado (2022) ao comentar os estudos do psiquiatra e neurologista alemão Carl Westphal, é de que tudo começou no final do século XIX, quando Westphal caracterizou os sujeitos acometidos daquilo que ele chamava de “instinto sexual ao contrário”, seria o que chamamos de dissidente do sistema sexo-gênero? Para Westphal, não havia diferença entre o que chamamos hoje de homossexualidade, pansexualidade, assexualidade e transexualidade, o que contava era a diferença entre “o desejo natural e o desejo contrário à natureza” (Preciado, 2022, p. 70). Esse movimento além de representar que já habitava uma ideia de um natural normal hetero e desejado e inclinar a lógica do discurso totalmente para o lado do regime da diferença sexual e do uso da biologia para construção de argumentos, há algo muito mais motriz que gostei de observar ao mergulhar nas leituras, que é o fato de que a sexualidade reprodutiva heterossexual é tomada como um modelo. E o pensamento de Westphal, segundo Preciado (2022), era obstinado a impregnar a ideia de inversão, de que se o desejo é contrário a natureza, os “dissidentes do sistema” queriam imitar as práticas do outro sexo. Como se a

homossexualidade, a transsexualidade a transgeneridade fosse efeito da migração de uma alma feminina para um corpo masculino, ou visse e versa. O padrão é pré-estabelecido e a partir dele até surgem as outras possibilidades de corpos, gêneros e sexualidade fora do padrão, a centradas, porém rendidas ao centro.

Daí surgiu a representação da psicologia de homossexuais como machos afeminados, anais, passivos, receptivos submetidos aos machos “reais”. E lésbicas como fêmeas masculinas, fálicas, ativas, de bravura. Um imaginário promulgado há 200 anos que ousou dizer que é o que mais ocupa a cosmovisão da comunidade LGBTQIAPN+ brasileira. Aqui há também o primeiro aviso do local que caberia vidas trans: o da não existência, do apagamento total, do nem citado. A troca de alma cabia, porém dentro do padrão binário, 0 e 1. Por isso, que com eloquência Preciado (2020, p. 27-28) em um texto provoca e cutuca:

Permitam me dizer que a homossexualidade e a heterossexualidade não existem fora de uma taxonomia binária e hierárquica que busca preservar a dominação do páter-famílias sobre a reprodução da vida. A homossexualidade heterossexualidade, a intersexualidade e a transexualidade não existem fora de uma epistemologia colonial e capitalista.

Partindo da ideia de “instinto sexual ao contrário” de Westphal, o psicopatologista também alemão Richard von Krafft-Ebing desenvolve categorias de corpos que ocupam o que ele vai chamar de “inversão sexual”. Ao fazer isso Krafft-Ebing inaugura os corpos que vão ser considerados anormais: todos aqueles que cruzarem a linha do que culturalmente para aquele período e aqueles homens, aceito como cis, ou melhor; deste lado, dos seus lados. A lógica de tudo que se pensava, estudava e entendia sobre homossexualidade girava entorno dessas premissas. Estavam gestando o Paradoxo do Retorno. Apenas no final dos anos 1940 que Alfred Kinsey, agora norte americano, que vai usar outros caminhos para definir a homossexualidade com um entendimento mais moderno, como uma relação sexual entre duas pessoas do mesmo sexo.

Essas terminologias que foram escalando acerca das questões sobre corpos, gêneros e sexualidades, antes do pensamento feminista endossar a discussão trazendo outras experiências e realidades, eram obcecadas pela gradação entre o normal e o anormal, o saudável e o patológico e pela diferença e semelhanças anatômicas.

É importante ressaltarmos que essas influências fermentam o pensamento ocidental e europeu sobre as questões de corpos, gêneros e sexualidades. É necessário reconhecermos que houve e ainda há culturas que utilizam taxonomia sexuais e de gênero não binárias, mas fluida e mais complexas do que a taxonomia ocidental Moderna.

Basear-se numa norma para a partir dela criar anormalidade abre vórtex de paradoxos conceituais por todas as partes que colocam em risco as próprias lógicas que “sustentam” essas prisões da normalidade heterossexual.

A transição de gênero e a afirmação de um gênero não binário põem em crise não apenas as noções normativas de masculinidade e de feminilidade, mas também as categorias de heterossexualidade e homossexualidade. [...] Quando afirma a possibilidade de vida social e sexual fora do binarismo da diferença sexual, as identificações de homossexualidade heterossexualidade de ativo e passivo sexual, de penetrador e penetrado, tornam-se também obsoletas (Preciado, 2022, p. 80).

Fazer essa crítica quanto as identidades que formam a nossa própria comunidade não é um apelo radical à neutralização das diferenças, ou a inutilização delas, ou a um encontro ao neutro, cinza, ou mesmo uma inversão das hierarquias que se teceu por aqui. A intenção é que haja na verdade mais despertares pelas formas inúmeras formas de vida, da possibilidade de multiplicação dos desejos que nos deslocam para outros postos, dos que criam devires. Falo para ampliar o horizonte em que há realidades possíveis para que sejamos reconhecidos como sujeitos políticos com corpos vivos, cheios e completos a ponto de não caber condições que possam ser contaminadas pelo regime da diferença sexual. Tomar a palavra para denunciar as categorias que nos construíram como doentes, anormais, criminosos. É uma mudança de perspectiva: a transexualidade, a transgeneridade, a intersexualidade não como patologias, mas como sintomas de inadequação do regime da diferença sexual à nossas vidas e existências, como inadequação às lógicas do Paradoxo do Retorno. Essas categorias são impostas pelo poder heteronormativo, não o território da vida. A cada vez que a travessia é possível, uma cartografia começa a ser desenhada, e com elas novas formas de produção de vidas. “A travessia é o lugar da incerteza, da não evidência, do estranho. E isso não é uma fraqueza, é uma potência. [...] não é o pensamento do medo, é o pensamento que se opõe ao sistema” (Preciado, 2020, p. 32). Falo para despertar um processo de crítica e de invenção de novas terminologias, epistemologias e formas de falar, que tragam soberania corporal e outras subjetividades. Reivindicando uma

reorganização dos sistemas de signos, uma traição dos regimes políticos que dão sentidos cisheteronormativos aos corpos todos. Nossa posição é a da insubmissão epistemológica. Afirmado com uma citação de Preciado (2020, p. 46):

Precisamos inventar novas metodologias de produção do conhecimento e uma nova imaginação política capaz de confrontar a lógica da guerra, a razão heterocolonial e hegemonia do mercado como lugar de produção do valor e da verdade. Não estamos falando simplesmente de uma mudança de regime institucional, de um deslocamento de elites políticas. Falamos da transformação micropolítica dos domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência, do desejo. Trata-se de modificar a produção de signos, a sintaxe, a subjetividade, os modos de produzir e reproduzir a vida. [...] Não estamos falando de mover a Fronteira de lá para cá. De tirar um estado para instalar outro. Estamos falando de descolonizar o mundo, de interromper o Capitalismo Mundial Integrado. Estamos falando de modificar a Terrapólitica.

Retomando a conversa com Butler (2024), pensando aquilo que impõe o pensamento colonial, podemos perceber que os legados da colonialidade para o regime da diferença sexual e para os dimorfismos inerentes a ela, é antes de tudo uma questão de raça. Mas não somente, pois quando a partir de um feminismo decolonial nos opomos ao colonialismo, enquanto regime de exploração e uso de força vital principalmente negra e indígena, estamos nos opondo também às normas heteropatriarcais impostas pela metafísica do Ocidente. Uma vasta gama de normas sociais atuais, estão em funcionamento e produzindo, enquanto reforçam, a ideia de sexo binário como natural e desejado.

Por isso Butler (2024) defende uma libertação não somente das imposições normativas de gênero brancas, mas também uma libertação dos corpos que são obrigados a se tornarem a “superfície” desses gêneros produzidos, herdados e colonizados.

Assim, a crítica às normas brancas de masculino e feminino, impostas violentamente durante o escravismo e em sua longa vida após a morte, bem como a imposição colonial do binarismo de gênero, implica que o que é imposto pelas potências coloniais e racistas e por seus representantes coloniais, é o binarismo de gênero, não seu contrário (Butler, 2024, p. 229).

Foi o colonialismo e as lógicas de expansão que ele se baseou que estabeleceu o referencial binário e heteronormativo para o entendimento “correto” sobre como pensar, viver e experimentar os gêneros. Complexidades e variedades de gêneros e até mesmo sexualidades são encontradas nas mais variadas etnias e culturas pelo mundo, mas assim que a colonização aconteceu nesses vastos lugares, logo nas invasões, ela interrompeu

outros arranjos para as lógicas dos corpos. Eliminou parentescos. Impôs um padrão para sempre que um “desvio” ocorre, poderem saber obviamente ao que retornar para manter a ordem dos gêneros coloniais. Nesse sentido o Paradoxo do Retorno emerge dessa situação apresentando-se como o arcabouço de arranjos conceituais coloniais que dão contexto e sentido-compreensão para pôr em “ordem” as relações normativas de gênero. Nesses arranjos encontramos “a heteronormatividade, o idealismo dimórfico, a família patriarcal e as próprias normas que regem a normatividade” (Butler, 2024, p. 230).

Julgo importante levarmos em conta as mudanças que a colonização trouxe, para as questões de corpos, gêneros e sexualidades para que possamos entender o próprio alcance da organização do sexo e do gênero que advém da força do colonialismo e no interior do capitalismo global. Como Butler (2024, p. 230) citando a filósofa feminista María Lugones sabiamente pontua: “se o capitalismo global eurocêntrico só reconheceu o dimorfismo sexual entre homens e mulheres brancos/as burgueses/as [excluindo todas as vidas negras, indígenas e não europeias, não pode ser verdade que a divisão sexual seja baseada na biologia”. É uma falácia. O gênero binário é imposto pelo colonialismo e por suas doutrinas de determinismo biológico. O uso é tendencioso e direcionado conforme se vê necessidade para manter as ideias de um padrão natural hétero, cis e branco. Põem os conceitos em funções des-conceituantes, os tornam paradoxais e escravos de retornarem às lógicas únicas.

Defendermos que é o poder colonial que organiza o gênero de forma patriarcal e heteronormativa acarreta que a resistência à colonização esteja estreitamente aliada à afirmação de vidas queer, trans e intersexo. O ataque colonial tomou forma através dos mecanismos de regularização do próprio gênero e da produção do binarismo heteronormativo. As lógicas do Paradoxo do Retorno prestam-se justamente para reforçar essas regulamentações. Elas trabalham em prol do processo colonizador.

Entendemos que essa divisão geopolítica imaginária, que reúne de um lado as mulheres, as culturas não europeias, os bárbaros e os selvagens, as sexualidades não heterossexuais, as identidades gays, lésbicas, trans, queers, agêneros, crossdresser, bem como animais, minerais e plantas, são mantidas neste local devido a inúmeros reforços realizados por inúmeras áreas nas nossas vidas, que impregnam nossa leitura de mundo e

nos fazem manter relações que localizam essas existências como rebaixadas, menorizadas, inferiores. Quando não fisicamente nos aniquilam. Todos esses aspectos terríveis que conjuram o Paradoxo do Retorno, dizem respeito à forma como as fronteiras de gênero punem e ameaçam matar as vidas e corpos que tentam ultrapassá-las. Não é a transexualidade, ou a transgeneridade, ou a homossexualidade, ou a assexualidade que é assustadora e perigosa, mas o regime da diferença sexual. A transexualidade, a transgeneridade, a homossexualidade, a assexualidade são grandes artefatos de ficção que construímos coletivamente, “hoje não passam de uma pesada armadura que não produz nada além de morte e opressão” (Preciado, 2022, p. 45). O Paradoxo do Retorno é uma armadura. O edifício, as muralhas, a alvenaria política que sustenta o que chamamos de diferença sexual, esse grande conjunto de normas e relações de força.

Continuando a pensar com Preciado (2022) acerca do regime da diferença sexual, podemos reunir três ideias que o filósofo gostaria de compartilhar com toda academia e podem sussurrar desterritorializações que podemos nos apegar para sentir que mesmo que pouco, ainda há possíveis. Preciado (2022, p. 46-47) fermenta em nós:

[...] ao menos três ideias,

Em primeiro lugar, [...] o regime da diferença sexual [...] não é nem uma natureza nem uma ordem simbólica, mas uma epistemologia política do corpo [...] histórica e mutante.

Em segundo lugar [...] essa epistemologia binária e hierárquica encontra-se em crise desde os anos 1940, por conta do surgimento de novos dados morfológicos, cromossômicos e bioquímicos, que tornam a atribuição binária do sexo [...] impossível.

Em terceiro lugar [...] a epistemologia da diferença sexual foi abalada por mudanças profundas e vai dar lugar [...] a uma nova epistemologia.

É preciso e podemos criar outras existências impensáveis para corpos “desencaixados”. Abolir o terror de ser anormal, semeado em nossos corações ao longo de toda infância. E recusar qualquer simplificação para aquilo que é múltiplo, parar de supor que sabemos o que é “um homem e uma mulher, ou um homossexual e um heterossexual. Libertar [...] desses grilhões e experimentar, tentar perceber, sentir, nomear, para além da diferença sexual (Preciado, 2022, p. 33-34). Ao aceitar sair da jaula que nos prende em nome da diferença sexual, imediatamente somos rejeitados, temos os corpos margeados,

conhecemos a exclusão da sociedade, dos “amigos”, dos parentes sanguíneos, vizinhos, colegas de classe, professores... Mas aceitar a norma exige algo mais doloroso ainda, a destruição da potência vital. Da máquina de guerra que gorjeia devires.

*

É nesse sentido, deste horizonte sufocante que as plantas emergem para mim como linhas de fuga. Que apesar de sofrerem também com a extrema objetificação que as culturas ocidentais fizeram com suas existências e com as questões de gênero do Paradoxo do Retorno lançadas sobre elas... me mostram que de maneira cocriativa, narrativa e experimental podemos COM elas recriar histórias. *Narrativar* outros modos de existir no mundo, desestabilizar a norma sufocante e trair os seus ritos. Encontrar uma saída ao regime de diferença sexual.

Ao aliarmos com as plantas, a dualidade sujeito/objeto dissolve-se e em seu lugar surge uma nova relação que conduz conjuntamente a mudar e a tornar-se outro. É uma questão de potência e de mutação.

É uma questão de aposta para educação, ou continua a trabalhar com a antiga epistemologia da diferença sexual e a legitimar o regime patriarco-colonial que a sustenta, tornando-se assim responsável pelas violências que produz, ou então se abra um processo de crítica política de seus discursos e práticas (Preciado, 2022, p .89)

Que tal ler esse texto ouvindo uma música composta pela cantora-compositora Camila Lordi inspirada na árvore dos cantos *Amoa hi*?

Disponível no link: <https://youtu.be/JXvMNgbITc>.

APRENDER A FALAR COM AS PLANTAS

amoa hi a árvore dos cantos²²

Durante o curso de Doutorado em Educação pude entrar em contato com as leituras do campo da Antropologia a partir de uma disciplina onde buscava-se discutir o Antropoceno, outras filosofias que não as ocidentais, a Arte e a Educação. Ao realizar a leitura da obra *A queda do céu* de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), no capítulo quatro, *Os ancestrais animais*, um encontro entre uma árvore e eu aconteceu. Apesar de estar rodeado por árvores dos jardins do *campus* da universidade quando fiz a leitura, o encontro não tinha sido com nenhuma delas. Era com uma outra que ocupava as linhas e folhas do livro de Kopenawa e Bruce Albert, a *Amoa hi*, a árvore dos cantos Yanomamis.

Nas palavras do Xamã Yanomami Davi Kopenawa, *Omama* é tudo que gera vida na terra, é a entidade criadora de tudo, na cultura Yanomami. *Omama* também foi responsável pela criação do homem branco (*napè*), mas estes teriam sido levados a terras distantes e inférteis por uma grande enchente. *Omama* modelou a *Amoa hi* como quem modela barro, mas não sei o material ao certo. A pintou com tinta natural feita de semente de urucum. Para que o vento não levasse tudo que havia produzido, *Omama* colocou montanhas na terra que acolhessem sua criação. Ele plantou a árvore *Amoa hi* onde a Terra termina, lá onde estão os pés do céu fincados, todo tempo sustentado pelo espírito do jabuti e do tatu-canastra. Essa árvore viva partilha suas melodias para os *xapiri* que são os espíritos que segundo a filosofia Yanomami protegem a terra-floresta. A *Amoa hi* soa cantos

²² Parte deste texto foi publicado na Revista ClimaCom com o título *Amoa hi* a Árvore dos cantos como meio para narratizar e aprender a falar com as plantas em 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/amoah-i/>. Acesso em: 26 jan. 2026.

compostos por palavras que não se repetem, nunca ouvidas, todas diferentes. Os cantos cantados pelos espíritos *xapiri* provêm dessa árvore. É ela quem os ensinam. O pensamento se dá ou acontece pelas vozes dos espíritos, por isso é possível pensar com as plantas, o pensamento também as atravessa.

Essas leituras e aproximação com os mistérios dessa árvore, desencadeou o desejo de compor com ela e suas vozes. E acima de tudo, o desejo de poder ouvi-la cantar. Tal proposta de elaborar um meio de criar narrativas a partir de uma escuta vegetal, inspirada nas leituras de Kopenawa e Bruce Albert (2015) não se trata em absoluto de idealizar as culturas indígenas para florescer caminhos para pesquisa, nem sequer de desejar que todos nós nos convertamos em indígenas. Mas é um movimento de aprender com essas outras formas de pensamento, que sacodem a epistemologia dominante colonial e desembaca o nosso olhar verdejando outros modos de pensar as relações entre os humanos e os não humanos, no nosso caso as plantas e seres fotossintetizantes.

É necessário fabricar meios que traíam narrativas sufocantes. E tornar a trazer conexões a esses meios. Acreditamos ser possível viver de forma envolvida, nós somos seres que vivemos envolvidos. Quanto mais envolvidos nós estamos, menos nós precisamos de segmentos que advém do desenvolvimento. Precisamos ter muito cuidado com essa palavra, como dizia Antônio Bispo dos Santos²³ (2023), líder quilombola com

²³ Nêgo Bispo vem despertando e irrompendo debates dentro e fora da academia, sobretudo a partir do conceito de “contra-colonização”, que postula uma relação entre regimes sociopolíticos e cosmológicos. O autor compreende a colonização como um processo etnocêntrico que busca substituir uma cultura pela outra, por meio de práticas de invasão, expropriação e etnocídio. Bispo inscreve a contra-colonização como “a resignificação da matriz cultural dos povos e de suas práticas tradicionais, de modo a ancorar a enunciação e as formas de resistência à colonização” (Porfírio e Oliveira, 2021). Deitado em uma rede marrom, com um balançar leve e usando uma blusa amarela, laranja e branca, Bispo fala: “Pessoas me citando como decolonial, decolonialista. Olha, nada contra os decoloniais. Eu acho que eles são tão necessários quanto os contra-coloniais, mas eu sou contra-colonialista, eu não sou 'DE'. [...] E no começo eu demorei muito pra entender o que que é ser decolonial, o que que é descolonizado. Eu demorei muito pra entender por que o colonialismo nunca parou. Por exemplo, até hoje eu não entendi os pós-coloniais. Como pós-coloniais? O colonialismo continua cada vez mais eficiente, cada vez mais eficaz. No início ele levaram o pau-brasil, depois levaram o ouro, levaram o açúcar, levaram o café, levaram o que bem entenderam de levar. E hoje não é diferente, estão levando o vento, estão levando o sol. Eles estão levando o sol em forma de energia, estão levando o vento em forma de energia. Escancaradamente! E o povo, dito brasileiro, que tanto fala mal dos povos indígenas, ora, os povos indígenas, os povos originários, quando receberam os colonialistas aqui, os presentearam, porque são povos generosos. Os presentearam por pura generosidade. Diferente, os brasileiros hoje estão entregando o sol e

atuações na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, falecido em três de dezembro do ano de 2023: “desenvolvimento”, ou seja, des-envolver, desconectar. É o afastar-se das outras vidas.

Agora mais do que nunca, precisamos ter cuidado com as palavras. Nós, os ditos minorizados, estamos num momento de enfraquecer as palavras coloniais, e fortalecer as palavras decoloniais. O desenvolvimento enquanto uma palavra colonial deve ser enfraquecida. Rumo não ao desenvolvimento e sim ao envolvimento. Bispo dos Santos (2023) dizia que essa não é uma palavra nossa, é uma palavra colonial. Já o compartilhamento... o compartilhamento é outra coisa.

estão entregando o vento, não por generosidade, mas por submissão. Submissão tecnológica, submissão territorial, submissão intelectual, submissão total. Então o colonialismo continua a todo vapor. Aí eu estou colocando isso pra dizer que qual é a grande diferença entre ser contra-colonialista e entre ser decolonial? Pra você ser decolonial ou pra você se descolonizar, é preciso que você tenha sido colonizado. Então é tranquilo, se você foi colonizado e você está se descolonizando, está tudo dentro do proposto, está tudo dentro dos conformes. Porque ocorre que nós, dos quilombos, não fomos colonizados. Então se nós não fomos colonizados, nós não podemos ser decoloniais e nem pós-coloniais. Nós somos contra porque nós sempre fomos contra. Tanto fomos contra que não nos submetemos, não nos subjugamos. Continuamos com os nossos modos de vida diferentes, com os nossos modos de vida autônomos, com o nosso jeito de ser (Elos, 2023, início em 23s)”. Entendemos com Bispo como podemos nos posicionar frente o colonialismo, tendo sido colonizados: decolonizando nossas existências. Decolonizando a escrita, a leitura, o pensar, o sentir, o senso de ética, o senso de justiça, os locais de enunciação. E para isso nossa aposta é envolver pela narrativa, pela escrita e pela criação, laços des-envolvidos. Na palestra *Aquilombar o Antropoceno, Contra-colonizar a Ecologia*, realizada no Centro de Estudos Ameríndios da Universidade de São Paulo (CEstA/FFLCH-USP), Bispo (2023) fala: “Isso aqui é um ninho do colonialismo. Não tem um instrumento colonial mais eficiente do que as universidades, porque elas são a cabeça da sociedade, o cérebro da sociedade. E deram muito certo. Deram certo porque deram errado. As universidades pensam para a sociedade executar. Isso é coisa do desenvolvimento; é por isso que ela deu certo, porque elas foram feitas para pensar o desenvolvimento. Pensaram e desenvolveram. Desenvolvimento é desconexão, é desastre, é deslocamento. Tanto é que pensa-se num lugar para fazer no outro. Que doideira (Uspfflch, 2023, início em 6m36s)”. O *Narrativar* como um tratamento metodológico pensando com Antônio Bispo, deseja narrativas que não percam a conexão com os outros seres. Porque quando perdemos essa conexão, os conceitos podem ser modulados pelo colonialismo do modo e maneira que quiserem, porque eles são conceitos soltos, des-envolvidos. Porém, a partir do momento que as narrativas têm conexão com a vida, com os seres mais-que-humanos, com a chuva, com a floresta, esses conceitos que surgem pela escrita-criação vão mostrando que não existe espaço para modulações tendenciadas e coloniais. As narrativas para pesquisa querem criar fôlego, tirar o sufoco, instaurar frestas. Para assim, serem uma aposta decolonial desta tese.

Na tentativa de ser uma galáxia que ilumina um universo inteiro, me peguei mergulhado nessas leituras sendo pirilampo, que ora se apaga no breu e se faz parte dele. Ora acende, e no breu, fervilha como a diferença que expurga num escuro.

A seguir apresento alguns trechos da primeira etapa da minha investigação, que foi buscar conhecer, estudar e reunir informações e pistas sobre a árvore *Amoa hi*, retirados tanto da obra *A queda do céu* (Kopenawa; Albert, 2015), quanto da obra *Amoa hi ã he rë haanowehey* (Pajés Parahiteri, 2017). Esses trechos apresentam *Amoa hi* com as palavras dos próprios xamãs e pajés que compartilharam como eles a ouvem por meio de suas culturas e rituais. Esse primeiro estudo fertilizou tecituras e experimentações sobre o *Narrativar* como um caminho para ouvir os cantos das árvores. Em *A queda do céu* (2015), no capítulo 4, *Os ancestrais animais*, sobre a *Amoa hi* lemos:

São árvores muito grandes, cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. Dessas bocas inumeráveis saem sem parar cantos belíssimos, tão numerosos quanto as estrelas no peito do céu (Kopenawa; Albert, 2015, p. 114).

[...]

Todos os cantos dos espíritos provêm dessas árvores muito antigas. Desde o primeiro tempo, é delas que obtêm suas palavras. Seus pais, os xamãs, não fazem senão imitá-los para permitir que sua beleza seja ouvida pela gente comum. Não se deve pensar que os xamãs cantam por conta própria, à toa. Eles reproduzem os cantos dos *xapiri*, que penetram um depois do outro em suas orelhas, como em microfones. Assim é (Kopenawa; Albert, 2015, p. 114).

[...]

Há dessas árvores de cantos em todos os limites da floresta, para além de nossa terra, e ainda além da dos *Xamathari*, e das montanhas onde vivem os *Horepë thëri*. Mas são outras. Assim, há tantos tipos de árvores *Amoa hi* quanto nossos modos de falar. De modo que os *xapiri* que descem na floresta possuem uma infindável quantidade de cantos diferentes. É por isso que os xamãs visitantes de casas distantes podem nos dar a ouvir cantos desconhecidos. Há muitas dessas árvores *Amoa hi* também nos confins da terra dos brancos, para além da foz dos rios. Sem elas, as melodias de seus músicos seriam fracas e feias. Os espíritos sabiá levam a eles folhas cheias de desenhos que caíram dessas árvores de canto. É isso que introduz belas palavras na memória de sua língua, como ocorre conosco [...] (Kopenawa; Albert, 2015, p. 115).

[...]

[...] Mas nós, xamãs, não precisamos desses papéis de cantos. Preferimos guardar a voz dos espíritos no pensamento. Assim é. Transmito estas palavras pois eu mesmo vi, após nossos maiores, os inumeráveis lábios moventes das árvores de cantos e a multidão dos *xapiri* se aproximando delas. Eu as vi de perto, em estado de fantasma [...] (Kopenawa; Albert, 2015, p. 115).

[...]

Os cantos dos espíritos se sucedem um após o outro, sem trégua. Eles vão colhê-los nas árvores de cantos que chamamos *amoa hi*. *Omama* criou essas árvores de línguas sábias no primeiro tempo, para que os *xapiri* possam ir lá buscar suas palavras. Param ali para coletar o coração de suas melodias, antes de fazerem sua dança de apresentação para os xamãs [...] (Kopenawa; Albert, 2015, p. 113).

[...]

Eles escutam essas árvores *Amoa hi* com muita atenção. O som de suas palavras penetra neles e se fixa em seu pensamento. [...] É assim que conseguem aprendê-los. Sem eles, não poderiam fazer sua dança de apresentação (Kopenawa; Albert, 2015, p.113).

Na obra *Amoa hi ã be rë haanowehey* (Parahiteri, 2017) dos Pajés yanomamis do grupo Parahiteri, no início da obra lemos:

NÓS VAMOS CANTAR. No início, não havia canto, não havia, ninguém cantava. Onde se erguia a árvore dos cantos, os dois foram caçar. Dois moços *Wakusitari* - dois não, um só moço, que a descobriu em sua região.

Os *Katarowëteri* eram os amigos dos *Yarusi*, cujo líder se chamava *Yarusi*. Do outro lado da planície, eles, os *Wakusitari* encontraram a árvore dos cantos.

Outros dizem que foram os *Koteahiteri* que descobriram a árvore cantando, e que chamaram os *Katarowëteri* para pegar os cantos.

Graças à árvore, os *Koteahiteri* se enfeitaram com penas de cauda de papagaio, pintaram-se com elegância, colocando crista de mutum, e dançaram. Era uma região bonita e plana onde crescia somente a planta ária. Eles ocupavam uma bela região.

Por isso, dois moços *Koteahiteri* foram caçar. - Vamos entrar na mata, lá adiante! (Parahiteri, 2017, p. 17).

[...]

O irmão mais velho e o irmão mais novo foram caçar. A floresta parecia mais baixa por causa da luz forte, como a luz do dia na roça. Foram embora naquela direção, andando. Andavam no meio do brejo, andavam no meio, ouviram os ecos dos cantos.

Não havia sujeira no chão onde encontraram a árvore dos cantos dançando, para frente e para trás. Havia somente areia bonita e muito brilhante. A árvore dançava.

Aë, aë, aë, e, e, e, e, aë, aë, aë, aë! - encontraram a árvore cantando assim.
- È, aëë, äaëë, äaëë, äaëë, äaëë, äaëë, äaëë! - cantava a árvore.

Enquanto isso, o irmão *Katarowëteri*, o filho mais velho, disse:

Õo, irmão menor! Dá pra ouvir um canto, lá onde há uma luz grande acima do pântano, o som do canto vibra lá, escute isso! Provavelmente é o som de um grande monstro! Esse som, naquela direção, mais adiante! Vamos nos aproximar por ali, abrir um caminho no areal! Venha aqui! Vamos, irmão menor! Vamos logo olhar de perto!

Será voz de gente? - disseram os dois.

Onde a árvore dançava, a luz forte batia na areia bonita.

Õooooaaa! Vamos, irmão menor, vamos! A árvore dos cantos está dançando, vamos, vamos, vamos até nosso pai, para avisá-lo! - disse (Parahiteri, 2017, p. 18).

[...]

O irmão menor subiu em uma árvore bonita matomi inclinada, para ver se havia gente por perto. Se via algum movimento, subiu e ficou no alto. Ali, na areia, a luz brilhava de todas as cores, repousava bem no centro, e a árvore dançava devagar para frente e para trás, cantando. A boca da árvore era bem bonita, e a árvore dançava para frente e para trás.

O irmão menor desceu e disse:

Oooãaaa! Irmão mais velho! Irmão mais velho! Nossa! Está lá cantando e dançando, de uma maneira tão bonita, é a árvore dos cantos! Querido, parece que essa árvore canta, essa árvore tem cantos bonitos!

Vamos! Vamos até nosso pai!

Os dois disseram e correram imediatamente. Chegaram correndo.

- Prohu! Chegamos!

Eles encontraram esse som e se enfeitaram por causa da árvore dos cantos.

Meus queridos! Enfeitem-se para pegarem cantos bonitos! - disse o líder dos *Koteabiteri*. O irmão mais velho fez o *himou* com o pai, contando-lhe sobre a árvore dos cantos. O *himou* é uma modalidade de diálogo cerimonial usada para trazer notícias, ou fazer um convite para uma festa. (Parahiteri, 2017, p. 19).

[...]

- Tarai! Ha! Meu pai! Pai! Olhe! Sou teu filho, olhe! Você não sabe por que voltei logo correndo! Você nem sabe! Pai! Pai! Pai! Você nem imagina o canto bonito que meus ouvidos ouviram! De arregalar os olhos! Meu pai! Meu pai! Meu pai! Você que mora aqui, eu sou seu filho, eu não lhe diria para proibir as mulheres se enfeitarem! - disse.

É claro! É claro! Queria ouvir isso mesmo, meu filho mais velho, querido!
- respondeu seu pai.

Fez o *himou*.

Vamos! Öoooãaaaaõõãõõã! Ele viu uma bonita árvore dos cantos!
Õõoo! - gritaram. Ficaram animados (Parahiteri, 2017, p. 20).

Após as leituras dessas obras, inquietações foram surgindo, seivas foram movimentando, troncos e lábios se fundindo. O que podemos aprender com a *Amoa hi*? Como se inspirar em sons antes nunca assoalhados para narrar histórias para além dos humanos?

Narrar, é conhecer.

Amoa hi é a busca por um tipo de música que sumiu. É essencial ouvir suas palavras.

Qual o jeito de se falar para que possa ser ouvido? Como podemos mobilizar vocalizações de palavras que nos dê chances de falar com outros seres para além dos humanos? As palavras inadequadas, nesse sentido, se submetem ou se subvertem? Precisamos de outras linguagens para elaborar lógicas irracionais que vai além de uma única ordem hegemônica. *Amoa hi* canta com línguas e bocas palavras nunca ouvidas. Palavras que voltam a se tornar canto chiado no corpo.

Ansiar por palavras que soam sons que entendem a conexão, a relacionalidade de tudo que existe.

Palavras e sons. *Amoa hi* canta. Ouço. Reparo, restauração, restituição, remendar novamente e incluir coisas novas, seres que estão vindo, trazendo ensinamentos de modos de viver ainda não experimentados.

Polifonia de abordagens é colocar muitas vozes para falar? É ouvir muitas vozes? Seria inventá-las? Será que é isso *Amoa hi*? Vozes silenciadas? Uma prática de transformações?

Num primeiro encontro, propusemos a permissão de sermos lábios tímidos. Procurando perder o contato com o fundamento, para irmos para a escuta, *Amoa hi*.

Uma mensagem transformadora, o que seria? Hã? – Quem está em movimento de explorar novas linguagens para narrar suas narrativas?

Amoa hi, árvore da vida distribui suas melodias em palavras que não se repetem, todos os cantos provêm dessa árvore que se renova constantemente, moventes, umas sobre as outras.

Desejei que as árvores, os jardins, as ervas daninhas, as folhagens, a floresta, a savana e... atravessassem meu corpo afectivo das mais variadas formas, compondo com suas múltiplas vozes. Todo nosso desejo é que as plantas falem conosco, que me permitam adentrar territórios até então inabitáveis.

São as próprias plantas que têm algo a nos dizer com seus cantos e escritas vegetais? Por isso escuto *Amoa hi* em música de Camila Lordi. Quem sabe ela não aprendeu palavras com as árvores para compor? Os músicos não indígenas, pela arte do som que produzem, quando vagueiam pela Terra-terra podem aprender com *Amoa hi*. Eles as vezes também conseguem ouvi-las, e podem incorporar o que aprenderam no encontro em suas músicas e composições. Nas palavras de Kopenawa e Albert:

Há muitas dessas árvores *amoa hi* também nos confins da terra dos brancos, para além da foz dos rios. Sem elas, as melodias de seus músicos seriam fracas e feias. Os espíritos sabiá levam a eles folhas cheias de desenhos que caíram dessas árvores de canto. É isso que introduz belas palavras na memória de sua língua, como ocorre conosco [yanomamis]. As máquinas dos brancos fazem delas peles de imagens que os seus cantores olham, sem saber que nisso imitam coisas vindas dos *xapiri*. Por isso os brancos escutam tanto rádios e gravadores! Mas nós, xamãs, não precisamos desses papéis de cantos. Preferimos guardar a voz dos espíritos no pensamento (Kopenawa; Albert, 2015, p. 115).

Palavras surgidas no Tempo do sonho.

Uma abordagem metodológica que fertiliza o brotar narrativas.

narrativar que emergiu do caminhar com a pesquisa

Em vaguear, em vagueando. Narrar pode ser então narrar-vaguear? Narrar como maneira de vaguear no pensamento, na escrita, nos saberes. Quando eu falo quem fala comigo? Tem alguém que não fala? Narrar coletivamente, vaguear junto. Junto com a fabulação e a narração. Fazer os personagens nuvens, rio, luz, folha, chuva, fungos, aves virarem sujeitos na narrativa. Narrar fabulações. Fabular narrações. Criar fabulações, fabular criações com as plantas. Contos-sementes, contos-frutos.

A metonímia tem poder para abalar a metafísica positivista compulsória.

Substituir o chamar das coisas por algo que abale sua cadeia significante pois o afeto passa a gerir as lógicas na metonímia. Aquilo que marcou tanto o corpo que quis expandir-se ao cosmos pela fala, desrespeitando a metafísica dominante e propondo uma outra.

Escrever a N-1,

Escrever à Metonímia,

Escrever em Metonímias,

[...] a narrativa não se refere mais a um ideal de verdade a construir sua veracidade, mas torna-se uma “pseudo-narrativa”, um poema, uma narrativa que simula, ou antes, uma simulação da narrativa” [...] (Deleuze, 2007, p.181).

Eu vi centenas de plantas em frestas de sarjetas porque elas não tinham para onde ir e estavam fugindo, deslocadas da floresta. É uma imagem vívida para mim de deslocamento mais-que-humano. Preocupei-me com o que iria acontecer, dessincronizou o tempo. Interrompeu a sincronicidade. Faz o tempo cair.

Que tipos de histórias mais-que-humanas as narrativas permitem que conheçamos e nos ajuda a compreender os mundos?

Reaprender com as narrativas algumas das artes de contar histórias, para contar coisas que nunca foram ditas, ou que foram silenciadas. Contar algumas histórias sobre o que está acontecendo no mundo, dentro do mundo.

É o momento da possibilidade de contar histórias sobre seres cujo nomes você se lembra, ou alguém lembra, é um animal, é uma planta, é um fungo que você encontrou.

É hora de retomar narrativas que traíam os ritos e rompa tratados. Escolher e fazer alianças, que tornam a trazer à tona narrativas. Isso dá origem a um circuito narrativo. Existem narrativas que retomam narrativas para formar novas narrativas, que tornam a nutrir outras, ou a mesma narrativa. Tem um campo virtual nesse “entre” que há no retomar e criar. Movimentando e alimentando o circuito que é puro movimento. Assim como também outras formas de lógicas e movimentos, o circuito narrativo está em rizoma no sentido conceitual proposto por Deleuze e Guattari (2011), no interior e na beira de uns rizomas. Se fertilizando a cada inserção, graças às inúmeras entradas deste. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (Deleuze; Guattari 2011, p. 27).

O circuito secreta narrativas que modificam a ordem, o ritmo e a intensidade dos pensamentos. Entendo o circuito narrativo e toda sua lógica de alimentação e impulso, como movimento possível-potente para composição de narrativas com modos de vida e ser plurais. Não estou falando apenas ser crítico em relação à branquira ou ao modernismo. Estou falando da habilidade de excogitar dentro de si.

É no circuito onde tem um fundo que se atualizam multiplicidades ao infinito que doam às narrativas tudo que elas precisam. Diferente de outras lógicas que se voltam a diferenças finitas para codificar o mundo. No circuito, produzem-se metamorfoses que vão permeando as narrativas e as recompondo. É um bloco dentro do rizoma intensivo em transformação trabalhando ativamente para criação de encontros, aspirando compor alianças e relações antes inconcebidas.

A força do circuito narrativo está na sua capacidade de realizar modos alternativos de devir. Novas bordas e fronteiras vão sendo montadas desejando atualizar os conhecimentos. Diferentes agenciamentos vão se formando. Um encontro entre.

O circuito nunca se fecha, pois o que a narrativa propõe é uma experiência que vai muito além de apenas ler e interpretar o conteúdo. A narrativa é capaz de nos fazer experimentar a vivência alocada no circuito a fim de que sua performance se realize em nossos corpos.

O circuito permite que o olhar devolvido a nós mesmos após *Narrativar*, traga uma nova angulação a partir das relações que foram estabelecidas nas narrativas entre os diferentes seres, humanos e mais-que-humanos. São os próprios conceitos que vão sofrendo transformações a partir das experimentações com esses seres, na medida em que vão sendo criadas as narrativas.

Entendemos o *Narrativar* como uma prática de narrativa ativa, na qual narrar não é descrever o que já está dado, mas produzir condições de enunciação. Ao *Narrativar*, assumimos uma posição semelhante à que assumimos em outros trabalhos²⁴ sobre o fazer cinema: não há um registro passivo, mas sim dirigido, ficcionalizado e construído. Essa construção não busca a ilusão de transparência ou verdade objetiva, ao contrário, explicita que toda narrativa é fabricada, situada e relacional. *Narrativar* é, assim, um gesto de provocação, que cria um espaço para que os seres humanos e mais-que-humanos falem, no encontro entre encenação, atenção e escuta. Narrar ativa artes de notar (Tsing, 2022).

Estamos presos ao problema do viver apesar da ruína econômica e ecológica. As fábulas de progresso ou de ruína não nos ensinam como pensar sobre a sobrevivência colaborativa. É hora de prestarmos atenção na colheita de cogumelos. Não que isso vá nos salvar – mas pode abrir as portas da nossa imaginação (Tsing, 2022, p. 62).

É hora de prestarmos atenção no vociferar das plantas, isso não vai nos salvar, mas abrirá portas da nossa imaginação!

Tsing (2022) ao introduzir ideias para a arte de notar, levanta uma questão quando discute se o Antropoceno pode ser desvinculado da bagunça humana, que ecoa para o *Narrativar*, que é se poderíamos superar os regimes ditados pelos humanos, vivendo dentro e imersos neles? Se sim quais estratégias podemos usar? O *Narrativar* sendo também um modo de notar, precisa evitar a descrição. Essa gana em descrever e explicar, além de ser uma presunção do humano moderno, “nos impede de dar a devida atenção para as manchas nas paisagens, as temporalidades múltiplas e as assembleias instáveis entre humanos e não humanos: a matéria mesma da sobrevivência colaborativa (2022, p. 63).

²⁴ Ver *Cinecartografando imagens aberrantes do filme Honeyland (2019): mergulhos entre camadas, paisagens, educação e cinema*, de Lourenço e Estevinho (2024).

O *Narrativar* experimentalativo e não descritivo, traz os encontros imprevisíveis para a narrativa. Acompanha aquilo que reúne os seres em algum lugar. Fica com os projetos de fazer-mundos. Tais projetos como traz Tsing (2022) surgem de atividades do fazer da vida, que no processo de viver transformam todo o planeta. A criação de narrativas redireciona as atenções e nos ensinam como olhar ao redor.

Que abordagem é essa pautada pelo fazer-mundo que narrativa com as plantas? Fazer-mundo é quando os arranjos de vida abrem espaço para outras espécies. Os seres criam arranjos de vida, para si e para os outros. Fazer-mundo, “mundos multiespécies” (Tsing, 2022).

Estou interessada em confrontar o senso comum. [...] Projetos de fazer-mundo [...] nos mostram que outros mundos são possíveis. Fazer mundos, no entanto, enfatiza mais as atividades práticas.

Todos os Organismos fazem mundos; os seres humanos não têm um status especial. Por fim, projetos de fazer-mundo se sobrepõem.

Pensar a partir do fazer mundos permite analisar as camadas sobrepostas e as fricções históricas que delas decorrem.

Uma abordagem pautada pelo fazer mundo inscreve preocupações [...] multiescala (Tsing, 2022, p. 66)

Narrar é o verbo. Narrações de um território são capazes de dar forma a territórios diferentes. Barrancos impensáveis. E ao serem colocados nessa narrativa adquirem outros significados daqueles criados pelas relações que os ligam através do espaço, do tempo. Hibridizam campos. Ganham ritmos que “resultam de projetos de criação de mundos” (2022, p. 70). Retornam afeições, cores das memórias, das experimentações.

Trair os ritos. Assimilar em narrativas, o afastamento das formas habituais de produção de conhecimento e de saberes do tipo colonial, patriarcal, racista, heteronormativo.

Onde estão todos os outros? O que se tornou invisível?

A narrativa para pesquisa é para enlouquecer os possíveis. É para assumir o paradoxo no discurso sobre o Antropoceno, que se baseia em soluções propostas pelos mesmos que criaram o problema em primeiro lugar. Criar diferentes bases têm ajudado a

tornar visíveis as narrativas menores submersas em narrativas maiores. Revelando histórias alternativas que foram silenciadas pela narrativa maestra.

Narrativar se comporta como uma visão política do Antropoceno que rejeita a narração da modernização, em que a salvação dos humanos e não-humanos é confiada a homens brancos munidos das mesmas ferramentas que produziram o desalvamento. Substituindo por outras narrativas que permitem a implantação de práticas e conhecimentos alternativos ao que atualmente dominam o fundamento.

Narrativas que nos trazem pensamentos que têm tentado não levar a diante lógicas de dominação planetária, dominação epistemológica, dominação de saberes. Que envolvem não apenas os humanos, mas também os mais-que-humanos.

Quais as narrativas atuam para pensar outros modos de existência? Não se trata de identificar padrões de regularidade, contar variáveis e estabelecer dualismos e causalidades. *Narrativar* estabelece suas relações de modo aleatório e rizomático se conectando por diferentes estratégias.

Narrativas que expressam privilegiadamente o mundo altamente instável, portanto, mutável. Como as coisas funcionam, quem está em ação, o que pode ser possível? Tento vislumbrar respostas para as questões, porém, vejo que somente há narrativas por todo percurso.

Narrativas criadas por diferentes experimentações, encontros e outras vivências. Narrativas que exprimem o pensamento rizomático abrindo infinitas possibilidades de abordagem de qualquer pensamento e conceito. Elas possibilitam outros cenários, muitos dos quais podem parecer inconcebíveis.

As narrativas são catalisadoras de possibilidades e uma estratégia que desencadeia o exercício do pensamento rizomático.

Narrativas que não se colocam como paradigma absoluto nem como comprovação definitiva, mas que permite sustentar a argumentação, entrelaçando conceitos, fatos, acontecimentos e sensibilidades.

As coisas são o que são “e assim é”. As narrativas sabem que nenhum pensamento unicamente racional e reflexivo consegue dar a dimensão total do que são as coisas. Temos sempre uma discrepância entre o nome, a definição, e o que é nomeado.

Narrativas que podem ser lidas a partir de qualquer ponto, sendo o linear apenas um dos trajetos possíveis.

Com esse movimento estamos forrageando o que fica atrás do pensamento, algo entre o impensável e o afetar. O afeto antecede o raciocínio, está mais próximo da intuição, da vontade de vir até. É necessário após ouvir as vozes dos vegetais experimentar o impensável, bem como perceber o sentir que normalmente não se percebe, alcançando cada seiva do corpo.

Narrativar em alguns momentos oscila entre a metonímia e a metáfora e saberes e mitos e conhecimentos científicos, indiscerníveis enquanto em polos, e por isso é com efeito uma ficção e mesmo que vinculada aquilo produzido e ressoado pelas plantas, não é um tratado de botânica.

É justamente as fragilidades da tradição e hierarquia metafísica colonial o que a narrativa pretende abalar. Propondo um pensar com o outro, construído em coexistências. Fertilizado por múltiplos lugares de enunciação. Essas narrativas são uma crítica decolonial-vegetal no e do Antropoceno. Narrativas que fazem rupturas expondo frestas de mundos apocalípticos, porém reabitáveis.

aprender a falar com as plantas

A escrita narrativa e a experimentação diretamente inspiradas no vociferar que a próprias plantas produzem todos os dias tanto nos nossos corpos quanto na superfície da Terra-terra, é uma das maneiras de aprender a falar com as plantas.

A linguagem das plantas não é uma metáfora, já temos produção de conhecimentos suficientes que demonstram que as plantas emitem som (Khait et al. 2023), que por meio da rizosfera e micorrizas se comunicam com microrganismos benéficos que envolvem suas raízes para terem acesso a mais nutrientes do solo e obterem maior proteção contra doenças (Song et. al. 2010; Nishisaka et. al., 2021), que sinalizam umas às outras a intensidade de sua

floração e se estão sendo atacadas (Baldwin; Schultz, 1983; Farmer; Ryan, 1990), que memorizam dados e comunicam eles a outras plantas (Authier et. al., 2021) e são até capazes de manipular outras espécies (Baluška et. al., 2006; Baluška et. al., 2010; Baluška, Lev-Yadun, Mancuso, 2010). Elas possuem uma comunicação sempre em conexão de forma espacial e articulada com outros seres. Há consenso hoje de que foram as plantas quem fez a Terra da forma que o conhecemos, a sua ação fotossintética, a tornou cada vez mais habitável e múltipla.

Provavelmente, como defende Coccia (2018a, 2018b) e Nascimento (2021), devido ao fato de serem seres sésseis e a movimentação dos vegetais ser quase invisível, as plantas na perspectiva tradicional como articula Nascimento (2021, p. 64) ainda são consideradas como desprovidas de alma, desprovidas de “ânimo”, sem qualquer sensibilidade ou inteligência. “Como se pudesse existir vida desprovida de alguma forma de pensamento, como se o próprio da vida, desde as origens, não fosse pensar a si mesma como forma de vivência, sobrevivência, sobrevida e, nos casos mais bem sucedidos, supervivência (Nascimento, 2021, p. 67) O preconceito metafísico sobre a “ausência” de movimento se perpetuou. Mas será que é só a falta de movimento que acarreta tais considerações?

O sentido do viver vegetal é inseparável da questão de vida de todos os outros seres na Terra. Mas, geralmente se nutre o discurso de que se as plantas existem é porque elas têm de servir para algo e para os humanos. E esse funcionalismo-utilitarismo vegetal é uma das arestas fundamentais do problema que nos impede de aprender a falar com as plantas. É algo que se iniciou com o extrativismo vegetal intenso durante os séculos de colonização e exploração das américas fundando, e reverbera até os dias de hoje, como discutem Tsing (2019), Coccia (2018a, 2018b) e Nascimento (2021), e é considerado como advento do Antropoceno.

Pensar as plantas, pensar com as plantas, recolher seus pensamentos como quem colhe flores e frutos é a tarefa mais urgente para uma escrita que se quer de fato *pensante*, indo além dos binarismos metafísicos, tais como, razão/intuição, Ocidente/Oriente, masculino/feminino, branco/não branco, humano/não humano, presente/ausente, numa série infinita em que o especismo do chamado homem branco ocidental corresponde a uma pura idealização, a qual justifica sua soberania sobre os demais gêneros e espécies. Incube então a urgente tarefa de um amplo processo de *descolonização* do pensamento e da existência da existência como forma primacial de pensamento. Um *pensar-existir*, que move tudo o que há,

humano e não humano, orgânico e inorgânico. Abalando a tradição metafísica dita ocidental, que sempre colocou as plantas não em segundo plano, mas em último (Nascimento, 2021, p. 254-255).

Desde o início da botânica como a conhecemos hoje, as plantas são entendidas como portadoras de uma alma incompleta. Esse preconceito metafísico intencionalmente lançado sobre os vegetais, foi abordado dos mais diversos modos pela tradição ocidental. Nascimento (2021) comenta que essa divisão imaginária que recaí as plantas, parte de uma ordem e valores que o autor nomeia, inspirado em seus estudos com Derrida, de falocêntrica. *Falo* como privilégio do falo, do pênis, e *logos* como privilégio do logos, do discurso racional. E é uma lógica majoritariamente ligada a preconceitos quanto às raças, gêneros e sexualidades que não a branco-hétero-europeia, fundadora da botânica colonial que é ensinada atualmente, tanto nas escolas, quanto nas universidades. Na divisão falocêntrica de Nascimento (2021, p. 254),

Mulheres, culturas não europeias (consideradas como bárbaras e selvagens), sexualidade divergentes (gays, lésbicas, trans, etc.), bem como animais e plantas, são rebaixados, *minorizados*, inferiorizados, quando não fisicamente aniquilados. É nesse Horizonte sufocante que as plantas emergem para oxigenar, pela bilionésima vez, o mundo ou os mundos em que vivemos.

Diferentemente de outras culturas, como algumas de origem africana e indígenas norte-sul-americanos, para nós ocidentalizados e ocidentalizados-intelectuais, as plantas não se ligam diretamente aos humanos. São literalmente um reino a parte, doutra ordem biológica e ontológica. Porém, mesmo engolidas pela metafísica colonial botânica, as plantas conseguem crescer em frestas, sempre gosto de me lembrar isso! E todos os dias, da hora que acordamos até a hora de nos deitarmos, estamos em contato com os vegetais. Em conexão e rodeados por eles. Do café ao cacau ao açúcar, da trepadeira na janela às suculentas no banheiro, do arroz com feijão, aos sucos, saladas, batidas, chás, remédios, tecidos, móveis, moléculas, oxigênio, terra, sombra, perfumes. Toda a vida, todos os dias, toda respiração.

O modo como se dão esses laços é o que faz a história complexa do planeta e suas cosmologias. “A cosmologia é um tratado de jardinagem: um manual sobre as inúmeras maneiras de agenciar os seres mais díspares e de harmonizar seus ritmos e seus sopros” (Coccia, 2018b, p. 09). E, segundo Coccia (2018b) foi esse tratado de jardinagem, ou seja,

essa cosmologia vegetal que criou a Terra como nós a conhecemos. As plantas são jardineiras e nesse jardim criado pelas plantas, estamos vivendo COM, convivemos com todos os indivíduos, orgânicos e inorgânicos.

Ao aprender a falar com as plantas, aos poucos foi parando de me interessar a visão romântica, simbolista e cientificista que é remetida às plantas. Há um problema na elaboração simbólica que é o de fixar sentidos às coisas. As plantas me ajudaram a pensar em maneiras de sobreviver enquanto seguia os rastros que elas deixam sobre a terra-Terra. Cada experimentação vegetal é uma colheita que nos ajuda a repensar a filosofia, a arte, a educação, a botânica, a experimentação com pigmentos naturais vegetais.

Coexistir em sensibilidade e inteligência com esses seres alheios e, no entanto, familiares (Nascimento, 2021), tornou-se para mim uma questão de vida (“*quid vitae*”, Lapoujade, 2015) e não mais apenas uma simples relação entre reinos, *Animalia* e *Plantae*.

Aprender a falar com as plantas não se trata de nos prendermos à ciência do vegetal, da botânica, ou qualquer outra filosofia unicamente ocidental das plantas, a qual tenderia a reconduzi-las. Por isso, a fuga seria estreitar cada vez mais a coexistência com a singularidade vegetal, e experimentar com as plantas seu valor existencial, que nunca é singular, sozinho. É sempre conectivo e relacional com outros inúmeros seres, humanos e mais-que-humanos. Seria aprender a falar com as plantas ter os vegetais a N-1?

Ao serem consideradas em sua afetividade, as plantas ganham plena autonomia existencial. Pensar as plantas é pensar com elas (Nascimento, 2021). É construir com as plantas narrativas sem derreá-las, nem as destruir por uma compulsão devoradora tão própria dos humanos. Ao invés de plantas empacotadas com finalidade comestível ou medicinal, temos as flores, os galhos, os frutos, as coifas, os plastos como uma forma radical de pensamento.

As plantas sempre nos demonstram como outrar-se. Os vegetais têm essa habilidade de pôr em movimento de acoplamento comunicativo entre seres e espécies. Algo bem parecido com rizoma. “É uma questão saber se a botânica, em sua especificidade, não é totalmente rizomórfica (Deleuze, Guattari, 2011, p. 21-22.)”. O porquê as plantas? Essa inclinação pelos vegetais, embora comece com a experimentação com os pigmentos naturais, se deve justamente ao fato de as plantas sempre terem ocupado um lugar de

segundo plano em termos de crítica de serem determinadas como seres inferiores em relação aos animais, sobretudo em relação ao animal humano.

Aprendendo a pensar as plantas, pensando com as plantas, agride o pensamento, que inclusive gosta de ser violentado, a desencadear no circuito narrativo processos de descolonização do pensamento e da existência. Isso abala a tradição metafísica ocidental hétero-branca, que dá às plantas somente chances de serem seres que não valem a pena pensar. Produzindo filosofias com as plantas, com narrativas a-centradas e performances multiespécies. Aprender a falar com as plantas nos ajuda a afastarmos cada vez mais da tradição humanista de fatura colonizadora. Para se confundir com os vegetais, perder-se em seus limites e redesenhar o território, é necessário aprendermos a devir seres sésseis. Desenvolver a tratores cósmicos (Coccia, 2018a).



APRENDER COM AS CORES DE UMA CRIANÇA-VIADA

Criando rizomas com o jenipapo

Fazendo um passeio entre as árvores da minha cidade natal encontrei vários frutos arredondados cor verde pendurados numa árvore não tão grande de folhas verdes vibrantes. Já havia visto uma fotografia daquele fruto e ouvido falar dele, mas não tinha certeza se realmente era o que pensava: o jenipapo.



Uma maneira fácil de descobrir que planta era aquela, seria pegando tais frutos, espremendo teu sumo e esfregando na pele. Com o passar do tempo o esfregaço, caso fosse jenipapo, começaria a ficar preto-azulado. Assim o fiz. Coletei alguns frutos da árvore, coloquei numa trouxa improvisada com a blusa que estava vestindo e fui para casa.



Chegando lá lavei os frutos para tirar o excesso de poeira, ralei numa peneira e torci o ralado com um pano. Aquilo que passava pelo pano caía num copo. Com cor marrom esverdeada e cheiro extremo de verde. Algo não maduro. Desse processo eu obtive o suco de jenipapo. Que não é bom para comer, mas que havia guardado no interior do seu líquido força suficiente para azular toda minha pele.

Em alguns poucos minutos esse suco de marrom foi tornando-se verde escuro, trazendo matrizes azuis que podiam ser observadas sem muito esforço. Havia lido que jenipapo gostava de calor e do quentinho.

Com as mãos, na tentativa de fazer uma estufa para o copo de suco e jenipapo, comecei a esfregar até o barulho do atrito se anular e a única coisa presente era o calor que emanava entre os dedos. Com esse calor, segurei o copinho e observei. O pigmento percebeu que todo palco montado era para que ele pudesse fazer o seu show. E assim, sem timidez, o suco começa a se tornar azul. Bem aberto, forte e intenso.



Tinha encontrado o jenipapo. Ele me encontrou. E a partir daí, lancei-me a ser afetado por esse encontro. E fazer dele algo mais íntimo.

Os meus experimentos estavam sendo bem absorvidos a grandiosidade que seria este encontro. Estava encantada e ainda descobrindo a produção de pigmentos naturais. Até que estar tão radiante chamou atenção de um jardineiro que quis compartilhar: - Eu lembro quando você plantou com seus colegas aquela Matinha! Saiu até no jornalzinho e você voltou coberto de terra.

Por algum motivo toda aquela empolgação deu lugar a outro sentimento que se parecia mais com uma angústia e ansiedade, ao mesmo tempo que eu inseria meu corpo todo num mar agitado de memórias esperando que alguma parte lembrasse dessa memória que o jardineiro falava.

Quando a lembrança de estar numa fila indiana, em pé na rua, porém em frente um terreno com a terra vermelha toda revirada me veio subitamente. Era do lado da escola. A pele se lembra que estava muito sol e o calor irradiava cada poro, os olhos se lembram que havia várias pessoas no meio deste descampado com ferramentas na mão, as quais não sei muito bem o que eram. A mão se lembra da textura e peso de segurar uma muda de planta dentro de um saco preto de plástico com terra. Os ouvidos se lembraram do chamado da professora para pisar na terra: - cuidado onde pisa, mas pode pisar na terra, onde está a sua planta?

As mãos se lembraram que os dedos se esforçaram para mostrar a muda o mais alto da cabeça possível. Estava ali a planta.

Todo o corpo a partir do pisar na terra não se lembra de mais nada. As memórias entraram em quietação. O mar ficou calmo e as memórias tímidas.

- Quando foi isso? Perguntei, fazendo que uma roda de jardineiros se formasse perto. Se olhando velozmente, jardineiros começam a supor:

- Anos dois mil?

- Você tinha uns cinco anos, pode ser dois mil e um?

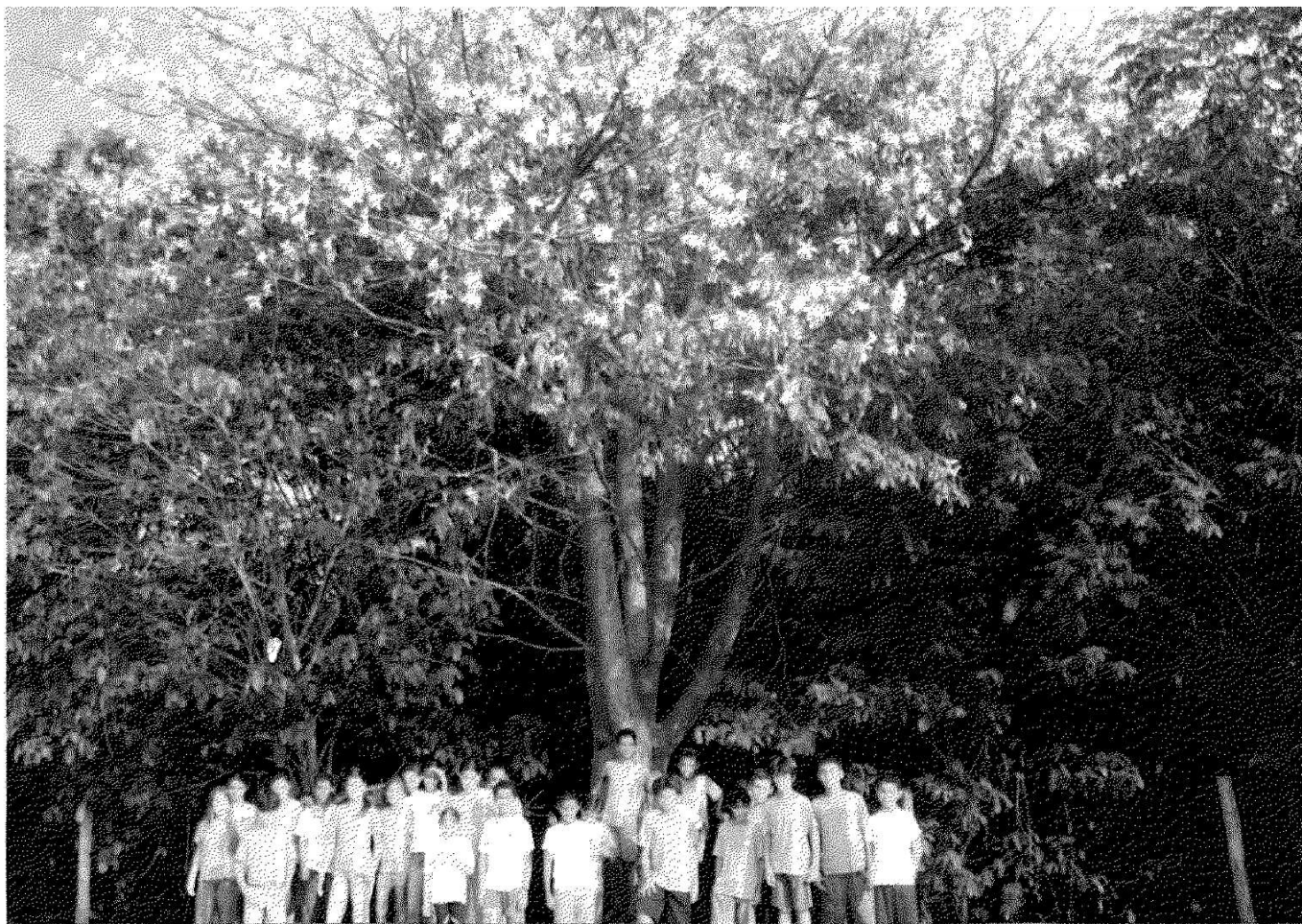
- Não, jamais! Disse um jardineiro. – Isso foi pouco antes do século virar, eu acho que em noventa e oito ou nove.

Para sessar o conversa com vs jardineirvs para que eu pudesse pensar no que tinha acabado de acontecer, mostrei o fruto de jenipapo que havia encontrado e ele enfeitiçou todvs jardineirvs. Eu saí, e fui imediatamente para perto das roseiras e onze-horas onde gosto de me sentar para pensar com elas. Se as datas que vs jardineirvs falaram estiverem corretas, eu havia plantado a Matinha quando tinha três anos e cerca de vinte e cinco anos depois, sonhando com plantas e tintas, voltado a ela e encontrado jenipapos, frutos que dão tinta.



Esse foi o chamado para que eu entrasse em transe, inquietamento, com as artes de notar. Me percebi desejando adentrar a floresta, estar com ela, notar suas nuances, composições tanto de paisagens, quanto composições daqueles que fazem a paisagem. Mas intencionalmente seguindo os pigmentos da floresta e as cocriações que surgem junto com eles.

A formação florestal que vou *Narrativar* com, é uma formação de mata atlântica que fica na cidade onde eu nasci no interior do estado de São Paulo margeado pelo Rio Grande na divisa com Minas Gerais. O bioma predominante é Mata Atlântica com presença de uma pequena parcela de Cerrado. É até engraçado escrever sobre minha cidade natal que nunca fui encorajada a sentir orgulho ou sentimento de pertencimento. Principalmente devido as agressões, fobias e xingamentos que sofria. Desde criança-viada eu nunca pensei que fosse um lugar acolhedor e desejado por mim. Ainda não o é, mas está mudando um pouco a intensidade. E isso é bom. Pois eu sempre estive lá nesse lugar, o conheço com todo o corpo.



Mesmo sem me lembrar que eu havia ajudado a plantar as árvores do que hoje é uma pequena reserva quando bem criança, lembro-me claramente das inúmeras vezes que fui à Matinha da Bota, que é como me ensinaram a chamá-la. Ia com amigos, minha família, com a escola, com colegas do vôlei. Tem um lago no meio da mata repleto de peixes nativos e muitas trilhas para acessar esse local. As árvores já estão bem grandes. Mas eu as vi crescerem e ficarem robustas sem saber que alguma delas iria me escolher um dia. Tinha sido ensinado nas aulas de Ciências na escola que a Matinha da Bota era composta de plantas da Mata Atlântica, que era uma restauração que aconteceu no passado, mas sem nunca saber por quem e quando. As pessoas da cidade de modo geral ocupam bem esse espaço restaurado. Faz parte do movimento cultural da cidade seja de jovens ou de adultos frequentar a Matinha da Bota. A maioria gosta de fazer caminhadas em seu entorno e dentro dela em trilhas informais abertas pelas próprias pessoas. Alguns usam o lago que há no meio da mata para pescar e fazer um almoço em família, já vi pessoas fazerem picnic, pessoas transando, observadores de aves, pessoas sozinhas, grupos, coletores de sementes, pesquisadores.





Para conhecer uma paisagem é preciso ir ao encontro com aqueles que moldaram e criaram ela. Seus habitantes e compositores humanos e mais-que-humano. Conhecer essas trajetórias que participam da composição da paisagem é uma maneira de contar histórias diferentes das que estamos acostumados a ouvir sobre matas, em que o que fica a vista são as relações e cocriações multiespécies que acontecem nesses espaços. É por esse caminho adentrando as paisagens que os pigmentos nos convidam a começar a contar as histórias.

o jenipapo azul do fim do mundo. ou, como plantar uma mata



A mata atlântica é o Bioma mais atingido desde a invasão europeia no Brasil. Há poucos fragmentos espalhados majoritariamente pela região litorânea do país, e mais raros são fragmentos no interior dos Estados. Algo que não acontece com a cana-de-açúcar, encontrada com abundância em quase todo país e extremamente presente em minha cidade natal. A cana-de-açúcar é um bom ponto de partida para começarmos *Narrativas* histórias e estórias da Matinha da Bota.

A Usina em Orindiúva já bateu recordes em 2007 chegando a produzir 4,7 milhões de toneladas de cana-de-açúcar. E na safra 2020/2021 seu grupo (com outras 11 usinas) atingiu a moagem de 27,3 milhões de toneladas, cultivados em mais de 70 mil hectares²⁵. A cobertura de Mata Atlântica no município é de 84%, enquanto o Cerrado corresponde a 16%²⁶. As canas-de-açúcar tem dez vezes mais área do que as formações florestais nativas. Essa história da ocupação da cana-de-açúcar se inicia nos anos 1970 com a instalação da usina Moema de açúcar e álcool, numa época em que a cidade tinha cerca de quatro mil habitantes.

A Usina iniciou seus trabalhos como uma destilaria em 1978, e, a partir de 1982 deu início a sua atividade industrial no processamento de cana-de-açúcar para produção de álcool anidro e hidratado. Em 2008 a capacidade de processamento bateu recordes e foi de 4,8 milhões de toneladas de cana-de-açúcar moídas por safra, gerando 301 mil toneladas de açúcar e 205 mil metros cúbicos de álcool. Isso colocou minha cidade natal na décima posição do Ranking de Produção por Usina das empresas associadas da UNICA²⁷ (Pedroso Júnior, 2008). Com a chegada da usina a promessa de progresso e avanço econômico veio junto. Invadiu o imaginário da maior parte da população que imediatamente foi empregada e colocada para trabalhar nos canaviais, cerca de 2,8 mil pessoas²⁸. Meus tios, primos e

²⁵ Disponível no site da Asforama (Associação do Fornecedores de Cana de Iturama): <https://www.asforama.com.br/artigo/bp-bunge-bioenergia-plantou-70-mil-hectares-de-cana-em-2020-e-este-ano-serao-mais-75-mil-hectares> e no site do SINDALQUIM (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Fabricação de Álcool Químicas e Farmacêuticas): https://www.sindalquim.org.br/post_noticia_9/

²⁶ Disponível na ferramenta colaborativa Infosanbas: <https://infosanbas.org.br/municipio/orindiuva-sp/>

²⁷ UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR (UNICA) - <https://unica.com.br/>

²⁸ Disponível no site da REPÓRTER BRASIL em: <https://reporterbrasil.org.br/2008/06/fiscais-resgatam-118-em-grandes-usinas-na-divisa-entre-sp-e-mg/>

primas, avós, todos sempre trabalharam e trabalham na usina. Já cortaram cana, outros são motoristas, outros são mecânicos dos caminhões e auxiliares de caldeiras. Até hoje a maior parte da população trabalha na usina, e mesmo após mudar de donos em 2009 quando foi adquirida pela Bunge²⁹ por R\$1,5 bilhões, continua instalada na cidade e produzindo álcool e açúcar.



²⁹ A Bunge é uma empresa multinacional de agronegócio, alimentos e ingredientes que atua globalmente na originação, processamento e comercialização de commodities agrícolas (incluindo grãos e oleaginosas), bem como na produção de óleos vegetais, ingredientes alimentares, nutrição animal e bioenergia. Fundada em 1818 e presente no Brasil desde 1905. Disponível em: <https://www.bunge.com.br/Somos-Bunge/Nossa-Historia>

Esses dados fizeram minha cidade natal ser o município com o solo mais intensamente explorado na região Oeste do Estado de São Paulo. Tendo um valor altíssimo de indicador de pressão antrópica, se tornando um dos municípios com a terra mais “remexida”, porém com o menor grau de mecanização agrícola em todo Oeste de São Paulo (Olivetti, 2005). O avanço do plantio da cana-de-açúcar afeta negativamente o estilo de vida da população rural, porque a usina busca incorporar as áreas disponíveis dos imóveis rurais, via arrendamento ou compra, expulsando os pequenos produtores para o meio urbano.

O trabalho de Shirota e Rocha (1998) e Olivetti (2005) mostram que os municípios que têm grandes áreas ocupadas com cana-de-açúcar e com usinas instaladas enfrentam vários problemas ambientais. Problemas que ajudam a fazer o Antropoceno. Solo, ar, água, plantas, animais, fungos, microrganismos. Nada está isento. E o jenipapo prospera nesse ambiente.

A contaminação pelo vinhoto, um subproduto da produção de álcool provoca a salinização dos solos, a contaminação dos recursos hídricos e o desequilíbrio da microbiota do solo (Rocha, 1998). A queima dos canaviais³⁰ para facilitar a colheita, feita com o objetivo de baratear o corte manual e aumentar a produtividade do trabalho do cortador, libera toneladas de gases como o gás carbônico, ozônio, gases de nitrogênio e de enxofre, além da fuligem cancerígena da palha queimada (Olivetti, 2005). O ozônio não se dispersa com facilidade na atmosfera, prejudicando o sistema respiratório dos seres vivos e o crescimento das plantas (Szmrecsányi, 1994)

Na década de 1990, o grupo Moema recebeu nove multas, se tornando a empresa recordista (Repórter Brasil, 2011) de multas ambientais aplicadas na região de São José do Rio Preto, no interior de São Paulo, por ter desmatado várias áreas com vegetação nativa da Mata atlântica para plantar cana-de-açúcar, uma das faixas irregulares desmatadas ficava na margem do Rio Grande, que divide São Paulo e Minas Gerais. Como punição pela

³⁰ No Estado de São Paulo, a queima pré-colheita passou por eliminação gradativa a partir da Lei Estadual nº 11.241/2002 e foi acelerada por compromissos setoriais como o Protocolo Etanol Verde, que consolidaram a colheita mecanizada de cana-de-açúcar crua como padrão, com término da queima em áreas mecanizáveis em 2014 e, nas não mecanizáveis, em 2017.

Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2002/lei-11241-19.09.2002.html> e <https://unica.com.br/iniciativas/protocolo-etanol-mais-verde/>.

infração o Ministério Público Estadual e Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo, ordenou que a área fosse reflorestada imediatamente e que os avanços da cana sobre as formações nativas fossem barrados.

Esse não foi o único momento que a empresa foi autuada por questões ambientais, várias outras autuações aconteceram, devido irregularidades nas condições de trabalho: falta de instituições e medidas de proteção legalmente exigidas no local de trabalho; atividades e operações insalubres; irregularidades na duração e pagamento dos trabalhadores; falhas de segurança por negligência; acidentes fatais; não pagamento das horas de deslocamento da moradia à frente de trabalho; coação para que os trabalhadores anotassem horários de serviços diferentes do real em cartões manuais; falta de licença para nova fonte de poluição; poluição do ar e queimada irregular (Jesus et al., 2016; Casara et al., 2022)³¹.

Para Haraway e Tsing (2019), essas questões apontadas até agora dão força ao tempo que a autora nomeia como Plantationoceno, período em que as plantações/*plantations* se dão como um sistema de trabalho forçado que reorganiza a vida das espécies no mundo. “É um sistema que depende de algum tipo de trabalho humano forçado, porque se o trabalho puder escapar, escapará da *plantation*” (Haraway; Tsing, 2019, p. 6, tradução nossa).



³¹ No trabalho “*O sabor do açúcar: trabalho escravo, desmatamento e violência contra povos indígenas na cadeia produtiva dos refrigerantes*”, Casara et al. (2022), levantam quais países continuaram recebendo e importando produtos da Usina Moema (de 2001-2016), mesmo depois de notificados sobre as irregularidades trabalhistas, sendo eles: África do Sul, Alemanha, Angola, Arábia Saudita, Argélia, Bahrein, Bangladesh, Benim, Canadá, Chile, China, Cingapura, Coreia do Norte, Costa Rica, Croácia, Cuba, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Gana, Holanda, Iêmen, Índia, Indonésia, Irã, Israel, Itália, Jamaica, Japão, Malásia, Marrocos, Maurício, Mauritânia, Namíbia, Nigéria, Omã, Paquistão, Portugal, Quênia, Reino Unido, Romênia, Rússia, Síria, Sri Lanka, Sudão, Suécia, Taiwan, Tonga, Trinidad e Tobago, Tunísia, Turquia, Uganda, Venezuela e Vietnã. Veja mais em: <https://busqueda.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1373402>.



As *plantations* requerem para existirem relações desiguais, invasivas ou escravidão total dos trabalhadores. Elas dependem de formas muito intensas de escravidão incluindo o trabalho forçado de não-humanos como as plantas, os animais e os micróbios. No projeto desses sistemas de trabalho forçado, as simplificações ecológicas entraram para compor com as *plantations* e a agricultura. Como Haraway e Tsing (2019) comentam, a *plantation* é de certa forma, essa conjuntura entre as simplificações ecológicas, a disciplina das plantas em particular, e a disciplina dos humanos para trabalhar nelas. “A *plantation* nos leva a [...] disciplina-das-pessoas/disciplina-das-plantas” (Haraway; Tsing, 2019, p. 6, tradução nossa).



Os processos ambientais ocorridos na década de 1990 são relevantes porque, entre as infrações atribuídas à Usina, as medidas relacionadas ao dano ambiental figuram entre as poucas em que houve cumprimento efetivo e um compromisso de compensação ambiental de fato assumida e custeada pela empresa. O projeto de restauração que apresento a seguir foi o primeiro a ganhar materialidade como ação executada e também foi mobilizado como demonstração pública de responsabilização. Uma vitrine de que a Usina reconhecia os desmatamentos e buscava realizar, para os padrões da época, uma compensação ambiental considerada exemplar.

Essa é a *assemblage* desta paisagem: o avanço da *plantation*, engolindo e sugando toda a terra, dando origem a projetos de preservação modernos.



O que é uma *plantation*, alguma combinação dessas coisas parece estar quase sempre presente [...]

simplificação radical; substituição de pessoas, culturas, micróbios e formas de vida;

trabalho forçado; e, crucialmente, a desordem dos tempos de geração entre as espécies, incluindo os seres humanos.

[...] Quero enfatizar a interrupção radical da possibilidade de cuidar das gerações e, como me ensinou Anna [Tsing], o rompimento do vínculo com o lugar [...] a capacidade de amar e o cuidado com o lugar é radicalmente incompatível com a *plantation*. Pensando na *plantation*, todas essas coisas parecem estar sempre presentes em várias combinações (Haraway; Tsing, 2019, p. 06, tradução nossa).

Os seres que habitam a Terra estão conectados, em rizoma com o mundo, em cooperação tecem camadas, constroem narrativas humanas e mais-que-humanas que nos contam sobre perturbações, coordenações e simbioses, e juntos, como defende Tsing (2019; 2022), fazem paisagens que nos oferecem o inesperado, reunindo em suas composições aquilo que é próprio do nosso tempo, do tempo que a paisagem resiste. Tornando as paisagens em registros, marcas, testemunhos.

Para Tsing (2019; 2022), as paisagens são fragmentos, são feitas a partir deles, uma montagem de mosaico, e por isso, são essencialmente assimétricas e irregulares. Essa heterogeneidade pertencente às paisagens produz linhas fugas, e podemos aprender com as narrativas extraídas das camadas que compõem essas paisagens, acessando assim um lugar privilegiado, digamos, de paisagens-narrativas, que além de contarem e de trazerem histórias

dos seres que as criam, dos seus visitantes, das suas jornadas, fazem mundos. Talvez seja isso: as paisagens fazem mundos, por serem também fabricadas.



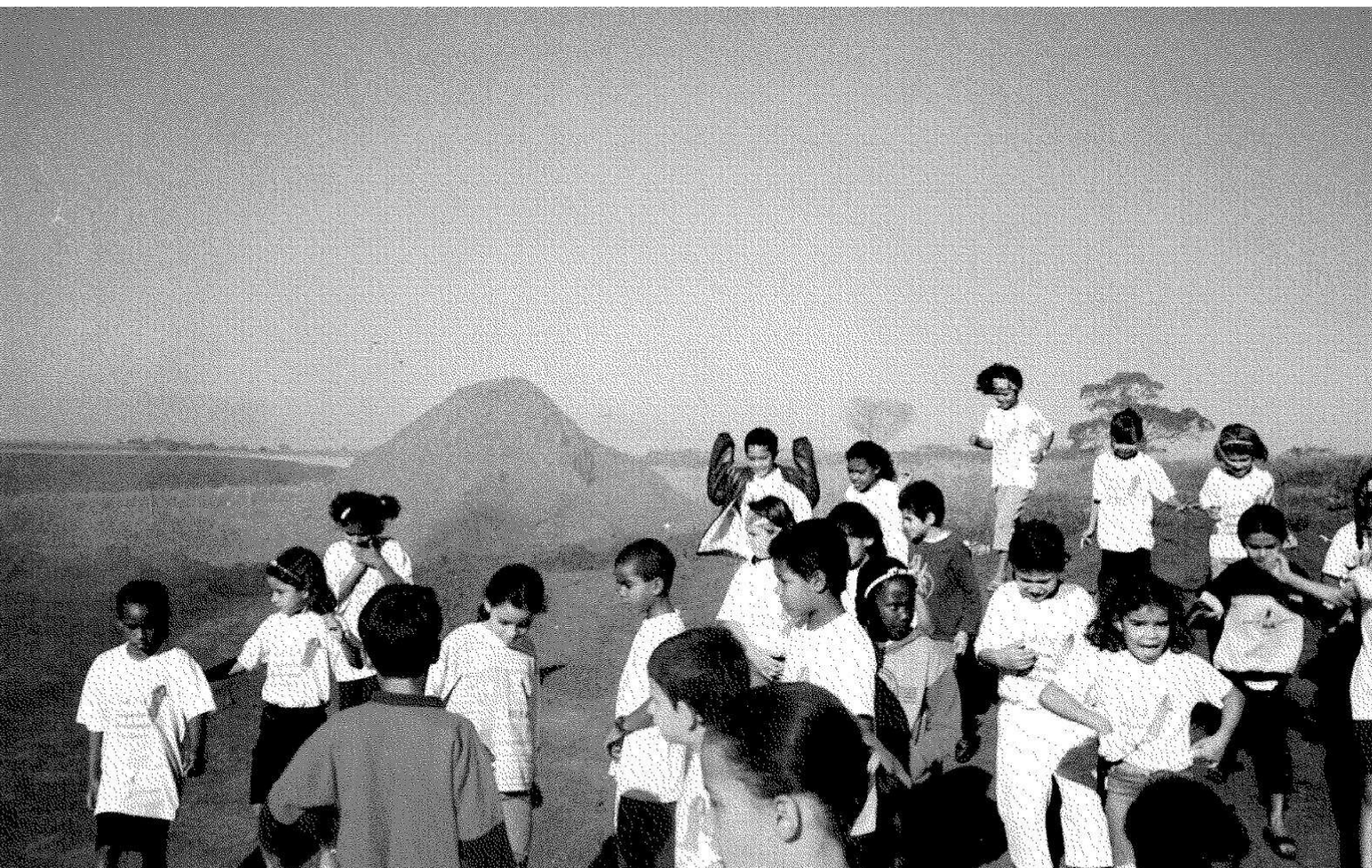
As paisagens para Tsing (2019; 2022) se dão em *assemblage*: composições que são formadas pelas diferentes manifestações da vida no mundo. A autora (2019) utiliza o termo *assemblage* para se referir aos “organismos que podem ser encontrados juntos e agrupados em um lugar” (p.17). Optamos por deixar o termo em inglês, pois como comenta Tsing (2019) a tradução para o português como “assembleia³²” reduziria o entendimento que ela debate, pois em português o termo se refere mais aos humanos. Em inglês, esse termo soa mais aberto e inclui em tais reuniões, também seres mais-que-humanos.

Em outras palavras, tais *assemblages* formam paisagens que são multiespécies, e por isso reúne histórias nas paisagens que envolvem todos os tipos de seres, humanos e mais-

³² Na obra *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo* (2022), nas *Notas dos tradutores*, o termo *assemblage* é traduzido como assembleia, pois segundo os tradutores, tanto *assemblage* quanto assembleia é utilizado no sentido deleuzo-guattariano de agenciamento e por isso nesta obra utilizaram assembleia (em português) como se usa no vocábulo da ecologia para marcar o legado de Tsing no uso do conceito. Porém na nota 14 do capítulo *Artes de notar* Tsing (2022, p. 69) diz: “meu uso de assembleia refere-se ao que se reúne em um lugar, em qualquer escala [...] meu uso de assembleia refere-se aos modos de ser [...] *Assemblage* [aqui sem traduzir para o português] traduz o agenciamento do filósofo Gilles Deleuze, e isso apoiou diversas tentativas de abrir o termo para o “social”; meu uso se junta a essa configuração”. Com isso, nesta tese seguimos com o termo sem tradução por entender que ele reúne e abarca com força conceitual os seres humanos e mais-que-humanos.

que-humanos. “*Assemblages* são agrupamentos abertos [...] não se limitam a reunir formas de vida; elas as criam” (Tsing, 2022, p. 68). Pensar a *assemblage* como esse agrupamento que acontece de camadas, que vão sendo depositadas na entrada e saída de seres num mesmo conjunto, nos trouxe o seguinte questionamento relacionando tal conceito à proposta rizomática deleuzo-guattariano, com a produção de narrativas: como podemos combinar paisagens às histórias, de modo que as diferenças e as multiplicidades, que são essenciais para sua constituição e sua fragmentação permaneçam à vista? Que Antropoceno é virtualizado pelo *Narrativar*?

A área que foi ordenada pelo Ministério Público para ser reflorestada e recuperada era na margem do Rio Grande, pois era neste local que a usina havia mais fragilizado e até mesmo destruído partes de matas ribeirinhas, extremamente importantes para as vidas das margens e para o rio. O projeto contou com apoio do pelo Laboratório de Ecologia e Restauração Florestal (LERF) da Universidade de São Paulo, que forneceu o método e a base científica para o desenvolvimento das ações de recuperação. Especificamente na parceria do projeto com a usina executado em Orindiúva, o objetivo era compensar as infrações ambientais recebidos na década de 1990, recuperar as áreas degradadas, e ao mesmo tempo envolver a comunidade e escolas na educação ambiental.





No trabalho “*Atividades de adequação ambiental e restauração florestal do LERF/ESALQ/USP*” o professor Ricardo Ribeiro Rodrigues (2010) que era o coordenador científico e institucional do LERF, ao comentar sobre as ações de recuperações feitas na minha cidade, para além das discussões sobre a metodologia que eles utilizaram, no último tópico do trabalho é apresentado um posicionamento relacionado diretamente à educação, onde os autores (2010) comentam que a ideia dessas recuperações é também criar espaços possíveis de se implantar trilhas para uso das pessoas, inclusive com cunho educativo. O público-alvo para essa etapa da metodologia era formado principalmente por “funcionários [públicos] e seus familiares, visitantes, escolas” (Rodrigues et al., 2010, p. 11).

Porém o local que o jenipapo me encontrou fica dentro da cidade, cerca de 8km do rio e ao lado da escola, queria muito entender como esse projeto conseguiu migrar das margens destruídas do Rio Grande para perto da escola. Porém, não consegui encontrar facilmente documentos que explicassem como a recuperação da área determinada pela ação judicial se desdobrou para a criação da Matinha da Bota, se foi uma ação a mais do projeto, ou se recuperaram menos áreas as margens do rio e compensaram plantando a Matinha da Bota

Para descobrir isso fiz uma visita na escola que frequentei nos anos iniciais de minha escolarização. A mesma escola em que eu apanhava diariamente. Mesmo temerosa, sabia que lá iriam conseguir me contar algo. Pois meu corpo se lembrava de ter plantado com a escola árvores na Matinha da Bota. E curiosamente os professores da época em que eu estudei ainda estavam dando aula na escola. Reencontrei a maioria deles quando fiz a visita. Chegando na escola fui recebida com um abraço da inspetora que se lembrava de quando eu era criança. Rimos muito lembrando de como eu era competitiva nos esportes e amava o laboratório de Ciências a ponto de fugir das aulas para poder passar o tempo lá vendo os animais, as plantas, os frascos, as cores e longe das agressões dos meninos.

O diretor estava em uma ligação fiquei olhando o pátio enquanto aguardava para conversar com ele. Saindo da ligação ele caminha até mim esticando para o abraço. Era meu professor gay de artes que agora virou diretor. Me recebeu muito bem e ouviu bem atentamente todas minhas perguntas: - quem plantou essa Matinha da Bota? – quando

aconteceu isso? Ele logo disse que sabia quem saberia me ajudar com as questões: A professora de ciências! Ela quem tinha organizado a ação e coordenado as pedagogas e outros professores. – Ela está no laboratório de ciências, pode ir lá conversar com ela. Disse o diretor.

Fiquei tão feliz em saber que entraria naquele lugar de novo, que reveria minha professora de ciências da infância toda e que encontraria mais pistas para o que estava procurando. Chegando lá a nostalgia tomou conta de todo corpo, me sentia uma gigante caminhando em uma cidade bem pequena, essa foi a diferença mais marcante, me lembrava daquele lugar como um espaço enorme, com coisas grandes, equipamentos, pranchas, vidros. E na verdade era uma pequena sala com os materiais bem amontoados, nada grande, nada confortável. A professora estava lá preenchendo o diário e ficou muito feliz em me ver. Ela já sabia que eu tinha feito biologia e estava no Doutorado. Sabia também que eu tinha escolhido ser professora de ciências por conta dela. Porque amava as aulas e o laboratório.

Após matar a saudade, contei que estava querendo saber mais sobre a Matinha da Bota. Que tinha relembrado que foi a escola que havia plantado e que gostaria de escrever sobre isso. Refiz as perguntas a ela. E ela tinha algumas respostas. Mas antes de me contar, levantou-se e disse que precisava de um minuto e saiu do laboratório me deixando sozinha. Fiquei por um tempo olhando os atlas sobre o corpo e pensando como aquilo era fragmentado e logo ela voltou. Estava com uma caixa de papelão quadrada com as abas rasgadas nos braços e um sorriso enorme no rosto. – Eu encontrei as fotos desse dia! Faz uns meses que achei essa caixa cheia de fotos antigas reveladas, estava passeando por elas e me lembro de ver algo sobre a Matinha da Bota e você.

Um encontro. O jenipapo quem me contou.

E após separar alguns materiais e ouvir muitas histórias encontrei mais pistas de como criaram a Matinha da Bota.



Pelas gerações futuras • Em respeito a vida • Vale a pena verde novo • O que deus criou o homem não tem o direito de destruir, mas o dever de proteger respeite a natureza



Ouvi da professora que quando foram recuperar o espaço na beira do rio Grande, os organizadores do projeto sugeriram recuperar outra área, na nascente do Córrego Barreirão, importante afluente do Rio Grande, que teve sua região então degradada pelo plantio de cana-de-açúcar e pela extração local de madeira e de espécies nativas como cipós-jiboias, orquídeas e copos-de-leite nativos.

Soube que para que aquela ação alcançasse exemplo de excelência deveria ser o máximo interdisciplinar possível, para além da parte prática-biológica-ecológica de estudar a área, replantar, cuidar e acompanhar, algumas ações demandavam a participação da educação, para promover como ouvi da professora “consciência ambiental”. Como ficava inviável levar dezenas de crianças para a beira de um rio e longe da cidade para participar das ações de recuperação, pensou-se em trazer o projeto para perto da escola, mais especificamente no terreno ao lado dela, onde estava a nascente do Córrego Barreirão. O projeto que criou o primeiro viveiro de mudas da cidade a partir de coletas de sementes nativas nas fazendas da região, solicitou a produção de mudas a mais, disse ela, e esse excedente foi plantado onde hoje é a Matinha da Bota, no dia 13 de setembro de 2000, no dia da árvore.

E ao visitar as fotografias, eu estava lá, em preto e branco, com olhos serrados por conta do sol e do calor, com uma muda na mão, sem muito entender sobre como aquilo ali iria funcionar, fazendo uma repetição do que estava vendo: cavar, tocar a planta na terra, cobrir e fazer disso uma terra só. Talvez um início de jardinagem.



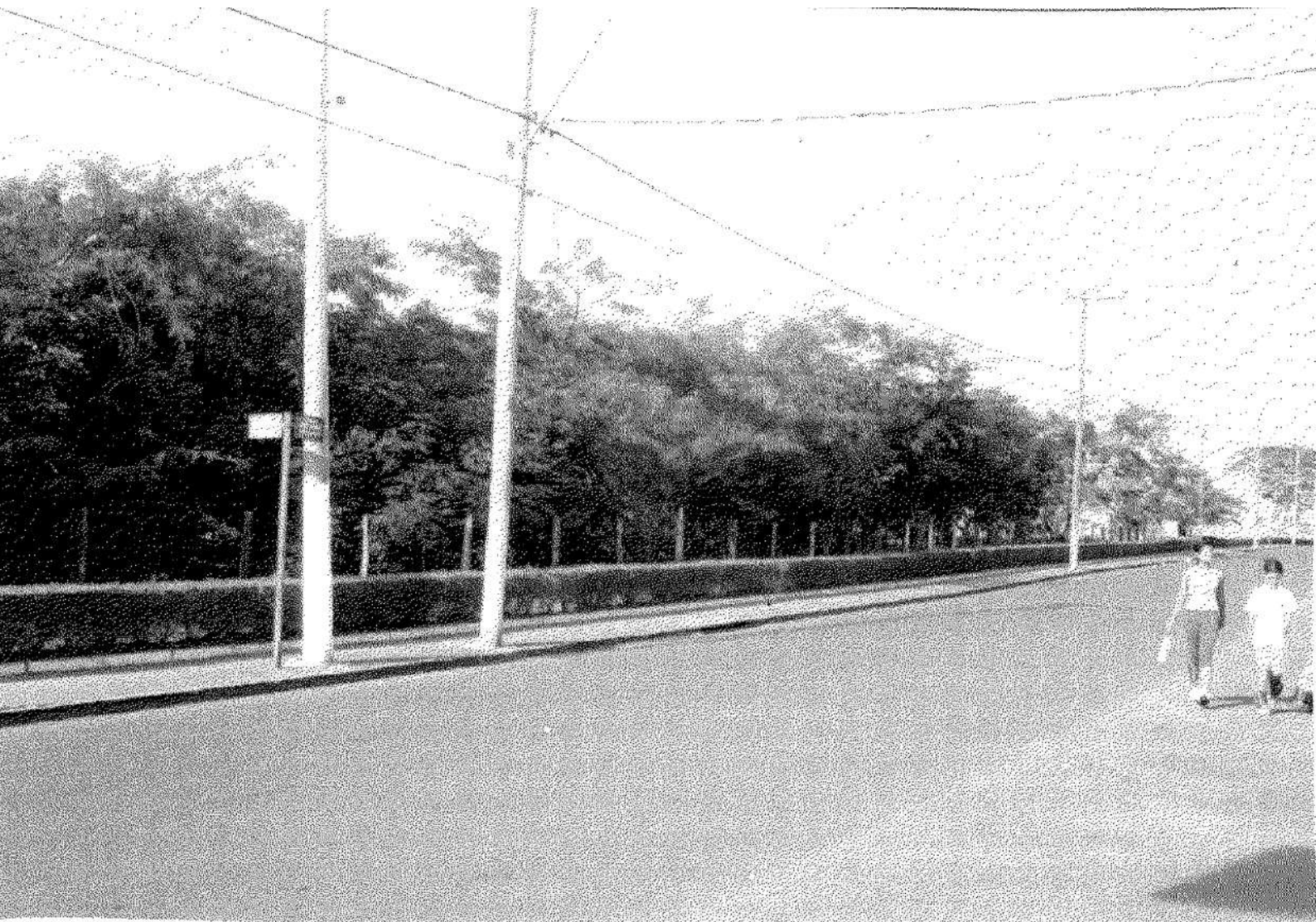


Será que plantei um jenipapo? As plantas que foram escolhidas para ocuparem e restaurarem a Matinha da Bota foram escolhidas como? Fiquei me perguntando isso tentando pensar como o jenipapo chegou até lá.

Foram questões que me colocaram em movimento de visitar a Matinha da Bota, aprender com ela. Ouvir o que as plantas de lá falavam. Ocupar com elas. Criar cores com a mata.

O autor Steve Costa (2019) em sua dissertação de mestrado, estuda os resultados do programa da ESALQ após 20 anos e visita a restauração em Orindiúva, SP. De modo geral, Costa (2019, p. 42) avalia que a restauração apresentou valores adequados para os indicadores ecológicos avaliados. Os resultados da avaliação indicaram “a necessidade somente da manutenção do isolamento dos fatores de degradação presentes nessas áreas, tais como a eventual ocorrência de lianas (trepadeiras) em desequilíbrio, gramíneas e espécies exóticas invasoras”.





Penso a paisagem que forma na Matinha da Bota, com as paisagens multiespécies de Tsing (2019), as paisagens que ela adentra, como diz a autora “são reuniões em que muitos seres vivos – e também coisas não vitais, como rochas e água - tomam parte” (Tsing, 2019, p. 247-248). Os seres que há na paisagem performam e se encontram com outros seres para negociar a “sobrevivência colaborativa, o 'quem vive e quem morre' e o 'quem fica e quem sai', performances da paisagem” (2019, p. 248)”.

O Antropoceno avança somente quando introduzimos desigualdade, história e especificidade cultural. Paisagens são úteis para tais análises. Paisagens podem nos mostrar configurações nocivas: a reunião de trajetórias humanas e não humanas. Eu me volto para a paisagem, então, como uma ferramenta que pode vitalizar as discussões do Antropoceno - e trazer-nos de volta a autoreasselvajar (Tsing, 2019, p. 247).

As plantas autoreselecionadas são os fatores de degradação, são plantas trazidas pelas plantas que foram plantadas e planejadas pelos humanos. As plantas autoreselecionadas acompanham ruínas. Elas são um problema. Florescem a partir dos projetos de fazer-mundo iniciados e mantidos pelos outros seres. É isso que nos interessa ao voltar para a Matinha da Bota e reativar as histórias entre humanos e mais-que-humanos, suas trajetórias no tempo.

Por isso decidimos ficar com elas.

Tsing (2022) comenta que história é uma prática humana de narração que cria um conjunto de passados que transformamos em histórias. E nos convida estender nossa atenção para os rastros e traços dos mais-que-humanos e narrar com eles, pois eles contribuem na fabricação de nossas paisagens.

Tais caminhos e traços falam dos entrelaçamentos entre espécies em contingência se conjunturas, os componentes do tempo “histórico”. Para participar desse emaranhado não é preciso fazer história de um único modo. independente do fato de outros organismos “contarem histórias” ou não, eles contribuem para a sobreposição de caminhos e traços que entendemos como história (Tsing, 2022, p. 246).

O avanço da *plantation* nos faz esquecer que árvores são agentes históricos. E a questão que vem com isso provocada por Tsing (2022) é de como podemos remover amarras que nos impedem de perceber o dinamismo tão central na vida das florestas? Uma estratégia é alterar o contexto transformar a trajetória de outros organismos em história. Fazer história.

Acompanhar as plantas que proliferam na Matinha da Bota e os desafios que a elas se apresentam é uma forma de história. Por isso *Narrativar*.

As plantas autoreselecionadas nos ajuda na construção dessas narrativas. Voltamos a Matinha da Bota para ver os encontros multiespécies. As plantas autoreselecionadas só prosperam a partir dos encontros. Das histórias.

Os organismos mortos apodrecessem, tornando-se solo orgânico, que por sua vez torna-se a base para uma nova vida em lugares em solo orgânico. Esse ciclo de vida e morte foi quebrado por alguma ação contingente. Tal ação sinaliza o tempo irreversível, isto é, história (Tsing, 2022, p. 251).

Ao ocupar paisagens perturbadas, as plantas que chegam com o desastre fazem história com as plantas que já estavam compondo a paisagem. “E nos mostram como o fazer história se estende para além do que os humanos fazem” (2022, p. 251).

E é nesse entre seres que ocupam a paisagem que vemos as contradições do manejo florestal da Matinha da bota. Os moradores locais, a Usina e os órgãos ambientais passaram a se relacionar com a floresta enquanto o sistema estáveis, cíclicos e renováveis. Mas Tsing (2022) ensina que as florestas são abertas ao imprevisto e historicamente dinâmicas.

Ritmos irregulares produzem florestas irregulares. Manchas se desenvolvem em diferentes trajetórias, criando paisagens florestais irregulares. Ainda que a administração forçada contra a irregularidade possa levar algumas espécies à extinção, ela nunca poderá ser bem-sucedida em seu ímpeto de transformar árvores em criaturas sem história (Tsing, 2022, p. 259).

plantas que chegaram depois, começando pelo desastre. pensando com(o) as daninhas



Pensei que uma boa maneira de contar essa estória seja começando pelas plantas que estão no meio das paisagens e muitas vezes nas bordas. As plantas que estão participando do ressurgimento³³. É um encontro com plantas que são indesejadas, até mesmo por outras plantas. Chegaram na floresta a partir de outros seres e depois se instalaram e vivem lá compondo aquela paisagem. Sua presença só é possível porque outros seres criaram um espaço multiespécie aberto que reúne cada vez mais outros seres. O Jenipapo é uma planta reasselvajada, foi plantado na intenção de ajudar a recuperar processos ecológicos devastados, foi escolhido pelos humanos para aumentar a biodiversidade daquele lugar. Já as plantas autoreasselvajadoras, aqueles seres que são trazidos por seres não humanos à uma paisagem em ruínas, são organismos que aproveitam as perturbações humanas. Se espalham, se adaptam, criam outras paisagens. “Os autoreasselvajadores apreciam e criam perturbação” (Tsing, 2019, p. 251).



Sem autoreasselvajamento, nossas paisagens perturbadas seriam escassas e inócuas, desprovidas de organismos exceto por aqueles que colocarmos lá. Mas o autoreasselvajamento oferece futuros ambivalentes. Por um lado, devemos a riqueza de nossas paisagens ferais ao autoreasselvajamento. Por outro lado, autoreasselvajadores matam as chances de outras espécies menos agressivas e menos apreciadoras da perturbação. Autoreasselvajadores são arrojados. São daninhos (Tsing, 2019, p. 246).

Elas chegam na paisagem dispersada pelos pássaros, pelo vento, pelos insetos, pelos fungos, pelos morcegos. São elas as parasitas, as pragas, as ervas. Criam perturbação, sobrevivem nos espaços marginais não racionalizados, “fazem uso [...] do abandono” (Tsing, 2019, p. 251). Estavam aguardando apenas uma configuração diferente de paisagem que as permitiam retornar. Ervas de passarinho restauram parte da riqueza botânica do lugar.

Plantas que se dispersam encantando pássaros e os fazendo carregá-las por todo canto da Terra-terra. Algumas ervas de passarinho são parasitas, além dos pássaros precisam de outras plantas para viver. Foram com elas que encontrei logo que adentrei a Matinha da Bota. Enfeitiçaram.

³³ Utilizo o conceito de ressurgimento aqui com Tsing (2022, p. 263), para falar das plantas daninhas o entendendo como a “força da vida da floresta, [...] a habilidade de espalhar sementes, raízes e brotos para recuperar lugares que foram desmatados.



Espero que a esta altura você esteja dizendo, “Isto não é novidade! Eu posso pensar em muitos exemplos similares de paisagens e pessoas ao meu redor”. Eu concordo; a diversidade contaminada está em toda parte. E se tais estórias são tão difundidas e bem conhecidas, a questão se torna: por que não usamos essas histórias para descrever a maneira como apreendemos o mundo? Uma razão é que a diversidade contaminada é complicada, muitas vezes turbulenta e intimidante. A diversidade contaminada implica sobreviventes em histórias de ganância, violência e destruição ambiental. A paisagem bagunçada surgida da atividade madeireira corporativa nos lembra dos gigantes insubstituíveis e gananciosos que ali habitavam. Os sobreviventes de guerra nos lembram dos corpos que eles tiveram que sobrepujar - ou matar - para que chegassem até nós. Não sabemos se devemos amar ou odiar esses sobreviventes. De nada servem aqui julgamentos morais simplistas. Pior ainda, a diversidade contaminada é recalcitrante ao tipo de “resumo” que se tornou a marca do conhecimento moderno. A diversidade contaminada está em constante formação. Ela não é apenas específica e histórica, mas também relacional. Ela não é composta por unidades independentes; suas unidades provêm de colaborações baseadas em encontros. Sem unidades independentes, é impossível capturar custos e ganhos, ou funcionalidades, para qualquer “um” dos envolvidos. No entanto, nenhum indivíduo ou grupo autossuficiente assegura seus interesses pessoais de forma alheia ao encontro. Sem algoritmos baseados na autossuficiência, pesquisadores e dirigentes talvez tenham que aprender sobre as histórias naturais e culturais em jogo. Isso leva tempo – e talvez seja um tempo excessivo para aqueles que sonham em abranger o todo com uma equação. Mas quem os colocou no comando? Se uma profusão de estórias conturbadas é a melhor maneira de contar sobre a diversidade contaminada, então é hora de tornar essa profusão parte de nossas práticas de conhecimento. Talvez, como os próprios sobreviventes de guerra, nós precisamos contar e contar repetidamente todas as nossas estórias de morte, quase-morte e da vida que nos é dada até que elas sejam assimiladas e nos ajudem a enfrentar os desafios do presente. É na escuta dessa cacofonia de estórias conturbadas que podemos encontrar nossas melhores esperanças para a sobrevivência precária (Tsing, 2022, p. 82-83).

*

Não são questões da biologia e nem ciências biológicas, é da Antropologia, falar da Antropologia traz as outras áreas. O objetivo de Tsing (2019) é tensionar a questão de separação analítica de natureza e cultura. O que é natural para o humano?

Conceito de domesticado, de feral e feralidade. Feral é tudo que escapa das explicações humanas. A paisagem é importante pois na história da paisagem geralmente há separação de natureza e cultura, o homem dominando a natureza.

Para Tsing (2019) paisagem é um encontro multiespécie, um agenciamento multiespecífico. Nesse sentido, se aproxima da ideia de paisagem do pensamento ameríndio de não ver a paisagem pelo longe, mas pelo perto e pelo encontro entre humanos e mais-que-humanos. Fazer parte.

A visão da natureza pelo crivo do HOMEM, do domínio. Que mundo selvagem é esse? Tsing (2019) implode esse pensamento quando ela traz que não existe selvagem. Mas sim, o reasselvajamento e por consequência o autoreasselvajamento.

Como lidamos com o conceito de feral, de doméstico e de domesticado?



A feralidade³⁴ nos ensina a viver no Antropoceno. O que fazemos que nos coloca em movimento de autoreasselvajamento? Como vamos engendrar encontros multiespécies? Isso é fazer paisagens então? Ficar com as ervas de passarinho é uma forma de perceber uma floresta com a Antropologia. Podemos também estar dentro das estórias, narrar as estórias, aprendendo na criação das histórias. Pensar com a manipulação da narrativa e da paisagem.

A perspectiva de provocar o olhar com aquilo que eles não se atentam. Olhe para o que você não vê.

O que pode despertar em paisagens esse mergulho? Como aprender com a minha criança como ela aprendeu COM o ambiente? Onde o corpo é integrante dessas paisagens? Como fazemos perturbações?

Encontros multiespécie é a metafísica da mistura?

Em que estamos imersos que permite a criação a outras coisas?

As paisagens em ruínas, daninhas, elas surgem nesses lugares de destruição. Rearranjam a vida. Rearranjam os encontros.

³⁴ Para Tsing (2019) o conceito de feral, diz sobre entidades e efeitos mais-que-humanos que emergem no interior de projetos infraestruturais humanos, e que seguem trajetórias que escapam ao controle humano (são aqueles seres vistos e entendidos pelos humanos como as pragas, as daninhas, os descontrolados). Feralidade, no sentido proposto pelo Feral Atlas (<https://feralatlas.org/>), projeto com curadoria e edição de Anna L. Tsing, Jennifer Deger, Alder Keleman Saxena e Feifei Zhou que reúne uma série de relatos de campo do Antropoceno com objetivo de incitar uma mudança coletiva na forma como compreendemos o mundo e as paisagens, entende o conceito como sendo as dinâmicas pelas quais infraestruturas imperiais e industriais estimulam respostas mais-que-humanas nas paisagens em ruínas, tornando-se constitutivos do próprio Antropoceno. Como escreve Yama Chiodi (2020, p. 375): “Em português corrente, geralmente entende-se o feral como característica do animal que fugiu da domesticação para uma vida selvagem. Buscando o significado em inglês, alguns dicionários vão numa direção mais específica e mais próxima do Feral Atlas. O *Cambridge Dictionary*, por exemplo, define o feral como aquilo que está em estado selvagem, em especial animais que foram mantidos por humanos outrora. Mas o que caracteriza o feral do Atlas? Feral descreve algo que emergiu por meio de projetos humanos, mas não é ou não pode ser controlado por humanos. Essa definição deixa o termo mais específico e mais amplo ao mesmo tempo. Mais específico porque coloca mais requisitos. Mais amplo porque permite o uso desse adjetivo para uma infinidade de outras coisas que não apenas animais, ou seres que foram alguma vez domesticados por humanos. É por isso que se pode falar de eventos e efeitos ferais. Eventos e efeitos ferais se tornam visíveis quando buscamos e observamos as infraestruturas do antropoceno. Apesar desse potencial de expansão, o Feral Atlas dedica a noção de feralidade exclusivamente a não-humanos”.

Paisagens são mentais também.

Plantar uma mata que surgiu da metafísica da mistura.

Os autoselvageadores implodem o conceito de feral e doméstico. Feral é o que escapa dos controles humanos como a erva de passarinho.

erva de passarinho





Crescer por aí em cima de árvores e estar em devir com elas. Destoar nas cores das copas sem medo de me mostrar. Pintar as copas enquanto se é copa. Não escolher onde brotar. Brotar onde os excretos me deixarem. Não escolher o que ocupar. Somente parasitar. Sugar todo floema e matar. Ocupar a terra após a morte. Devir terra enquanto o viver for aéreo. Sonhar com a terra. Alcançar a terra com a morte da árvore que me protegeu, muniu, abrigou e deu a vida. Atrair os seres do cosmos para ocupar o cosmos. Desenvolvi atrativos cósmicos. O fruto colorido, roliço, de tamanho perfeito para deslizar pelo esôfago. O fruto que brilha tanto que se faz presente e destoante no vergel do Cerrado. Minha aposta. Atrair aves. Enfeitiçar elas. E as fazer desejarem e ansiarem por mim. E esconder nos frutos as sementes. Elas carregam consigo todo o universo. São o propósito da atração. Seriam as sementes uma das razões das minhas flores? Ou seria os frutos também uma forma de razão por serem, nas ervas de passarinho como eu, atratores cósmicos? Não me importa. Me concentro na atração.

Sou um ser sésnil. Assim como a maior parte das plantas. E como toda planta tenho minha estratégia para sair, vaguear. Tornamos nômades ao mesmo tempo que sésseis. Espalhamos nossas sementes para que possam germinar enquanto ocupam a paisagem. Algumas de nós fazem frutos com asas, que ao serem tocados pelo vento levam as sementes para longe, para além dos vales. Outras fazem frutos resistentes e redondos. Rolam com um simples soprar de brisa, distanciando no rolar da planta mãe. Outras criam frutos flutuantes que vão com as águas das chuvas e dos rios atravessando o território. Ora parando nas margens, ora preenchendo as curvas. Algumas como eu, criam frutos especializados, ou que grudam, ou que se agarram ou que sejam doces, suculentos e coloridos, para assim enfeitiçar animais, para que eles transportem nossas sementes consigo. Seja nas pelagens, seja nas patas, na boca, no estômago ou nas fezes.

Mas sou diferente das outras plantas porque ensinei minhas sementes não ocuparem a terra. Ainda. Esse é um desejo para depois que já passarem de plântulas. Enquanto sementes, escondidas nos frutos, deseja os galhos das árvores.

A planta da qual eu vim, me disse que fomos nós quem ensinamos os passarinhos a empolearem nos galhos. Ensinamos para eles que quanto mais alto e acima das copas for o galho, melhor. Os convencemos falando sobre a vista encantadora que encontrariam

nesses poleiros. E quando empoleirados, são os nossos frutos que provocam dor de barriga. Os obrigam a evacuar ali. No alto. E com suas fezes, disseminam as nossas sementes. Todo um ciclo de encantamento e histórias de ocupação da paisagem criadas por nós.

Nossas sementes ao perceberem que estão derramadas com fezes, água e amônia, sobre os tecidos de ligninas de uma outra árvore, recebem a mensagem do cosmos. Germinar mesmo que sem muita água. Crescer mesmo que sem enxergar o sol. Fingir-se ser copa de árvore, sem mesmo ter sentimento de pertencimento. Penetrar cada vaso vegetal em busca de nutrientes que foram recolhidos por outro ser, para nutrir a si. E quando nos percebemos como aéreas: desejar com toda vontade de potência a terra. Lançar tecidos que crescem buscando tocar o chão, e ao acontecer o contato, firmar um contrato com a terra-Terra para ocupá-la. Matar a árvore que me acolheu sem apagar completamente sua história. Encantar outros pássaros. Desejar ocupar com meus frutos e sementes outros lugares. É uma maneira de conhecer toda a Terra.

A princípio eu não aterro raízes. Não retiro quando jovem o que preciso da terra. Eu parasito outras plantas. Para mim tudo bem. Não me importo em usar os pássaros, em me escorar em outros seres vivos e até mesmo matar. Mas me inquieta saber que talvez nenhuma de nós alcance os astros. Não é mesmo Coccia?

Mas se as raízes são órgãos ativos da mistura cósmica, não é apenas porque colocam em comunicação os diferentes elementos da biosfera pedológica — o mundo subterrâneo que habitam — ou os outros organismos vegetais. Ao contrário, sua função é de ordem cósmica — seu sopro implica não somente as substâncias coloidais a que aderem e a fauna que ali vive, mas também as relações entre a Terra e o sol (Coccia, 2018a, p. 86).

Penetrar a terra ao mesmo tempo que ela nos penetra. O sonho da raiz é o sol. O sol sonha com o calor do manto. E o manto flerta com minhas caliptras. O feitiço lançado aos pássaros é o começo da mistura. É um verdejar metamorfoses.

A raiz permite ao Sol — e à vida — penetrar até a moela do planeta, levar a influência do Sol até suas camadas mais profundas, infiltrar o corpo metamorfoseado da estrela que nos engendra até o centro da Terra (Coccia, 2018a, p. 87).

Como não perceberam isso antes? Amamos o chão porque também amamos os céus e envolvemos ambos os unindo por cada uma de minhas pontas.



testes de cores. que cor é essa planta? estudos entre cores e processos³⁵



³⁵ Parte deste texto foi publicado na Revista Cidade Nuvens com o título *A receita é a cor: experimentos e produção de pigmentos naturais pela extração laca (ou lake pigments, ou pigmentos do lago)* em 2025. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/399886132> Acesso em: 26 jan. 2026.



Há algum tempo tenho tentado experimentar alcançar aquilo que é íntimo entre as plantas, os fungos e os seres mais-que-humano pelas suas cores. Plantas, fungos, minerais... as cores que vemos no ambiente são formadas majoritariamente por esses seres.

– Por que eu gosto de fazer tintas? – Porque eu acho excitante em ver a mudança das cores na produção, as mudanças das texturas. O processo. É pelo não saber qual cor que dará as reações que uma potência emerge. Uma tinta que em seu percurso, no seu reagindo, provoca um não saber, para saber. Meu encontro com os pigmentos se deu assim também, pelo não saber se eles estariam comigo ou não. Penso em como essas cores me ajudam a retirar esses seres do local de objeto e colocá-los como sujeitos durante o processo de produção dos pigmentos e tintas. Mesmo junto da biologia, da química, da física, que determinam as reações e balanços, ao cocriar pigmentos com a arte, antropologia, filosofia e educação podem surgir entre conhecimentos cores diferentes, cores desconhecidas, não catalogadas, únicas, mutáveis, até a última secagem.

A técnica de extração de pigmentos naturais que experimentamos é nomeada como “pigmentos laca”, ou “pigmentos do lago” em português, ou *‘lake pigments’* em inglês³⁶. Estudo como realizar essas reações químicas desde 2021 e tento aperfeiçoar a metodologia à realidade das plantas do Cerrado. Essa técnica de extração para obtenção de pigmentos das plantas é centenária e teve seu pico na Renascença, onde se popularizou entre os artistas e cientistas. É possível utilizar todo tipo de matéria vegetal como fonte para criar paletas de cores baseadas na natureza. Para isso, é necessário saber a origem dos pigmentos botânicos de cada planta que queríamos nos aproximar ao extrair suas cores. Assim podemos escolher os melhores sais Metálicos e Alcalinos refrigerantes para utilizar na reação. Os pigmentos decantados da reação desses dois sais, podem ser utilizados para fazer todo tipo de tinta e coloração: aquarela, óleo, tempera, pastel, giz de cera, maquiagem, tinta de cabelo, tinta de tecido, tinta de parede entre outros.



³⁶ O nome Laca origina-se da palavra “lac”, que se refere a um pigmento orgânico obtido a partir de uma secreção resinosa, conhecida como *sticklac*, expelida por insetos pertencentes à família zoológica *Kerriidae*, gêneros *Kerria* e *Paratachardina*. Na língua inglesa o termo mais utilizado para se referir a técnica é *“lake pigments”*. No Brasil e em outros países de língua portuguesa, conteúdos sobre a técnica e seus pigmentos, podem ser encontradas utilizando também o termo “pigmentos do lago”, advindo da tradução direta do inglês (*lake pigments*). Apesar da variação terminológica, os três nomes referem-se ao mesmo princípio: complexos corantes-mordente formados por precipitação (Lourenço, 2025). Prefiro o termo “pigmentos laca” porque ele me faz lembrar dos insetos também. Para saber mais veja em: <https://www.researchgate.net/publication/399886132>.



Os pigmentos botânicos são sensíveis a todo tipo de intemperismo. Moléculas de antocianinas vão de rosa à verde caso o pH mude bruscamente de ácido para básico. Pigmentos formado por carotenoides são estáveis às mudanças de pH, porém muito sensíveis à presença de íons metálicos. Clorofilas quando na presença de muita base mudam da cor verde para tons de amarelos e geralmente não alteram suas estruturas moleculares acrescidas de metais. Pigmentos da classe dos taninos geralmente dão extratos aquosos marrons, e são hiper-reativos a presença de ferro metálico mudando sua cor imediatamente para roxo ou azul dependendo da estação do ano feita a coleta. O pH não traz muitas mudanças na cor do tanino, mas na presença de ânions de cloreto (Cl^-) a molécula é desnaturada formando cores: tons de amarelo, bege e branco. Pigmentos indigóides, que recebem esse nome por produzirem cores azuis, na presença de soluções básicas formam azuis mais escuros que em soluções ácidas, podendo ficar preto e cinza na presença de acetatos de cobre e ferro.

O processo de produzir pigmentos com a técnica laca é um processo de alterações bruscas de pH e de acréscimos e subtração de íons metálicos. Isso faz com que haja várias alterações de cor durante as reações antes de obtermos a cor final que se estabilizará o pigmento. Como ocorre nos testes de cores, a produção de tinta se dá então com passagem por inúmeros tons que vão surgindo entre os acréscimos de reagentes. Algo que chamou minha atenção, e também dos estudantes desde que começamos estudar os pigmentos laca com plantas: durante o processo de extração não há como prever qual a cor final que produzirá a reação. Não se sabe previamente qual será a cor do decantado final. Pois inúmeros fatores modificam a cor a ser produzida etapa por etapa.

Em minhas experimentações com as plantas do Cerrado, percebi alguns nuances quanto a mudanças de cores. Se uma flor é rosa, e seu extrato aquoso (chá) também for rosa, ao adicionar Alúmen de Potássio e Carbonato de Sódio diluído juntos na proporção 2:1, pelo fato de os pigmentos ainda estarem instáveis quando a sua cor, esse extrato tende a ficar verde escuro, porém ao final total da reação, o sedimento que é produzindo originando o pigmento laca estável muda seu tom para em cinza, como ocorre com as flores de Quaresmeiras e Manacás da Serra.

Se a casca de uma árvore é marrom, seu extrato aquoso geralmente será marrom, porém, durante a extração caso seja adicionado soluções metálicas como acetato de cobre ou acetato de ferro a cor desse extrato muda para azul ou verde (com cobre) ou roxo ou preto (com ferro), mas já o pigmento estável que será produzido no final da reação e decantará, poderá se estabilizar nas cores preta ou roxa, como consegui produzir com o Barbatimão do Cerrado.

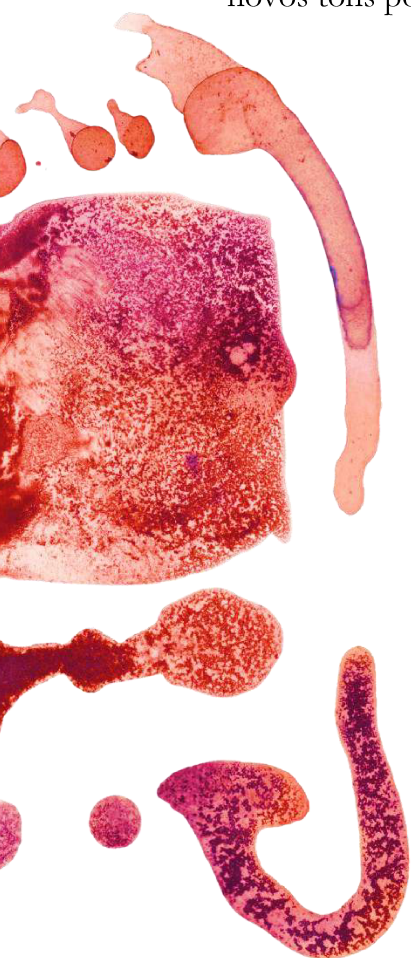
Se as folhas a serem experimentadas forem verde-claras, diferentemente das folhas de árvores que são verde-escuras, acontece algo muito interessante! O extrato aquoso dessas folhas verde-claras terá uma cor vermelha intenso, e ao adicionarmos um sal metálico ácido na reação, como o Alúmen de Potássio, esse vermelho se intensifica modificando um pouco a cor, tornando-se um extrato de pigmentos ainda instáveis da cor vinho. Quando adicionamos após essa etapa sais metálicos básicos como o Carbonato de Sódio, a cor se modifica novamente e retorna àquela vista nas folhas, mas agora de maneira estável: um verde claro brilhante e *neon*. Como observei experimentando com as folhas de Melão de São Caetano e folhas de Algodãozinho-do-Cerrado.



Na extração de pigmentos, geralmente não se sabe que cor estabilizará no resultado final. Por isso, todo o processo é uma descoberta. Ao adicionar os reagentes, o pH da solução é modificado e essa alteração atinge diretamente a molécula do pigmento que estava nas plantas ou cogumelos, e dependendo da composição química e da concentração destes pigmentos, suas cores podem variar numa escala infinita. O processo devir cores, e as cores são fruto do processo.

Um fabricante de cores que trabalha de uma maneira puramente regrada e pré-determinada de acordo com uma receita estereotipada, estará em posição de um replicador e repetidor de cores. Seguir uma receita sem saber o que está acontecendo entre artista-plantas-fungos-química-cores, impede o fabricante de perceber nos pequenos acidentes que ocasionam mudanças no curso do processo, as chances tanto de conceber um meio de superar essas “adversidades”, quanto de a partir delas, criar e elaborar caminhos para obter novos tons possíveis para uma certa matéria corante.

Muitas vezes o que acontece com quem segue uma receita e “erra” no processo de extração é que o produto é descartado e considerado defeituoso e aquela tentativa/experimentação uma tentativa “errada”, desigual ao padrão. Essa gana dos produtores de pigmentos quererem seguir os métodos à risca para replicar uma cor já produzida a séculos, não faz muito sentido. Pois é impossível reproduzir exatamente as condições sob as quais um pigmento natural pode ter sido criado quatrocentos ou quinhentos anos atrás. As mudanças no curso da extração podem ocorrer por muitos motivos, mas principalmente ocasionada por materiais, produtos químicos ou água que contenham muitas impurezas que não são detectadas e nem possíveis de se separar. Porém, se ao fazer uma cor que é o resultado de vários processos, um produtor de tinta comete um erro, ou algo muda no processo, isso não quer dizer que esse pigmento obtido não é correto. Pelo contrário, foi a partir desse “desastre” que surge uma cor entre: entre o processo e as rotas, entre os artistas e aquele momento, entre a receita e a contra-receita. O convite é a um outro olhar sobre o que pode uma receita? E o que podem em cores uma receita outra? Para a criação de cores naturais: o autoreasselvajamento.



Pigmentos naturais só existem como resultado de encontros. É justamente aí que a receita encontra seu limite. Não há como conter o ressurgimento das cores nas paisagens. O “erro” na produção de pigmentos naturais é aquilo que escapa do controle e faz com que as cores ajam como agentes vivos na paisagem. As cores cultivadas em florestas perturbadas carregam consigo a variabilidade feral do lugar de onde vieram. Seus tons e subtons respondem ao solo, ao clima, ao encontro desarmônico de espécies e seres. Ao tingir tecidos ou pintar superfícies com esses materiais, não estamos apenas aplicando cor, mas semeando fragmentos de paisagens. O pigmento torna-se então um coautor da paisagem. Tal como o Matsutake de Tsing que brota nas clareiras da devastação e ajuda florestas a se refazerem, o pigmento natural irrompe com sua vivacidade indomada a ideia de que as matas, as árvores, os jenipapos e ervas daninhas não fazem histórias. Os pigmentos nos ajudam a explorar as ruínas.

Como entrar em contato com coisas que nos fazem entrar em movimento de autoreasselvajar? Se trouxermos Tsing para dentro do laboratório-ateliê, para pensarmos a produção de pigmentos naturais entendemos que apostar no “erro” pode ser uma rota. O jenipapo planta reasselvajada, introduzida pelos humanos, tem o azul mais vibrante em seu fruto verde. Ao me atrair até a Mata da Bota, me colocando como parte daquela paisagem, ao me fazer desejar seus frutos, ao me enfeitiçar com o azul-anil, o Jenipapo põe o produtor de pigmentos naturais em processo de autoreasselvajamento. O pigmento produzido, que devir-cor, foi criado pelo produtor autoreasselvajado e por isso já é por essência, como as plantas, seres e coisas que são atraídos pelos reasselvajadores, uma cor autoreasselvajada. Ela é também daninha, uma praga do Antropoceno.



Os pigmentos nos lembram que as vidas nas ruínas ainda pulsam em cores improvisadas. Um saber pelo não-saber das cores que almeja a sobrevivência colaborativa. Experimentar errar na produção de pigmentos naturais é cultivar refúgios de coabitação colorida em meio à perturbação. É possibilidade de vida nas brechas do controle da receita. Na produção de pigmentos esses conceitos de Tsing (2019) não são para romantizar o acaso, mas são um compromisso metodológico com as ambivalências. É uma rebelião da paisagem liderada pelo processo.

Quando comecei a produzir e estudar pigmentos naturais obtidos pela extração laca, pesquisei e participei de vários momentos focados na produção de tintas naturais como cursos de produção de tintas naturais oferecidos por universidades brasileiras e internacionais, cursos em ateliês, pesquisas em vídeos no Youtube, Instagram e TikTok. E o que muito se pregava era a ideia de replicar receitas famosas historicamente³⁷ para produção de pigmentos. A busca por esse padrão, que inclusive habitou meu imaginário no começo da produção de tinta, além de causar frustração, pois muitas vezes o pH não chega a 7, a cor muda no processo, e o líquido excedente não fica translúcido e sim turvo, resultava sempre uma única cor, aquela que se estabiliza ao atingir os parâmetros citados acima. Uma única cor advinda de uma reação química “perfeita”. Caso não alcançasse os padrões que estavam pré-estabelecidos, muitas vezes eu descartava as cores produzidas e as considerava cores ruins.

Em meus experimentos tentando replicar pigmentos do lago com receitas pré-estabelecidas como o de Cochonilha (*Dactylopius ceylonicus* Green) e Anileira (gênero *Indigofera* L.) os resultados quase sempre deram errados. Surgiam cores outras, diferentes das descritas

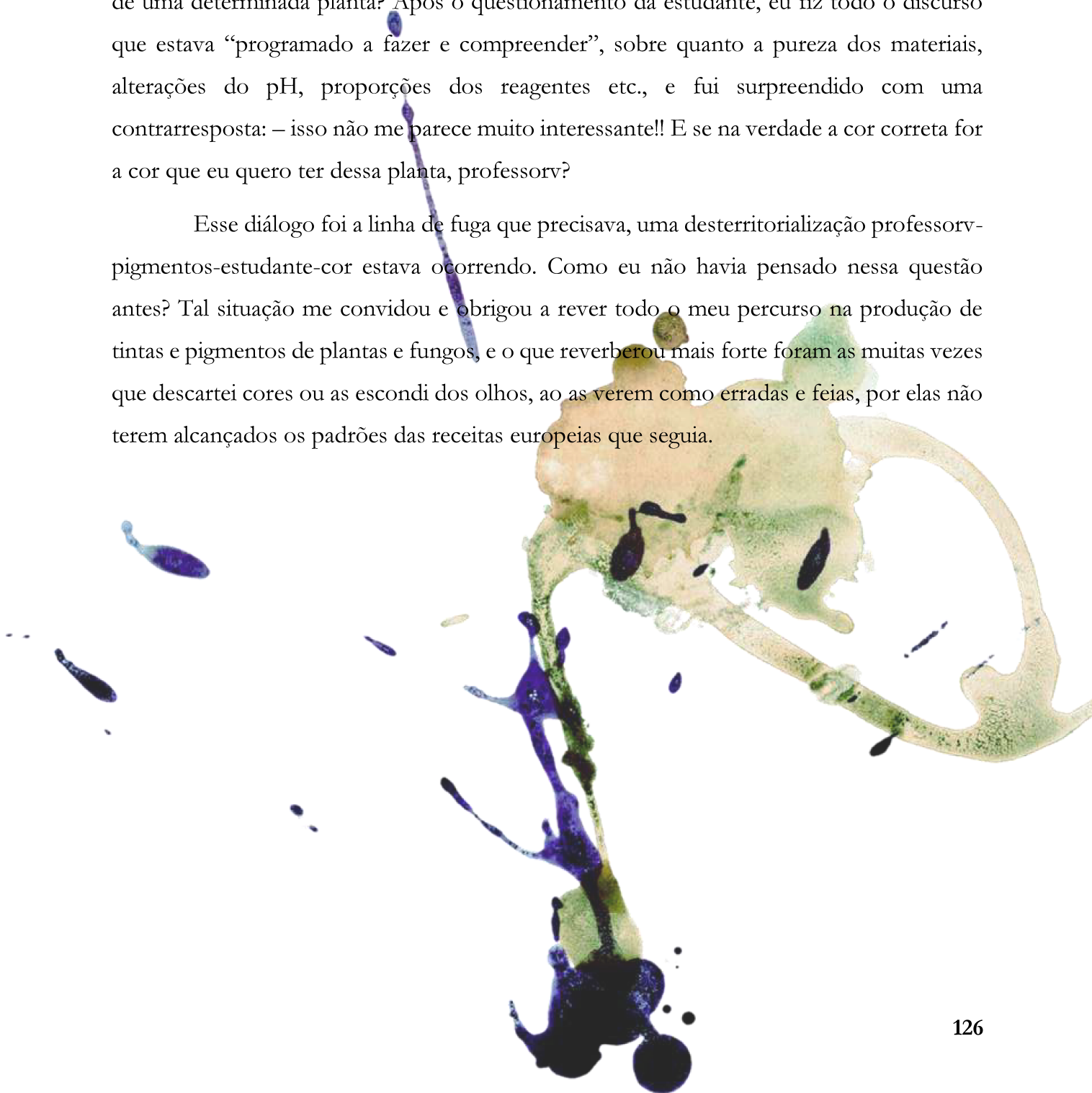
³⁷ Por “receitas famosas historicamente” refiro-me tanto aos tratados e manuscritos que registram procedimentos para produção de pigmentos do lago, quanto à forma como essas receitas circulam hoje como um padrão normativo que promete um “lago perfeito” (pH final próximo de 7, excedente translúcido, textura macia e cremosa) e, com isso, tende a reduzir a extração à replicação de uma receita. No artigo *A receita é a cor: experimentos e produção de pigmentos naturais pela extração laca (ou lake pigments, ou pigmentos do lago)*, faço uma revisão e reunião de receitas de pigmentos do lago do séc. IX ao XX, com base em manuscritos, acervos de museus, teses, artigos, livros e bancos de patentes. No Brasil, por exemplo, a mais difundida é a Wood Purple, do século XIX, disponível no banco de dados da Winsor & Newton (W&N). Já em contextos europeus, receitas amplamente conhecidas, especialmente dos séculos XVIII e XIX, recorrem com frequência ao carbonato de potássio como reagente básico (Lourenço, 2025).

Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/399886132> Acesso em: 26 jan. 2026.

na literatura. A natureza do pigmento final produzido bem como sua cor, dependerá de muitos fatores, como o pH, a temperatura da reação, a concentração dos reagentes utilizados, a velocidade de adição desses reagentes, a velocidade com que a precipitação ocorre e a ordem de adição dos reagentes (Kirby; Spring; Higgitt, 2005). São muitos fatores!

O meu despertar dessa “alienação das cores” que havia caído buscando uma produção “correta” dos pigmentos naturais, foi quando uma estudante que estava participando de uma oficina que lecionei, me perguntou: – professorv, qual a cor correta de uma determinada planta? Após o questionamento da estudante, eu fiz todo o discurso que estava “programado a fazer e compreender”, sobre quanto a pureza dos materiais, alterações do pH, proporções dos reagentes etc., e fui surpreendido com uma contrarresposta: – isso não me parece muito interessante!! E se na verdade a cor correta for a cor que eu quero ter dessa planta, professorv?

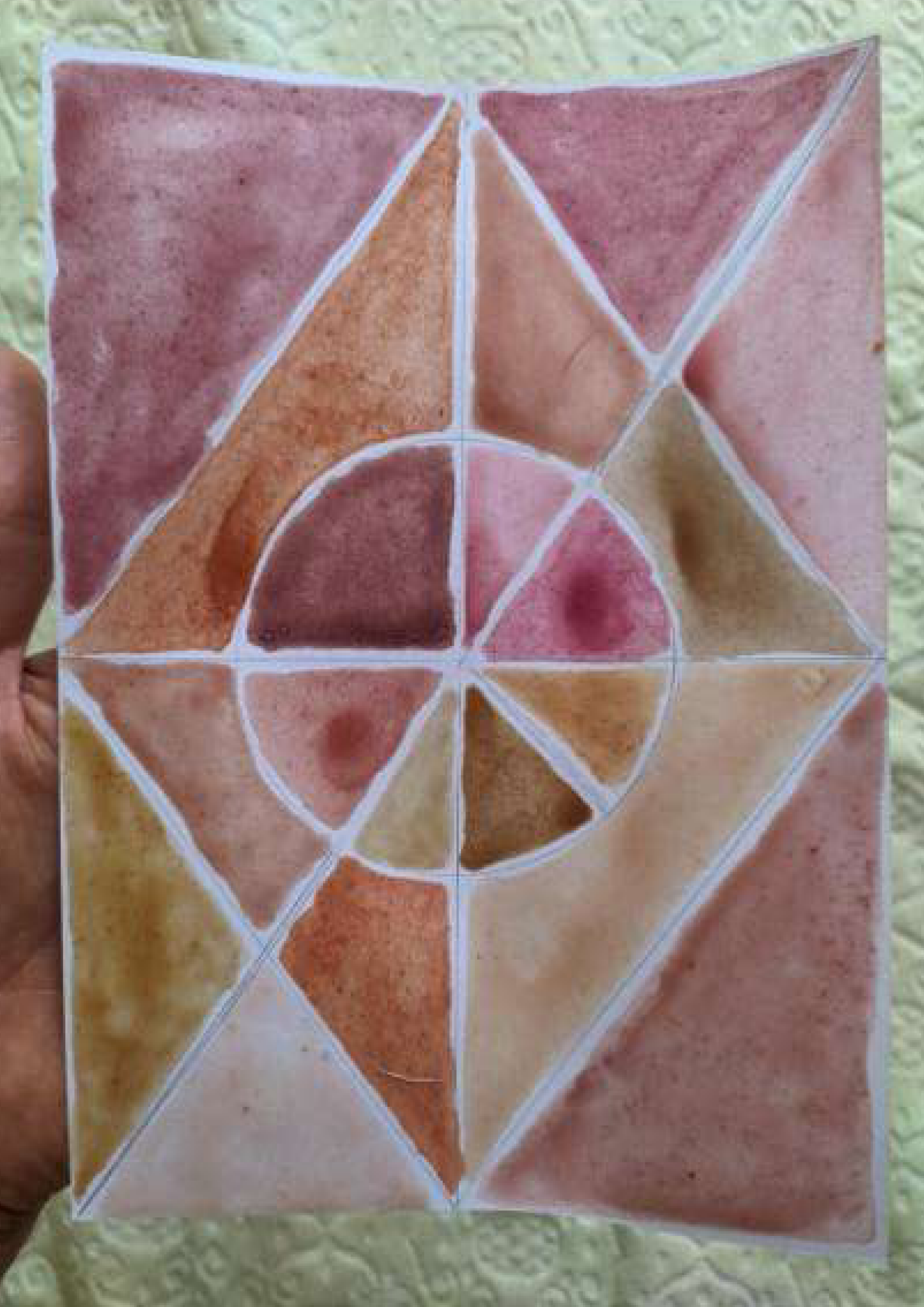
Esse diálogo foi a linha de fuga que precisava, uma desterritorialização professorv-pigmentos-estudante-cor estava ocorrendo. Como eu não havia pensado nessa questão antes? Tal situação me convidou e obrigou a rever todo o meu percurso na produção de tintas e pigmentos de plantas e fungos, e o que reverberou mais forte foram as muitas vezes que descartei cores ou as escondi dos olhos, ao as verem como erradas e feias, por elas não terem alcançados os padrões das receitas europeias que seguia.

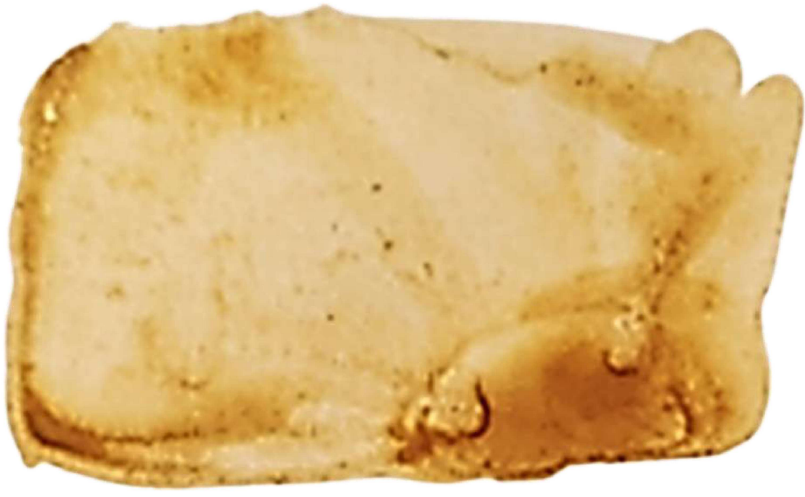


Muitos pigmentos podem ser feitos de acordo com uma fórmula estabelecida, mas os resultados de trabalhar irrestrito de regras e fórmulas, sem dúvidas é muito mais potente para a produção de pigmentos em que a cor é colocada como enfoque. É exercitar trabalhar com irregularidades que ocorrem e cocriar com os obstáculos. Na fabricação de pigmentos, certos subprodutos são produzidos e são simplesmente jogados fora por muitos produtores. Porém, esses subprodutos podem ser utilizados novamente para fazer outras cores³⁸.

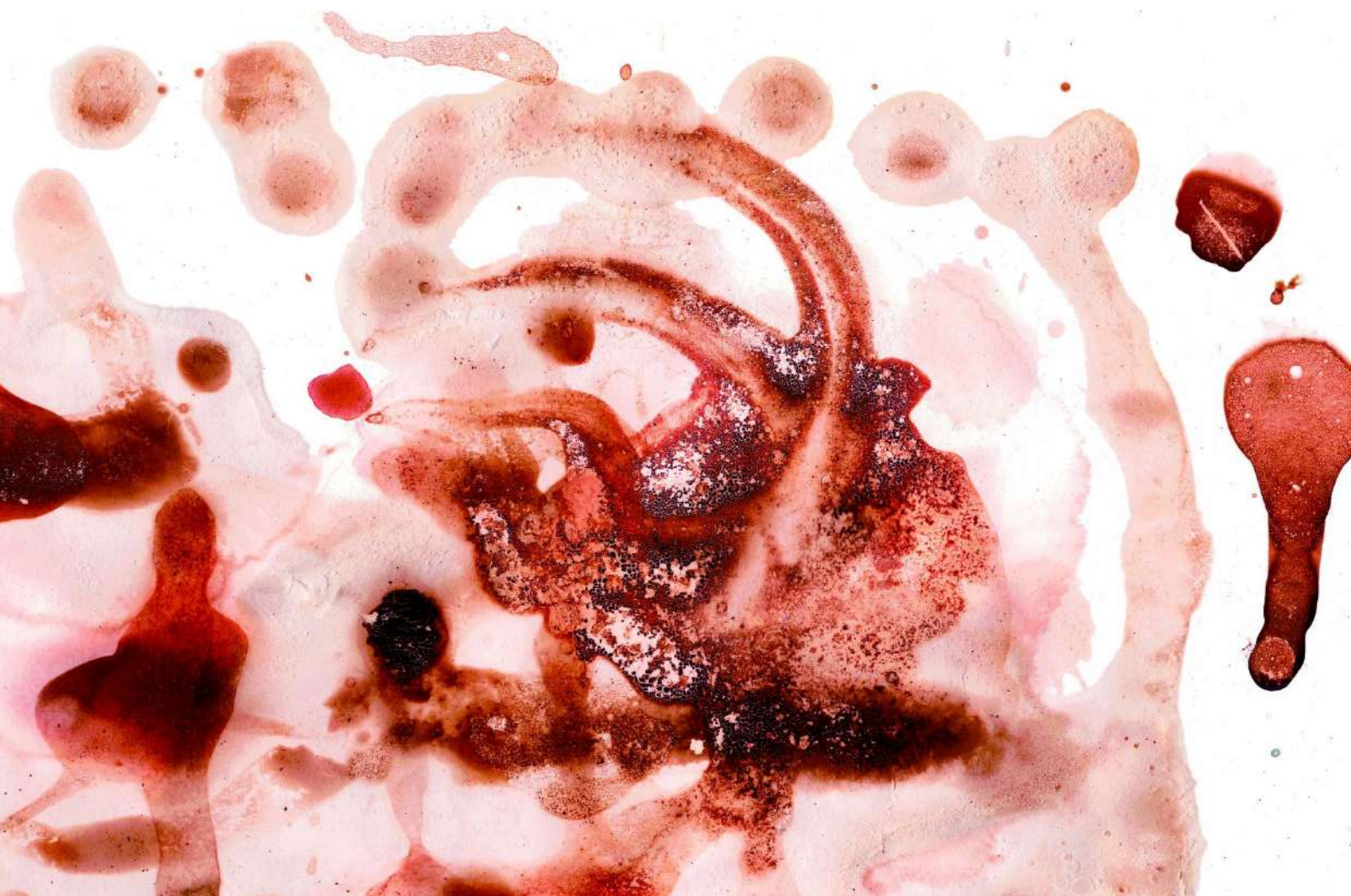
A partir dessas provocações e visões outras sobre a produção de pigmentos naturais, me permiti tanto como artista, como pesquisador e educador a não seguir muitas regras e normativas magnas para a produção de pigmentos e cores. Busquei me aprofundar ainda mais nos estudos sobre como se formam os pigmentos naturais, receitas históricas e modernas e quais suas características e potências para a produção de múltiplas cores. E a partir daí, incluí camadas, versões, experimentações, territórios, testes, proporções e afetos. Deixo as plantas me contarem. Muitas falas são delas. Para poder nunca mais ter/produzir uma única cor apenas, mas sim criar uma tabela infinita de possibilidades de cores e tons.

³⁸ No contexto da extração laca, *restlake* (literalmente, “resto do lago”) é o líquido remanescente após a precipitação do pigmento do lago: uma fração ainda pigmentada e solúvel em água, composta por corantes que não foram capturados pelo hidróxido formado na reação (isto é, não precipitaram ou solidificaram). Por isso, o *restlake* pode ser reaproveitado em novas reações (com nova adição de óxido metálico e base/álcali, inclusive em proporções diferentes) para capturar o pigmento restante e/ou abrir outras variações cromáticas. quando a reação se aproxima de pH 7 e ocorre “captura total”, o excedente tende a ficar muito translúcido e com pouca ou nenhuma cor não sendo possível novas extrações. Para saber mais, consulte Lourenço (2025). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/399886132> Acesso em: 26 jan. 2026.





Comecei a fazer um movimento toda vez que ia produzir uma cor de uma planta que nomeei de teste de cores. Após a extração do pigmento em água, separava partes do líquido colorido e testava inúmeros reagentes para ver como esse pigmento se comportava na presença de cada um. Comecei os testes verificando a reação ao adicionar gotas de acetato de ferro, de alumínio e de cobre. Depois expandi as experimentações incluindo também bórax, alúmen, carbonato de sódio, bicarbonato de sódio, iodo, amônia, cal, sal, ouro, prata, bromo, titânio, urina entre outros. Ao entrar em contato com cada um dos reagentes modificadores de cores, o chá reagia e se transformava em uma cor. Uma cor para cada reagente.



Esses testes de cores me ajudam a saber qual cor possível, ou próxima de se obter de cada material vegetal, caso se misture um determinado reagente. Percebi uma correlação com os reagentes e certas tonalidades. Se quisermos uma cor mais próxima a que obtive no teste de cor usando cobre, portanto é só adicionar mais cobre na reação de produção de

pigmentos. Caso a cor desejada fosse a modificada pelo ouro, ou pelo ferro, seria necessário acrescentar esses modificadores na reação para alterarem os tons. Os testes de cores portanto se tornaram um caminho, um meio, para ficar mais íntimos das plantas e para conseguir construir COM elas maiores variedades de cores. Os mergulhos nesses estudos permitiram que tivesse resultados infinitos nas produções de cores.

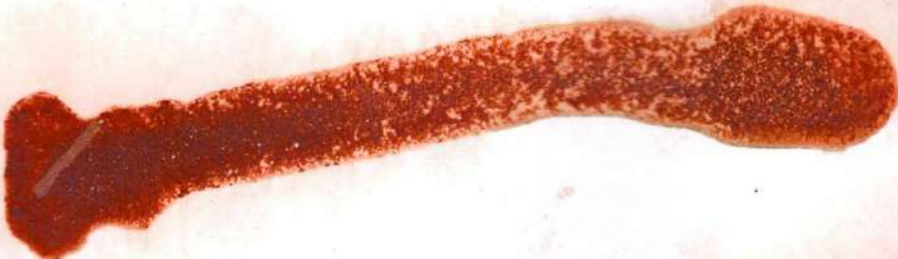
Agora por meio de uma única planta, uma tabela de cores surgia em nossa frente. Sem a necessidade de seguir receitas, ou padrões criados na Europa a séculos. Os testes de cores dão autonomia às cores. Elas são o fruto da relação, daquilo que está entre o chá extraído e o modificador de cor adicionado. As cores, assim são aquilo que sobra da relação. Do entre.

Após terminar de experimentar com cores, chás e reagentes, criei o hábito de entornar essa bandeja de testes em cima de folhas brancas para poder enxergar melhor a intensidade das possíveis cores a serem produzidas e junto com os testes de cores, criaram-se as formas dos testes de cores. Cada planta aglutina e reage de uma maneira única aos reagentes. Alguns chás tornam-se densos, outros alisam-se e deslizam facilmente. Alguns formam grumos, outros aglutinações fora de controle. E ao serem lançadas sobre o papel criavam formas únicas de acordo com o que cada planta produziu ao ser experimentada com um reagente.





17



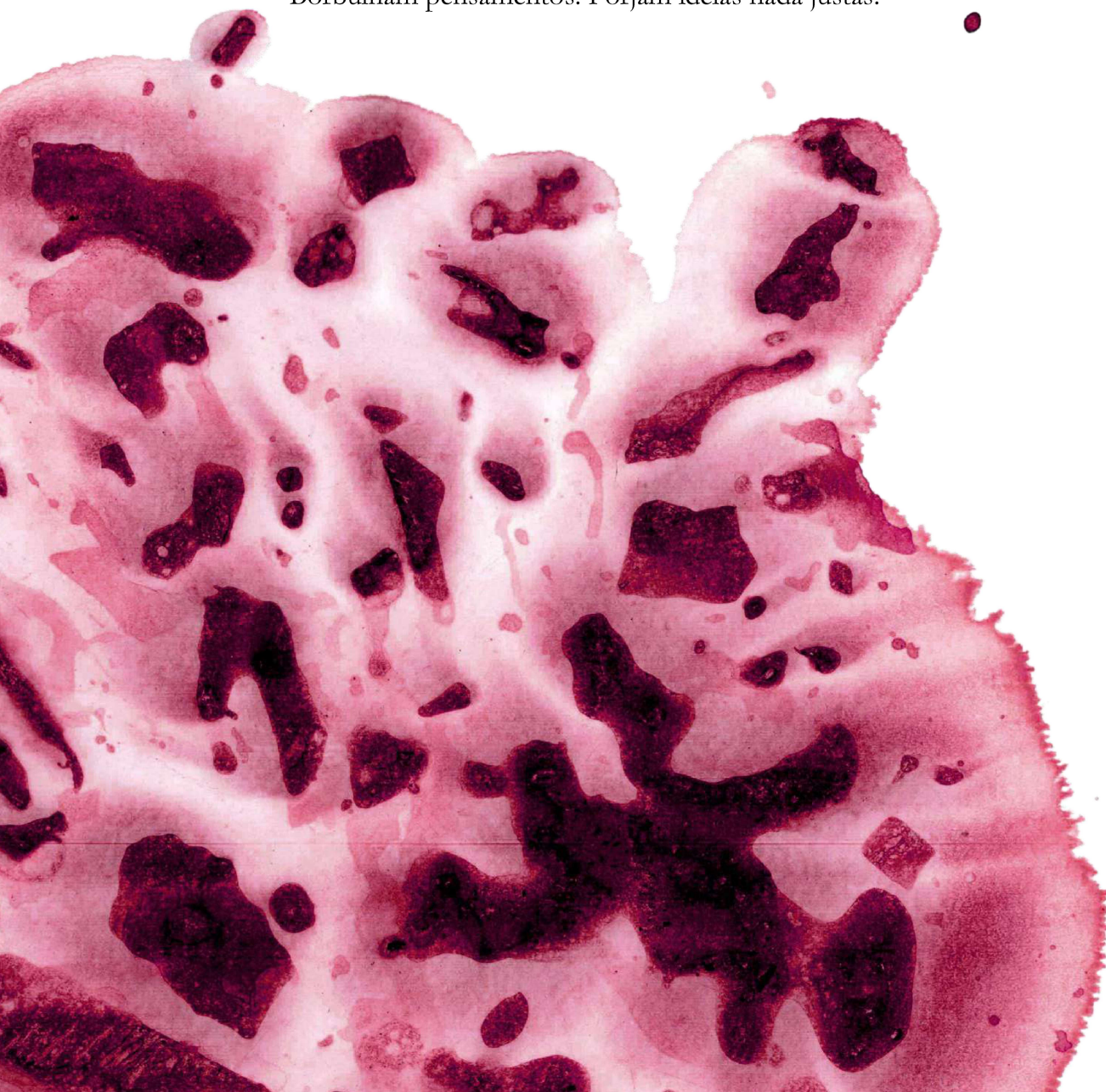
Esses desenhos me acompanharam durante toda a tese. Durante toda a produção de pigmentos. Fiquei com eles. Os levei para o ateliê-laboratório e deixei que ocupassem o espaço. E dessa compostagem surgiu pensamentos, ideias, desvios, aprendizados.

Comecei a pensar os corpos, os gêneros e sexualidades como cores. Como os testes de cores. Como aquilo que emerge no entre, o contato de uma planta e um reagente. Essas são as cores e formas da criança-viada. Cores e formas da Matinha da Bota. Daquilo que me acompanhou ao adentrar o verdume.

As cores de uma criança-viada, e se durante minha vida testei gêneros, corpos e sexualidades assim como fazia com as cores das plantas: apenas balizada em padrões?

Apenas balizada naquilo colocado como posto, fixo e determinado como correto para uma cor?

Borbulham pensamentos. Forjam ideias nada justas.



*

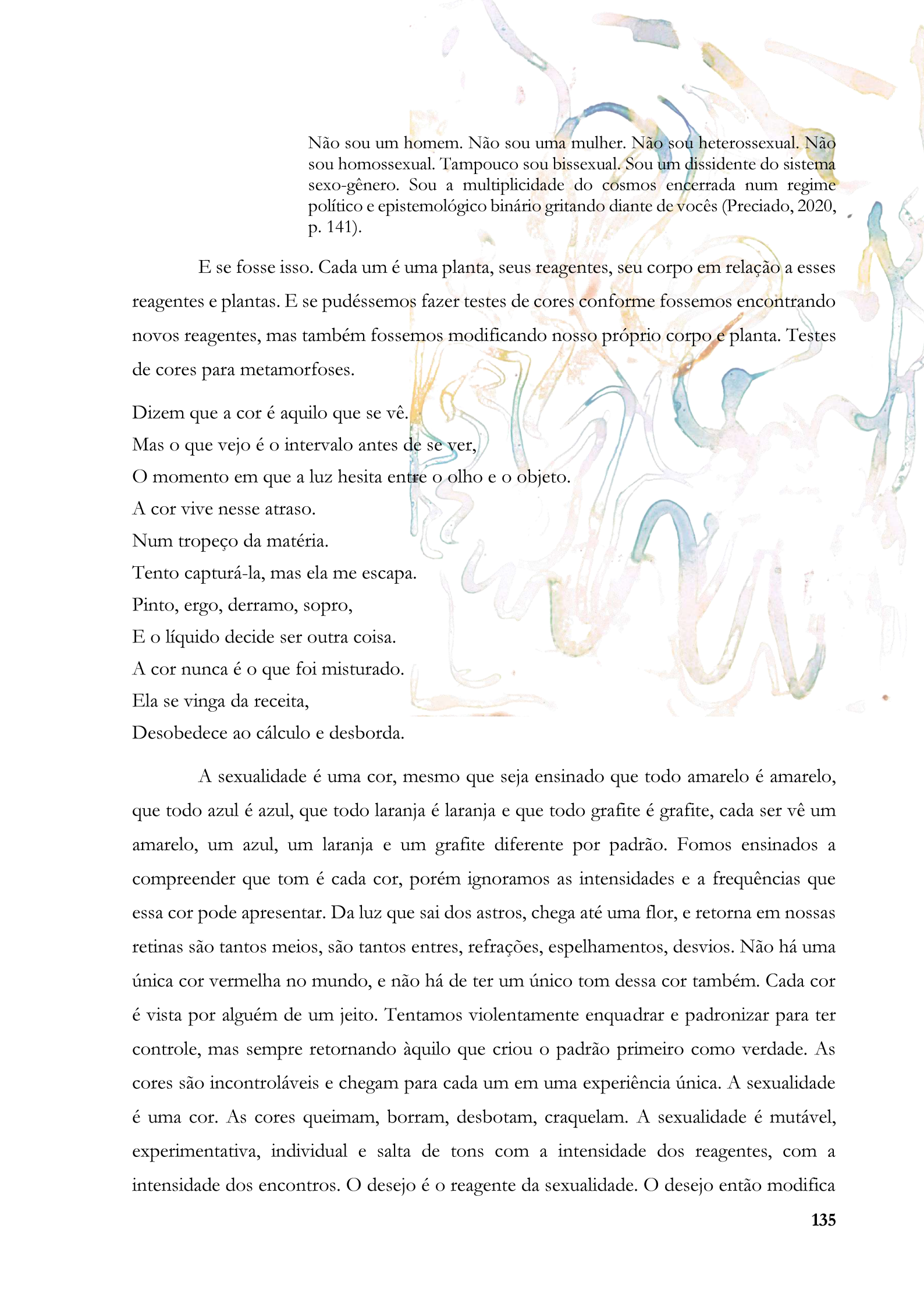
Pensando o Paradoxo do Retorno como essa maquinaria que retorna sempre a um padrão natural biológico cisgênero, experimentar os corpos, gêneros e sexualidades como teste as cores, criam linhas de fuga que nos levam a outros lugares, repletos de outros entendimentos.

Se os corpos, os gêneros e as sexualidades vêm sendo controladas, mesmo quando dissidentes, por forças coloniais e heterossexuais, testar qual cor, ou quais os corpos, os gêneros e sexualidades são capazes de serem produzidos no contato com o mundo-reagentes é um ato de rebeldia e resistência. Não mais cores europeias feitas sob rigores intocáveis e irreplicáveis e que levam ao frustamento. Mas sim cores que surgem do momento, da estação do ano, da temperatura da água, da relação com um reagente e sua pureza. Nada é puro. Corpos, gêneros e sexualidade são contaminados.

Essa é a rota para fugirmos com sagacidade do Paradoxo do Retorno, de fugirmos de sermos engolidos por ele, controlado por suas lógicas. A lógica do teste de cores é a experimentação. Cada um vai simpatizar mais com uma cor. Cada teste cria uma cor. Alguns preferem a saturação que o alúmen provoca, outros encantam-se com a escuridão e queimamento provocado pelo ferro. Alguém irá preferir os tons magentas originados pelas adições ácidas, enquanto outros preferirão o verde-azulado que surge com as bases. Todas as cores, cada COM uma cor. E até mesmo as cores parecidas variam infinitamente ao modificar as quantidades dos reagentes. Quanto mais alúmen mais vibrante é uma cor. E o limite de adição e vibração? Se dá pela relação planta e intensidade, planta quantidade, planta e mistura.

Gosto de lembrar também que os reagentes não são puros. Não há pureza na produção de tinta. Nossas mãos podem estar ácidas ou básicas dependendo da nossa refeição, intensidade de lavagem, ou até mesmo pelos resíduos e concentração do suor. Cada produtor de tinta tem um corpo, esse corpo está em conectividade e reverberando nos testes de cores e nos resultados que ele dará.

Cada cor para cada um, cada planta para cada cor, todas as cores para uma planta. Todas as cores para um produtor. Sem cores, sem histórias.



Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês (Preciado, 2020, p. 141).

E se fosse isso. Cada um é uma planta, seus reagentes, seu corpo em relação a esses reagentes e plantas. E se pudéssemos fazer testes de cores conforme fossemos encontrando novos reagentes, mas também fossemos modificando nosso próprio corpo e planta. Testes de cores para metamorfoses.

Dizem que a cor é aquilo que se vê.
Mas o que vejo é o intervalo antes de se ver,
O momento em que a luz hesita entre o olho e o objeto.
A cor vive nesse atraso.
Num tropeço da matéria.
Tento capturá-la, mas ela me escapa.
Pinto, ergo, derramo, sopro,
E o líquido decide ser outra coisa.
A cor nunca é o que foi misturado.
Ela se vinga da receita,
Desobedece ao cálculo e desborda.


A sexualidade é uma cor, mesmo que seja ensinado que todo amarelo é amarelo, que todo azul é azul, que todo laranja é laranja e que todo grafite é grafite, cada ser vê um amarelo, um azul, um laranja e um grafite diferente por padrão. Fomos ensinados a compreender que tom é cada cor, porém ignoramos as intensidades e a frequências que essa cor pode apresentar. Da luz que sai dos astros, chega até uma flor, e retorna em nossas retinas são tantos meios, são tantos entres, refrações, espelhamentos, desvios. Não há uma única cor vermelha no mundo, e não há de ter um único tom dessa cor também. Cada cor é vista por alguém de um jeito. Tentamos violentamente enquadrar e padronizar para ter controle, mas sempre retornando àquilo que criou o padrão primeiro como verdade. As cores são incontroláveis e chegam para cada um em uma experiência única. A sexualidade é uma cor. As cores queimam, borram, desbotam, craquelam. A sexualidade é mutável, experimental, individual e salta de tons com a intensidade dos reagentes, com a intensidade dos encontros. O desejo é o reagente da sexualidade. O desejo então modifica

as cores. Ele modifica a marca do próprio desejo na expressão de cada um. Não há formas estáveis, há transformações que ardem, evaporam, decantam. Cada encontro desloca os limites do possível.

[...] a sexualidade não é mais a esfera mórbida do infrarracional, o lugar dos afetos turvos e nebulosos. É a estrutura e o conjunto dos encontros com o mundo que permitem a cada coisa se deixar tocar por outra, progredir em sua evolução, se reinventar, tornar-se outra no corpo da semelhança. A sexualidade não é um fato puramente biológico, um elã da vida enquanto tal, mas um movimento do cosmos em sua totalidade: não é uma técnica melhorada de reprodução do ser vivo, mas a evidência de que a vida não é senão o processo através do qual o mundo pode prolongar e renovar sua existência unicamente renovando e inventando novas fórmulas de mistura (Coccia, 2018a, p. 101).



O gênero é uma cor. Os reagentes não somente agem sozinhos. O desejo é o reagente. É preciso modificar o desejo. Há como combinar os reagentes. Ao misturar pétalas de rosas vermelhas com cobre obtemos um verde água. Essas mesmas pétalas ao adicionar ferro, criam um tom de marrom terra quando chove. Porém ao combinar ferro e cobre na mesma proporção causamos confusões nos pigmentos solúveis que decidem produzir uma outra cor a partir desse encontro: o preto. Parece estranho que pétalas vermelhas vistas no espectro de luz de 400 a 484 THz (terahertz), vistosas e brasis deem origem a um pigmento preto tão distante de sua cor vista nas rosas, já sem frequência, pois



a cor preta não tem uma frequência de luz visível. A cor preta é a ausência de luz, ou uma frequência tão baixa que o olho humano a interpreta como ausência de cor, pois o objeto preto absorve quase toda a luz visível em vez de refletir. A relação entre os reagentes criou assim. A relação entre desejos. Nada permanece puro, porque toda cor nasce do atrito entre frequências, e toda existência é uma experiência de diluição.

Não pinto para ver.

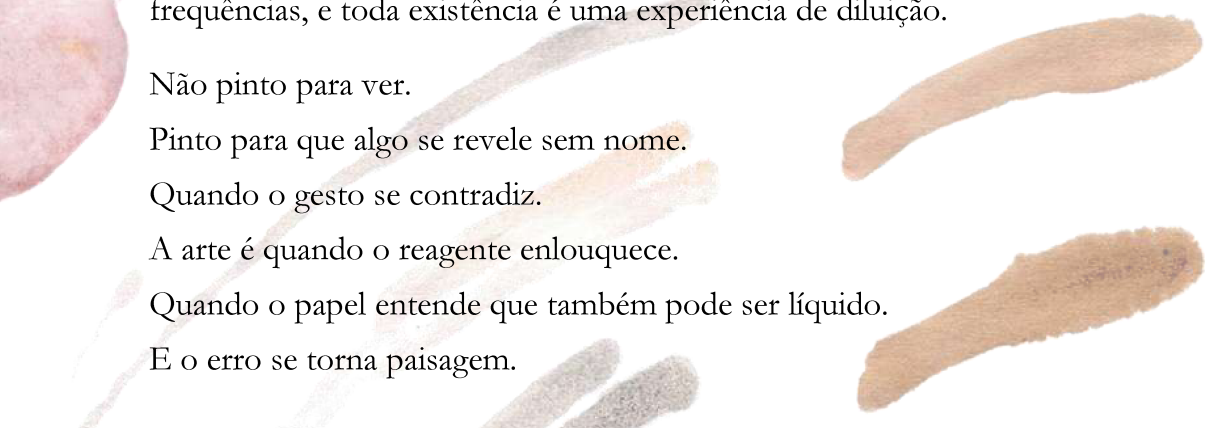
Pinto para que algo se revele sem nome.

Quando o gesto se contradiz.


A arte é quando o reagente enlouquece.

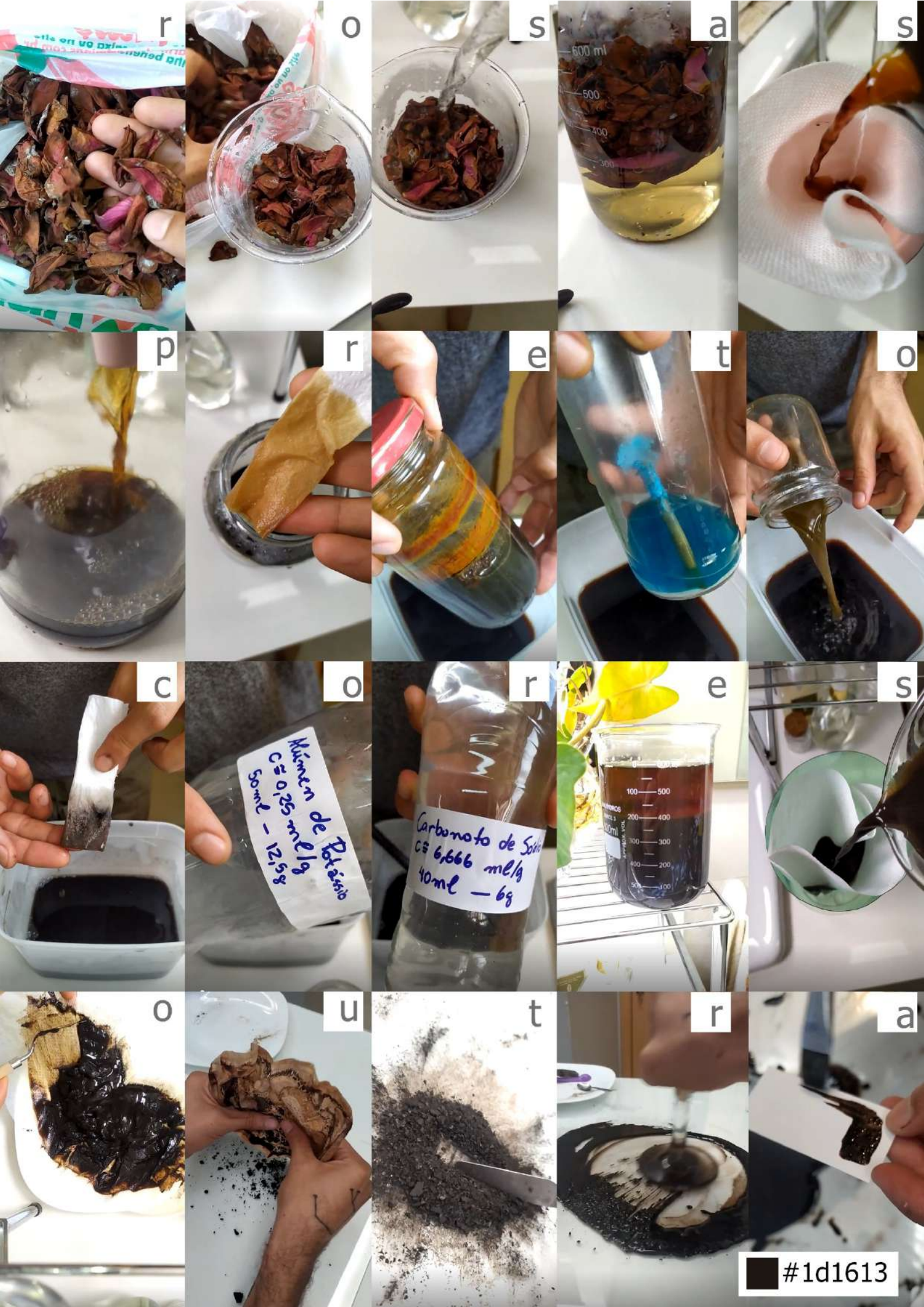
Quando o papel entende que também pode ser líquido.

E o erro se torna paisagem.



Os pigmentos assim são, não nos permite criar presunções sobre seus tons. Não nos permite delimitar um padrão, e nem aguardar aquilo que “faz sentido”. Os testes de cores não são para fazer sentido. Eles são frutos da mistura. Os gêneros são frutos da mistura, do experimento e das cores incontroláveis. Cada reagente uma cor. Cada gênero uma cor e inúmeros tons. Cada cor um gênero reagente. Para os gêneros: os corpos. “O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico” (Preciado, 2017, p. 29). No gênero não há verdades ontológicas, nem pertinências, ou demarcações. Não há nada a verificar ou a demonstrar. Tudo está por experimentar.





r

o

s

a

s

p

r

e

t

o

c

o

r

e

s

o

u

t

r

a

#1d1613

O corpo é um teste de cor. É onde se faz as misturas das cores. É onde vemos o que é possível criar com cada tipo de contato diferente. O que é possível construir com cada quantidade oferecida. É o papel onde se misturam os testes feitos. É onde outras cores são produzidas ao entrar em contato umas com as outras, com os seus reagentes. O papel é onde as cores com suas densidades e viscosidades diferentes ocupam formando desenhos abstratos, moldando, secando, misturando. O corpo é onde cabe todos os reagentes. É onde se ferve as cores, onde elas descansam, onde elas se modificam. Onde não ficam acabadas. É onde ocorre o processo de mistura e metamorfose. Reagir, dissolver e ser dissolvido, abrir-se à metamorfose contínua dos tons. O corpo é aquilo que se alarga para receber outra cor ou outro reagente. É aquilo onde se pinga acetatos, caem células, cuspe, baba, cabelo, suor. É onde as cores se materializam e diferem-se para cada um que vê, experimenta ou adentra nas cores. O corpo é um teste de cor. São plantas que se deixam serem percebidas em intimidade. Onde as cores fazem sentido somente pela experiência e COM o experimentar. O corpo é um ensaio de luz e sombra, um campo de reações em curso, onde o que se mistura não quer ser fixado.

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (Preciado, 2014, p. 26).

Quero a cor antes da linguagem.
Quero o instante em que ela ainda não foi batizada.
Quero a frequência que não tem nome,
O que está entre as frequências,
A luz que ainda não sabe que é luz.

A cada teste uma cor nova aparece. A cor não é um dado, é um evento que acontece entre, um intervalo em movimento. A mesma planta produz cores diferentes no inverno e no verão. Nunca as mesmas cores. Sempre um teste. É risco, invenção, experimentação. Adicionar mais e mais. Fazer bagunça de adição. Ensinar experimentar cores. Cada existência é uma mistura em andamento, um teste que nunca termina, um pigmento em ebulição. O corpo é o laboratório da diferença. É onde a cor aprende a não ser cor. É onde

a vida continua testando o que pode ser um corpo fora da centralidade do humano. Um corpo planta, um corpo bicho, um corpo sol, um corpo chuva, um corpo fungo, um corpo ar, um corpo chão.

*

Em 2022, a administração municipal de Orindiúva, fizeram a aquisição³⁹ de parte do imóvel rural denominado Fazenda Moema, popularmente conhecido como Clube da Usina Moema ou Matinha da Bota. A compra foi por meio de um processo de desapropriação amigável e pagamento de indenização. Após a compra da Área de Preservação Permanente, foi realizada a implantação de projetos como a construção de circuitos e trilhas para prática de corrida, caminhada e/ou ciclismo na natureza. Parte das ações políticas municipal de proteção da paisagem e da natureza.

Iniciou-se várias obras no local para construir as estruturas. Em uma saída de campo em busca de mais frutos de jenipapo, assim que me aproximei da mata senti o cheiro de terra revirada, e conforme fui me aproximando vi que toda a borda que margeava a mata, foi removida para pavimentar uma pista de caminhada.

Cheguei poucas horas depois que o jenipapo havia sido arrancado por uma escavadeira, assim como os pés de abricós-de-macaco, barús, embaúbas, jacarandás, ipês e mongubas.

As folhas já estavam murchando assim como os frutos. Suas raízes arreventadas pelo puxar das maquinarias humanas. Era para o desenvolvimento da área – me disse o maquinista ao ver que eu tocava as raízes da árvore que visitei por anos.

³⁹ Por meio do Decreto nº 1.857, de 12 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.dosp.com.br/leituratexto?p=MTEyOTkwNw==>. Acesso em: 28 jan. 2026.





Começaram em meu torno esticar cordas, medir o chão, e fincar estacas. As gramas gritavam a cada rizoma quebrado pelo perfurar do chão, e eu ali... sem muito entender, porém de copas erguidas. O silêncio foi tomado por martelos, serrotes e trenas, e em meu entorno todo espaço se modificava. Arrancavam arbustos, reviravam a terra, esticavam-se cabos escuros entre um revirar e outro das pedras. Uma terra cinza misturada numa betoneira encobriu todo o chão. Foi se espalhando, espalhando, até encobrir todo verdor das gramas e arbustos. Cobertura total.





Enquanto observava todo espaço sendo tomado, senti a ponta de meus galhos reverberar um tremor que sacudia as folhas despregando da ponta as mais amarelas e frágeis. Todo o tronco em instantes tremia. Senti como se estivesse perdendo contato com minhas raízes, com a terra, com a grama, com os fungos, com a criança-viada que me enterrou. Conforme tremia ia me esquecendo de cada pássaro que ali pousou, de cada orvalho que em mim dormiu, de cada bicho que em mim abrigou... ia me esquecendo e lembrando que estava perdendo todas essas lembranças. O tremor continuava, cada vez mais intenso, mais profundo, no meio, no fim. O tremor e a melodia do serrar dão espaço para um rasgo, como um grito que irrompe todo meu tronco. E ali deixei de lembrar de tudo. Senti como se estivesse virando terra e precisava muito me deitar, me esparramar, me terrificar.... e com um último suspiro que dei no silêncio da motosserra, eu despenco daquele esguio que havia me montado por anos... deitado, pude deixar que meu tronco visse o céu pela primeira vez.



O sol queimava, e esgotava cada gota d'água que ainda havia no meu corpo. Eu era uma gota de vapor, assim como chão e terra também. E conforme ia me esquecendo de tudo, até mesmo de o como e o porquê estava no chão, senti várias pessoas arrancar de mim tudo que tinha. Os pássaros sobrevoavam meu corpo planta, parecendo entender menos que eu, do que se tratava tal movimentação. E acabei me esquecendo deles, do voar e dos cantos. E antes de sentir que daria o último suspiro para o ar, o sol, e a terra que me acolhia, vejo chegar um grande painel, feito com minhas próprias vigas, e sob elas um papel esticado, impresso e feito às pressas, colados com cola de amido e água.

Eu não sei ler, nunca me ensinaram. Então não sei que mensagem emanava daqueles escritos. Mas o que sei de pista antes de me esquecer de tudo, é que um “tal de passeio na natureza” estava sendo construído ali, o lugar era dele agora, cada metro, cada grama, cada sombra, cada rocha... Quem será esse novo Deus das pessoas? Que há de tomar conta de tudo que é espaço? Deveria me esquecer desse último momento, mas ele é o que mais demora para ir embora da lembrança. Quem serão esses “passeios”? O que eles fizeram com todos os seres que estavam por ali? Um dia retornarei a vê-los? E a criança... e o seu acolher do corpo em meu tronco? Nada disso irá retornar novamente?



E em uma tarde depois de tanto agitação, o sol estava indo embora, não havia mais nenhum trabalhador no local, os pássaros escolheram outro ninho para dormir e eu fui me esquecendo... secando... esquecendo... motores... silêncio... esquecimento.



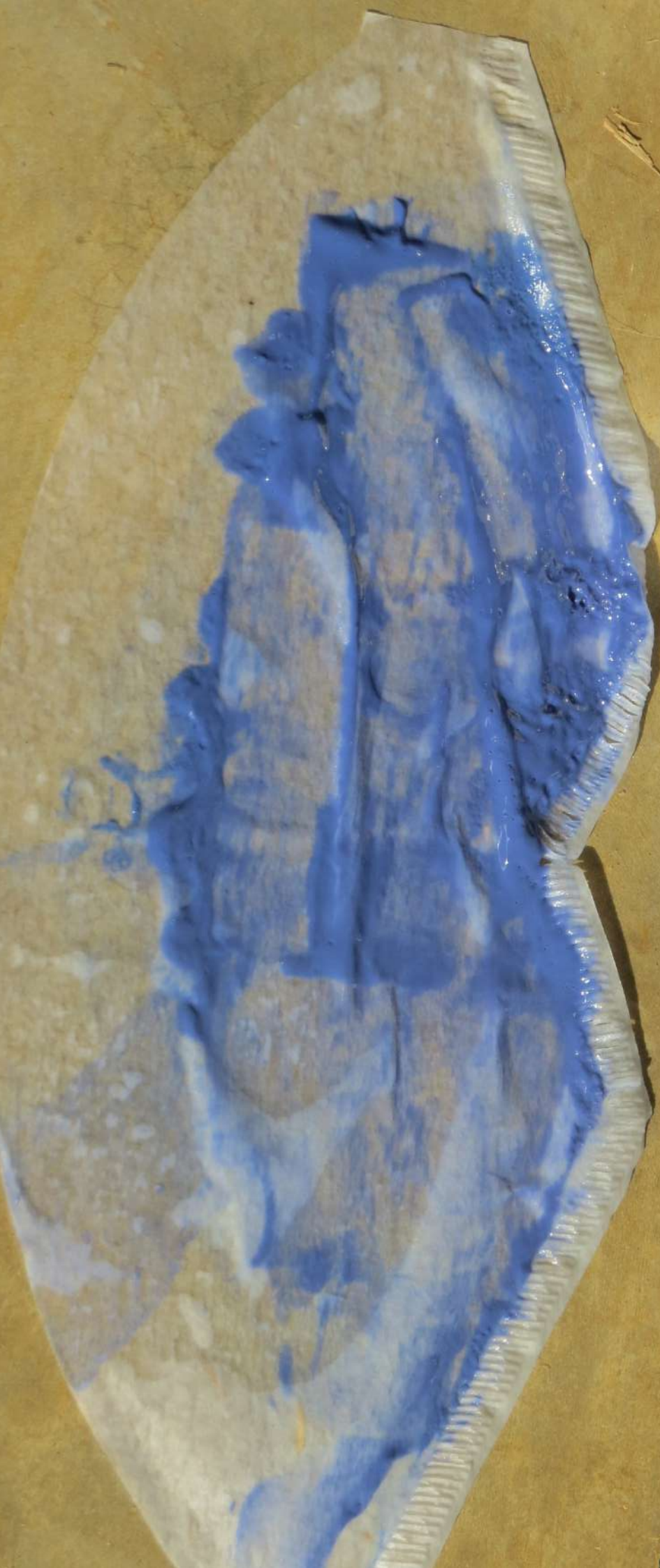
*

O jenipapo enquanto árvore já não estava mais à margem da Matinha da Bota. Seus frutos com a triculência despencaram todos no chão. Vi suas últimas folhas ainda verdes. Vi suas últimas folhas murchas. Toquei seu troco machucado e senti o fraco movimento de suas seivas ainda procurando nutrir as extremidades do seu corpo.

A mim sobrou apenas aquilo que consegui criar estando em intimidade com o Jenipapo: um resto do extrato aquoso de seus frutos ralados, os pigmentos de laca prontos, fotografias e o gesto de plantá-lo em criança-viada.

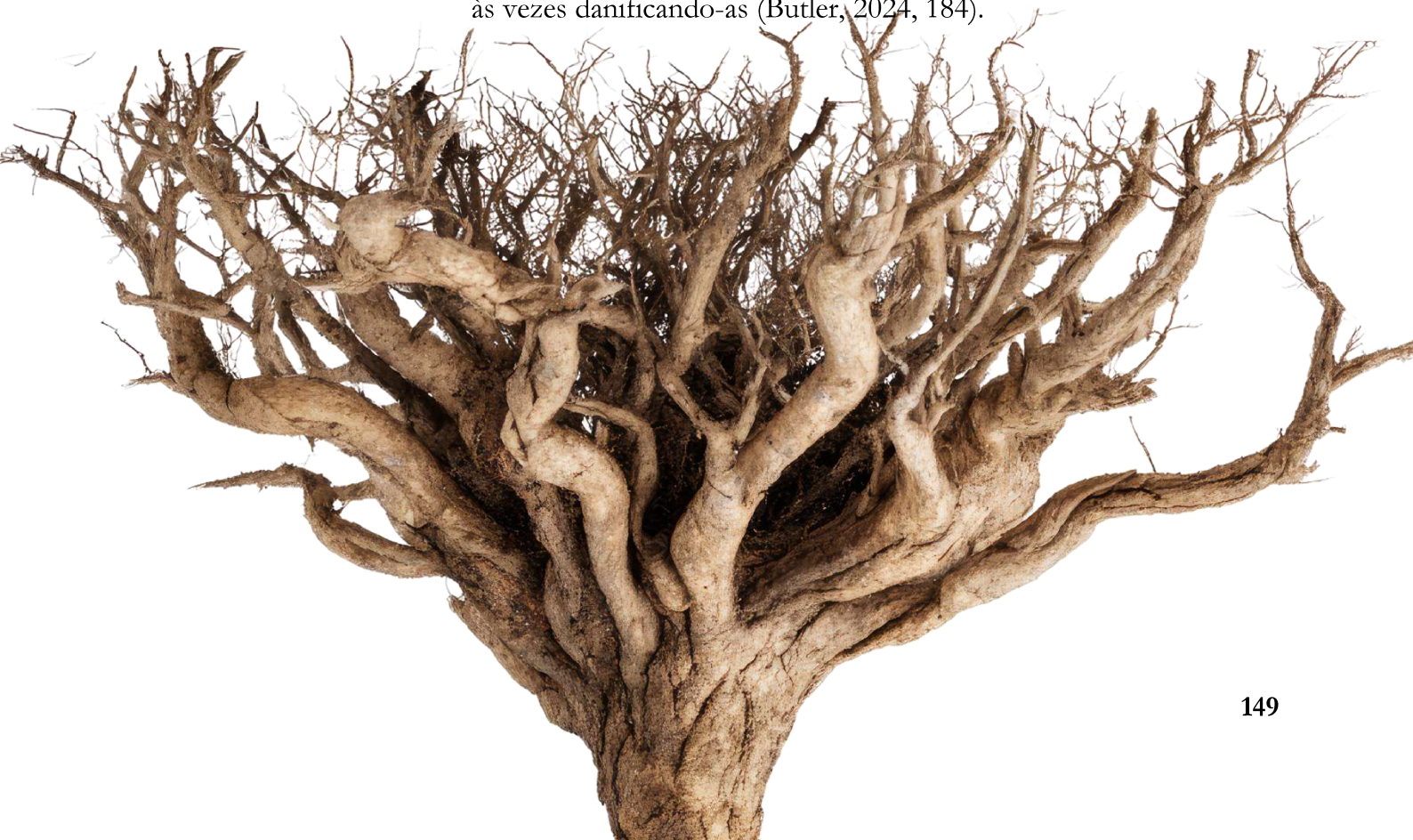
Por isso decidi continuar replicando a vida que sentia ao visitar o jenipapo. Busquei aprender com os outros seres que são invisíveis, não percebidos, mas sempre estiveram entre mim e o jenipapo. Os seres micro. Os esporos. A contaminação.







Em sua porosidade, o corpo deixa entrar o mundo externo a fim de sobreviver, e quando suas fronteiras estão totalmente fechadas ao que está fora, ele fraqueja. Não consegue respirar nem comer; não pode expulsar o que não precisa mais. Assim, não faz sentido pensar no corpo como uma entidade delimitada que tem seu sexo como um simples atributo. Se o corpo e seu sexo são ambos entendidos como relacionais, o social nos envolveu e nos adentrou muito antes de entrarmos em qualquer relação deliberada com o social. Estamos desde o início, por assim dizer, fora de nós, nas mãos de outros seres, expostos a elementos como ar, requerendo nutrição e abrigo, e todos esses elementos externos tornam-se parte da vida biológica – ingeridos, inalados, incorporados, fazendo células se reproduzirem e às vezes danificando-as (Butler, 2024, 184).





Para criar fungos é preciso umidade, esporos e carboidratos. Os esporos de fungos estão por todos os lugares. São pequenos, ficam suspensos no ar, vão com as correntes de vento para todos os cantos. Aderem-se na superfície de todos os seres aguardando o momento certo para fazerem infestação.

Minha mão, assim como minha pele está sempre cheia de esporos, ao tocar nos frutos de Jenipapo, acontece uma mistura. Os esporos que estão na superfície da casca do fruto compõem com os esporos do ar, da mão, das roupas, do solo, das folhas toda uma colônia fúngica. Eles juntos agora aguardam devirem-hifas. Aguardar devirem-penetração rizomática sobre os tecidos e células.

Após coletar os frutos a fim de obter seu sumo-verde para fazer tinta, ralar, prensar e coar. Dessa vez testei algo diferente. Testei criar parentes. Dar condições para que vidas invisíveis nascessem de frutos que foram mortos.

Após ralar os jenipapos, que já ansiavam o azul entre suas sementes, adicionei água morna e levemente vedei o vidro.

Há esporos em todos os lugares, sobre todas as superfícies, rodeando todos os seres. E ao tampar o vidro com calor, umidade, alimento e tempo. Fui jardinado pelo jardim que estava cocriando.

Em 14 dias os parentes estavam lá. Produziram formas, cores, texturas, cheiros. Todos juntos, cada um com seus tons. Cada um produzindo um outro esporo, um corpo para ele amadurecer e meios-caminhos para novamente serem lançados ao ar.

Esses fungos do gênero *Penicillium* são os primeiros fungos a conseguirem crescer em matéria orgânica em ambientes úmidos e escuros. São os bolores.

E vieram do encontro da coleta e da morte. Do corpo do jardinado e do jardineiro. Do ar que havia entre esse encontro. Do invisível.





Essas são as cores do jenipapo em fungos. As cores da criança-viada agora enfeitada pelos esporos que mesmo sem a floresta e sem o jenipapo florescem. A criança-viada tornou-se floresta. Ela é agora a mata ao mesmo tempo que é pigmento.

E para retornar COM esses fungos à paisagem, criando paisagens multiespécies que surgem da fricção do encontro com o florestar. Cultivei esse micélio que sobrenadava o extrato de Jenipapo em cima das fotografias que resgatei da Matinha da Bota quando visitei minha escola de infância.

Deixei que esses fungos vivessem sobre as fotos por cinco dias. Brinquei com as cores na esperança de fazer outros cultivos. Cultivei sem saber. Sem saber o que aconteceria com as fotos e as suas imagens/formas. Desejava que os fungos encontrassem a mata novamente criando com ela paisagens virtuais, agora sobre as fotografias, para voltarem seus laços e parentescos. Multiespécie é quando um ser corrói o outro e formam nesse encontro contratos para a paisagem. O que nas imagens está invisível como esporos fúngicos? Como cultivar algo menor? Como ser cultivado sem ser em grande escala?









Continuei desejando jardinar cada vez mais. Conhecer quem eram vs jardineirvs, e como *narrativavam* com as plantas jardinagens. Os seguia. Fingia ser uma de suas plantas. Bisbilhotava seus momentos de regas, plantios e manejos. Acordava pela manhã e ia cada dia para um jardim diferente na minha cidade natal acompanhada pela leitura de *A virada vegetal* de Emanuelle Coccia (2018b). Nas casas dos meus amigos, parentes, vizinhos. Alguns jardineirvs perceberam que o que queria era vê-los jardinar. Outros achavam estranho quando chegava e ficava especulando sobre suas técnicas de jardinagens. Uns me chamavam para voltar. Outros pediam para não ir mais. Alguns deixavam tocar nas plantas, mexer nas suas flores, folhas, galhos. Já outros, deixavam apenas ficar olhando seus movimentos.

Desse mergulho, aflorou narrativas jardineiras. Um conto-semente, outro conto-folha, um ponto germinativo, um torrão enraizado, *narrativei* esses atravessamentos para que pudesse com eles aprender também a ser um jardineirv. Em meio do jardim para poder aprender a falar com as plantas.

A photograph of a garden scene. On the left, a large, dense green tree stands against a clear blue sky. In the foreground, there are several potted plants: a tall, spiky plant in a dark pot, a snake plant in a white pot, and a red pot with a green plant. A large, vibrant pink bougainvillea bush is in the middle ground, partially obscuring a brick wall. To the right, a tall, light-colored concrete wall runs along the edge of the garden. A utility pole with wires is visible in the background. The overall scene is bright and sunny.

O dia que vi umv jardineirv lendo, Deleuze e Guattari numa estufa...

Escrever para jardineirvs poderem ler. Isso de maneira alguma significa não usar conceitos ou teorias. Mas sim, fazer as palavras soarem como as plantas de um Jardim.

simbioses e jardinagens do fim dos mundos

Um jardineiro que ao mesmo tempo que semeia, quer arrancar as plantas porque não vê mais sentido em algumas delas. E ao mesmo tempo em que arranca, já planeja ocupar a terra com um novo semear para assim amar novamente outras plantas, e desejar arrancar aquelas outras antes semeadas, em que não vê mais sentido.

Mas se o mundo é Jardim, não é porque as plantas constituem seu conteúdo privilegiado, ao contrário, é porque o mundo é feito fabricado pelas plantas. Elas são, portanto, o jardineiro, e são elas que fazem este mundo, elas que conservam este mundo em vida (Coccia, 2018b, p. 05).

Tem um jardineiro que não planta mais, já plantou, parou porque envelheceu, e ao mesmo tempo que não planta, fica irritado, com o jardineiro que arranca, por ele arrancar. E não apenas deixar as plantas viverem e plantar outras. Conhece todas as plantas, consegue ainda regar boa parte delas, sabe de suas cores e características e em que fase de desenvolvimento estão. Mas devido à falta de força, o máximo que consegue fazer é aguar e contemplar. Tem as plantas como se fossem suas.

Somos objetos da jardinagem cósmica das plantas. Quais são as atividades de jardinagem que tornam possível a vida sobre a Terra? (Coccia, 2018b, p. 06).

Vive em cabo de guerra com outro jardineiro, quando ele se encontra em seus momentos de arranque das plantas do jardim. Discorda quase sempre também, da maneira como o outro realiza a poda. Acha a poda drástica demais! Chegou até a esconder alguns vasos, e mudara outros de lugar na tentativa de escapar com essas plantas da visão baixa do jardineiro sedento.

Porém, em certas horas, até concorda com as podas da jardinagem. Como quando o corte se tratava do pé de acerola, que a copa grande já tomava parte do telhado do vizinho. Concorda também quando é a poda do coqueiro, que só fica mais vistoso e verde a cada folha arrancada que dá abertura para folhas novas da base poderem respirar mais luz.

Pensar o mundo como um Jardim, cujo jardineiro são as próprias plantas, significa, antes de tudo, reivindicar seu estatuto de artefato. O próprio mundo nada tem de puramente natural, no sentido de que a natureza seria

a prioridade de antemão. Ele se acha, ao contrário, sobre o limiar de indistinção entre natureza e cultura. Ele, o mundo é um Produto cultural dos seres vivos e não somente a condição de possibilidade da vida (Coccia, 2018b, p. 09).

As plantas e tudo que elas atraem para esse jardim, só poderiam então existirem, a partir do contrato que se instala entre vs jardineirvs que jardinam, que vão formando camadas de jardinagem entre podas, arranques, semeio, agoadas, brigas, frutos caídos, polinização, reviro de terra e acompanhamentos. Plantas que fazem mundo, mas que também advém, compõem, da fabricação de mundos de ambvs jardineirvs.

A cosmologia é um tratado de jardinagem, um manual sobre as inúmeras maneiras de agenciar os seres mais díspares e de harmonizar seus ritmos de seus sopros. Jardinagem é o ser e a forma das próprias plantas (Coccia, 2018b, p. 10).

Umv jardineirv é quem escolhe quais as plantas que irão entrar no jardim, e onde ficarão, as plantas não obedecem. É elv quem faz todo um forrageio com os vizinhos e com vs outrvs jardineirvs buscando outras novas mudas. Pensa que o jardim é seu. A maior parte dvs jardineirvs respeitam essv jardineirv e quase sempre não jardinam na sua frente.

Porém em primaveras de flores vistosas, se for preciso, vs jardineirvs que compartilham o mesmo jardim, sem muita cerimônia, quando v jardineirv que forrageia não está presente, reviram toda a terra para poderem plantar. Em poucas horas, mudam completamente a aparência que o jardim havia criado no outono passado. Cocriam com as plantas floridas, fazendo das gemas nos galhos todo tipo de broto possível. Fazem e desfazem jardins enquanto jardinam com as plantas.

Quando v jardineirv que pensa ser donv do jardim está presente elv comunica pouco com as plantas. Mas é elv quem mais entende o tempo de abertura dos botões florais e o espaço conquistado por eles. E mesmo que algumas ervas semeiem pelo vento novas plantas e elas cresçam em algum lugar totalmente desapropriado e inadequado, é essv jardineirv quem faz questão que tais plantas permaneçam lá. Pois em algum momento, quem é que sabe? Poderemos descobrir o motivo para elas terem nascido por ali, ou deixarmos elas irem para algum outro lugar.

V jardineirv que recolhe as mudinhas, precisa dv primeirv jardineirv para poder plantá-las no jardim. Elv não planta mais. Apenas contempla e forrageia.

Elv dá essa missão para v jardineirv, para que elv possa plantar aquelas mudinhas que elv consegue trazer para dentro do jardim. Elas são parte do rastro delv no mundo, no entorno do jardim. V jardineirv que mais planta na terra, é v jardineirv que menos consegue trazer plantas e mudas para o jardim.

A origem do mundo está em todo lugar e existe em cada instante para observar o mundo, não precisamos de um ponto de vista, e sim, de um ponto de vida (Coccia, 2018b, p. 11).

Todo o ser é jardineiro de outras espécies e Jardim para outras mais (Coccia, 2018b, p. 30).

V jardineirv que traz as plantas para o jardim, as vezes se depara com plantas que morrem jogadas no cantinho do matagal, seja dentro de uma sacola ou de um vaso provisório que havia preparado. Elv tem que recolher as plantas e jogá-las fora no lixo, quando são esquecidas. Mas na verdade elas não foram esquecidas. Eram lembradas, mas não tiveram tanta atenção e interesse como recebiam as outras. Para serem aceitas pelvs jardineirvs e ganharem olhos brilhantes e afetivos sobre suas folhas, flores e frutos, as plantas precisavam participar de um ritual. V jardineirv que pensa ser donv do terreno, precisa *verdejar* histórias para vs jardineirvs que cuidam, sobre a nova planta que está adentrando no local. Vs jardineirvs rapidamente se rendem a um bom conto. Ainda mais sobre plantas!

Ao saberem sobre o forrageio dv jardineirv em busca da plantinha recém-chegada, dos jardins que visitou, dvs jardineirvs, terrenos e mundanos que conhecera em busca de outras plantas, vs jardineirvs iam fertilizando sua relação com a nova moradora do jardim. Essa era a estratégia daquelv jardineirv para fazer estvs jardineirvs reconhecerem e se envolverem com as plantas que ia trazendo para compor seu jardim. Era necessária essa fabulação, para vs jardineirvs retirarem as plantas dos sacos, jornais, vasilhas, levá-las para o jardim, para a partir daí começarem as suas interações próprias com a planta. Cada jardineirv volta a jardinar devindo à sua maneira, modo, movimento.

Vm jardineirv tem seu jardim no meio da mata, e está acostumadv a fazer um ritual em silêncio pelas manhãs. Gosta de apreciar aquilo que vibra ao seu redor. Seu jardim está há um tempo sem chuva, e por isso tem molhado nesses dias não somente as plantas menores, mas também as raízes das árvores maiores do quintal. Um dia quando estava perto de um pé de Mixirica algo lhe movimentou e o convenceu a molhá-la inteira, de cima a baixo. Escutou sua intuição e assim, usando uma mangueira laranja com alguns furos, fez uma pequena chuva cair sobre a Mixiriqueira, era algo que nunca tinha pensado em fazer antes, geralmente o que fazia era enxarcar o solo e as raízes. Nesse momento, de imediato, uma sensação de absoluta de contemplação v preencheu completamente. Deu um sorriso discreto esticando os lábios enrugados, mas ainda sem expor os dentes. As mãos firmes segurando a mangueira ficaram ali, molhando aquela árvore diante das outras plantas, alguns grilos, joaninhas, formigas e eu. Ficou sorrindo sozinho por um tempo. Aquilo que v afetava estava vindo do reverberar dos afetos-vegetais-chuviscos. Era como se a Mixiriqueira cobiçasse a água, e v jardineirv que era chuva, ansiasse tocar o limbo foliar, devir gota-de-orvalho, que enquanto cai arrasta outras gotículas se tornando uno, aumentando sua potência e velocidade para vir a ser um pingão d'água, água-agoa.

Nessa comunicação afetiva, sentia-se parte do mundo com os outros seres. Aprendeu nesse dia se permitir comunicar com os outros sendo outro, sendo água, falou com as plantas toda a jardinagem. A chuva trouxe todos para dentro, as gotas eram escondidas pelo som do trançar das patas e pernas que caminhavam com dúvida de não saber onde ficar. E o silêncio deu casa para a criação. O silêncio da chuva é pingão. Não tenho medo de molhar nem de ficar junto.

*

Nessas experimentações pude conhecer os jardins que vão formando paisagens inúmeras nas bordas dos seus fragmentos, conforme vão sendo cocriados. Jardins frutos dos contratos entre jardineirvs que plantam, jardineirvs que arrancam, jardineirvs que replicam mudas, jardineirvs que matam brotos. E por aqueles que as plantas tornam jardineirvs também. Vs enfeitadvs. Vs jardinadvs.

Não se sai isento e estéril dessas experiências vegetais e de jardinagem. A vivência no jardim vai ser compostada produzindo uma curadoria de plantas e de mundos vegetais. Inevitavelmente entrelaçadas. Tudo isso a leva a outra percepção da existência e das outras formas humanas e não-humanas de construir narrativas.

ATLAS
DE EXPERI

RI

MEN
TA

ÇÕES

APRENDER COM O NÃO SABER COM PIGMENTOS NATURAIS

cores jardineiras ⇌ educações jardinagens

A força da pintura que existe no pigmento.

As reverberações teóricas surgiram a partir das leituras de como *artistar* a educação e pesquisa de Sandra Corazza (2007; 2008; 2012)⁴⁰, *A Biologia tem uma história que não é natural* de Luís Henrique dos Santos (2000), e *A vida das plantas* de Emanuelle Coccia (2018a).

Seis meses de encontro com professorvs ciências biológicas em formação inicial.

Cerrado, Outono e Inverno. As árvores caducas começaram a perder suas folhas e o capim-braquiária do *campus* aponta as primeiras palhas secas que não resistiram a falta de umidade que já dura alguns meses. Em contraste à seca que estava chegando, Ipês, Gomeiras, Jacarandás, Muricis, Marmeleiros e Pequizeiros começavam a florir, mobilizando uma gama de polinizadores coloridos que ficavam destacados quando em contraste com os tons beges e marrons que se esparramavam por todos os cantos.

Território: universidade. Chão cinza, lado de dentro e de fora, progresso e ordem, luzes redondas, salas quadradas, carteiras, mochilas, chumaços de papel, um mestre a frente, enfronte fileiras. Que arruínos há numa norma e numa ordenação? Arruínam-se vidas. Que vidas são estas que estão ocupando lugares arruinados por força esta que faz ruínas?

Bio. Vida. Entre-vida. Entrever entre uma ordenação aquilo que devesse uma insubordinação que fertiliza as vidas irrigando com força de potência. Que dão a elas poderes de erva daninha, de pós, que se espalha verdejante nas rachaduras, nas frestas daquilo que a modernidade concretou. Hoje a modernidade recapeia, tapa buracos. E a pós-modernidade criativamente insubordina.

⁴⁰ Há uma versão deste texto (2007) com o título: *Para artistar a educação: Sem ensaio não há inspiração* disponível no Academia.edu. Outra versão de (2008), com o mesmo texto, porém com outro título, *Para artistar a filosofia-educação: – Sem ensaio não há inspiração*, está disponível no acervo de produção de pesquisadores da UFURGS, <https://drive.google.com/file/d/1TB3OLHL3AcMOr0seM6mDOUrrxloH8J7G/view> link:

Experimentar uma práxis em Ciências e Biologia que seja questionadora, artística e criadora-movimentadora de pensamentos, que dança em frestas, naquilo que abre espaço entre as dicotomias e que se configura num contexto universitário de formação inicial de professorvs de Ciências e Biologia, permite que alarguemos nossos possíveis enquanto formadores de professorvs que ensinarão sobre a vida, ao mesmo tempo que se estreitam normalidades desgastantes na relação que se dá na docência entre conteúdos formativos obrigatórios. No aprender e no ensinar de como aprender e a ensinar sobre vida para seres de vida pura e pura vida. Algumas movimentações carregadas pelas indagações e questionamentos que sempre atravessam os seres professorvs, que foram se tecendo pela escrita e se constituindo pela pesquisa, começaram a ser incorporadas à investigação buscando praticar, experimentar na prática, fazer um todo sentir físico do conceito de experimentação, *Narrativar*.

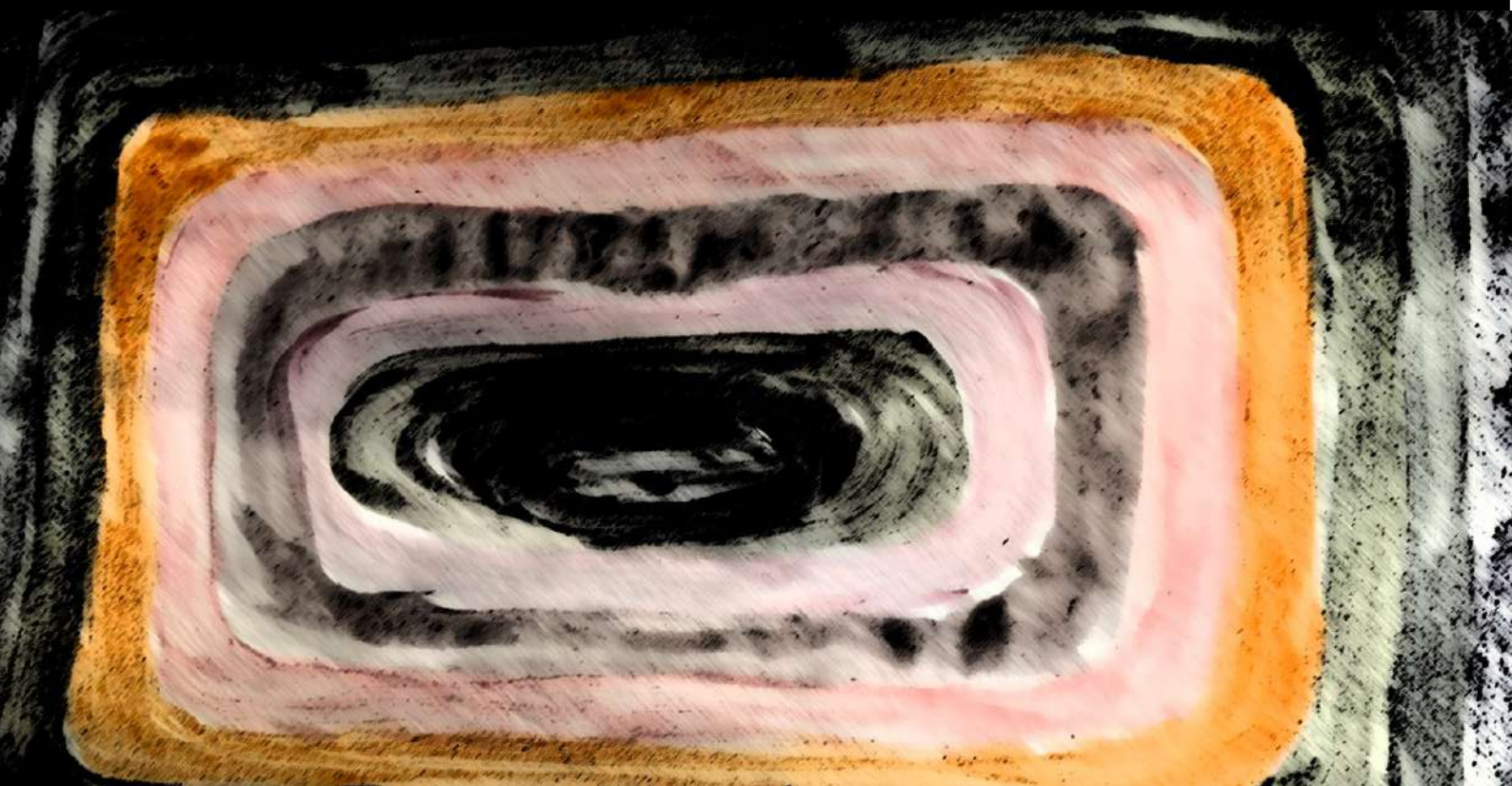
Desenvolvemos nos encontros com professorvs em formação inicial, na disciplina de Biologia e Cultura oferecida pelo curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia, numa parte da disciplina onde o escopo é buscar maneiras outras de nos conectar com as plantas, com o reino vegetal, por outras práticas com esses seres guiados pela tentativa de *artistar* na educação (2007; 2008; 2012), para mim uma tentativa de aprender a falar com as plantas, reescrevendo histórias que evidenciam possibilidades de ser que não só a biológica, vistos nas disciplinas de conteúdos específicos, aqueles que categorizam, classificam, nomenclaturam, *encaixeficam*, singularizam e...

As manifestações artísticas que emergem a partir do trabalho de fazer, de sentir com a mão, não implicam só na criação num sentido artístico, mas também na investigação num sentido de produção de conhecimentos. Tais manifestações auxiliam na busca de referências e de leituras desconhecidas sobre narrativas vegetais, no conhecimento dos instrumentos e materiais que circulam entre a ciência e a arte, o laboratório e o ateliê. Auxiliam na acuidade empírica das cores e suas vibrações e na compreensão da ação da luz sobre as células, moléculas e estruturas fotossintetizantes e fotossensíveis. Conteúdos próprios de serem trabalhados no ensino de ciências no ensino básico. No movimento de *Narratinar* são as séries de acontecimentos, que vão implicar no longo processo de construção da pesquisa

que se atravessa: tentativas, erros, anotações, pensamentos, intuição, arriscar. Tentativas e erros, que vão se tornando próprio desse trilhar metodológico.

A criação nos ajuda a vislumbrar diferentes mundos e a pesquisa é o caminho, o tempo. Criando passagens que estreitam cada vez mais o processo de pesquisa e o processo criativo-narrativo. Unimos essa ideia de narrativas-criação e experimentação, e percebemos que não há como desvincular um fazer criativo de um fazer experimental, pois enquanto se experimenta algo, uma leitura, uma técnica de pintura, uma maneira de se mexer, estamos criando com as tentativas. E quando criamos algo, imediatamente experimentamos tal criação, podendo até invocar novas. No nosso trabalho, tivemos como caminhos e territórios, as fugas que encontramos no meio da arte, do forrageio, da tinturaria natural, da coleta e curadoria botânica inventiva, da filosofia da diferença e...

Nos encontros com os futuros professorvs de Ciências, realizamos atividades, já comumente executadas por biólogos coletores/colecionadores botânicos: coleta, identificação e armazenamento. A todo tempo durante as oficinas/aulas, movemos os professorvs junto e com os estudantes, orientados pelos atravessamentos que nos ecoavam um fazer criativo: como posso olhar para essas etapas da confecção de uma coleção botânica e desse momento tornar outra minha relação com as plantas, com a Terra-terra, indo criativamente junto com a pesquisa e a arte em confronto com a norma que sufoca, buscando *Narrativar* outros caminhos, não predestinados, talvez inenarráveis, e tensionados a tornarem-se narrativas nesta escrita? Curadorias vegetais.





POW

INFORME
EPIDEMIOLOGICO DO SUS

Ministério da Saúde
Secretaria de Vigilância em Saúde
Departamento de Vigilância Epidemiológica

BRASIL
2014

Este informe contém informações de caráter técnico e científico. Os dados aqui apresentados são de natureza preliminar e podem sofrer alterações durante o processo de análise e interpretação. A divulgação deste informe não constitui recomendação de qualquer natureza.

Este informe é de propriedade do Ministério da Saúde e não pode ser reproduzido sem a autorização expressa do Departamento de Vigilância Epidemiológica.

Este informe é de propriedade do Ministério da Saúde e não pode ser reproduzido sem a autorização expressa do Departamento de Vigilância Epidemiológica.

Este informe é de propriedade do Ministério da Saúde e não pode ser reproduzido sem a autorização expressa do Departamento de Vigilância Epidemiológica.







Nossa vontade era dar enfoque no processo, em vez do produto. Em vez de se concentrar apenas em coletar e catalogar plantas, tentamos interagir com a coleta como uma oportunidade para aprender sobre o ensino, sobre como nos relacionamos com os conceitos botânicos e que outros movimentos possíveis cabiam nesse fazer-com-plantas. Buscando por novas perspectivas. Explorando a coleção de diferentes ângulos, buscando imaginar os inúmeros animais que as visitaram, como elas mudam de forma e cores ao longo do tempo e como elas poderiam devir com a arte, em tintas e pigmentos. Entre a coleta, a identificação, o reconhecimento e armazenamento das plantas, que vamos chamar aqui de curadoria⁴¹, íamos de encontro com o que o conhecimento biológico pré-organizava e trazia da botânica e do reino vegetal.



⁴¹ Na abertura do livro *Florestando Narrativas na Floresta do Lobo* (2024) discuti com o texto, *Curadoria: Composições no chão da floresta*, a ideia de curadoria a entendendo de forma bem mais ampla e relacionada à Educação, como o processo de estar-com em experimentações: “O chão de uma floresta é curado. A serrapilheira que cobre o solo é projeto da cura das plantas. Uma ação que possibilita que inúmeros seres em rede transitem pelo chão da floresta. Um reflexo do processo de curar que permeia nossa existência. Como a floresta, nós também podemos ser curados. Por em movimento de curadoria. Com as narrativas antropológicas e artísticas no Antropoceno, um movimento fruiu. A floresta tem potência, com as produções, de se transformar em um livro de narrativas florestais. Fungos, árvores, folhas, galhas, aranhas, flores, folhas caídas e as ainda por cair. O vento, anelídeos, grilos, besouros, carrapatos. Trepadeiras e professores, braquiáras e todos os Seres que habitam esse ambiente se entrelaçam em uma dança silenciosa de cura. Fazem uma curadoria: das paisagens que emergem. Dos seres que nelas habitam, das resistências. Que vão friccionando e produzindo vibrações no ambiente, cores, camadas, narrativas. Curadoria é cuidar. Trabalho que começa antes do curador. Começa nos artistas que com atenção ao cuidado, construíram narrativas com aquilo que foi curado por eles nas experiências de criação. O curador-professor-artista tem habilidade de pôr em diálogo as artes com as ações educativas. Não implica em ser explicativo, em dar representação às criações. Mas sim, provocar a formação, o questionamento, o pensamento. Um curador vai devorando as obras enquanto lida com questões do campo teórico e artístico [...] As narrativas juntas, compostam as criações como a floresta faz com a serrapilheira. Uma composteira que em processo de fazer terra produzirá imanência e mundos (Lourenço et al., 2024, p. 14).



Porquê as plantas?
Reformular nossa relação com a Terra

Durante as práticas de extração de pigmentos, percebíamos que o aprender poderia encontrar caminhos e se dar também pelo não saber, ao invés do saber. A cada vez que as cores das reações se alternavam, a cada planta que a extração se iniciava, a classificação, os nomes e seus “descobridores”, ficavam em segundo plano esperando a arte e a química construir a nova narrativa que aquela planta teria. Uma outra história que não tem a intenção de ser natural.

O que pode essa outra visibilidade e outra narrativa vegetal que é construída para a formação inicial daqueles futuros professorvs e professoras e professores? Dando outra visibilidade e outra história para as plantas, podemos potencializar nossa compreensão e apreciação das plantas, tanto no âmbito ecológico quanto no cultural. Indo além de pensar na planta como recurso, nas suas contribuições apenas para a economia, farmacologia, alimentação ou uso na construção civil, mas também indo além, possibilitando pensar com as plantas e nas suas contribuições para a fundação e existência das culturas humanas e mais-que-humanas, dos modos de vida, da medicina tradicional de povos indígenas e outras comunidades.

Outra atividade que fizemos foi realizar outras criações a partir das tintas produzidas juntos. Experimentar com elas. E pelas experimentações íamos remontando e revisitando os conteúdos trabalhados, *narrativando*, e os trazendo à tona outras formas possíveis de se relacionar com o mundo vegetal. Entendemos que isso é *Narrativar*, o caminhar intuitivo, que se torna investigativo, e se materializa em criações artísticas e experimentativas, que ora alimenta a investigação, que vai fertilizando cada vez mais o criar. Mesclas indiscerníveis que compartilham a mesma forma. E um pensar com as plantas foi se estabelecendo.

A surpresa de ver o papel depois de cozido com as plantas, imerso na água que borbulha, de pintar com os pigmentos que extraímos delas. Alcançamos seu interior? Escutamos suas falas? Talvez estivessem respondendo ao que provocávamos mexendo e experimentando com elas. Marcas reveladoras de escritas, memórias do sentir são ativadas. O tempo se conecta pelas experiências com as plantas e com o que elas carregam como mundo, ecologias outras. Estar no mundo pelas plantas. Passear pelo sentir e pelo pensar com plantas.



reverberações vegetais e cores

Pensar em experimentações é o que movimenta a disciplina Biologia e Cultura. Um experimentar que conecta leituras, vídeos, exposições, visitas. Ao pedir que deixassem serem levados pela criatividade, ecoava entre as falas dos estudantes nas atividades, muitos comentários sobre o sentir, o perceber, o permitir. O sentir é confuso, pensar com e a partir do sensível pode fazer dele algo mais compreensível. Que relação tem essa ideia com o ensinar e o ser professor? Inúmeras respostas povoaram tal indagação durante o *Narrativar*. E a práxis docente surge nesta tessitura para ajudar a pensar as relações teorias-práticas no e do ensino. A disciplina de Biologia e Cultura, traz para a formação de professores de Ciências e Biologia e para o Estágio Docência do Doutorado, um pensar que nos faz acreditar que é possível criar uma composição pensada junto, com o que acontece e surge apenas na ação própria da práxis, enquanto criação e pesquisa. Seria esse o meio que coexiste com a disciplina de Biologia e Cultura e que a formação percorre?

A cada categorização, a cada classificação, a cada marca eterna, o chamar das coisas, passam a ser as próprias coisas. A organização é algo natural? Ou naturalizado? São coisas presentes ao se pensar com e junto às plantas. O que pode ser retomado trazendo consigo outras maneiras de ver e entender os vegetais que permita aberturas, insubordinações e nunca fechamentos, restrições? Como a organização molda diferentes formas de ser de acordo com as culturas e sociedades? E qual cultura é a organizadora e quais as culturas organizadas?

A partir das leituras realizadas de Santos (2000), sobre as articulações dos conhecimentos biológicos e a pesquisa em educação em *A Biologia tem uma história que não é natural*, nos atentamos à lógica comum posta ao ensino de ciências, que privilegia o caráter constituidor da linguagem que articula à ideia de ciência e de seu ensino.

De acordo com Santos (2000), é necessário fazer uma crítica frente às propostas escolares que afirmam que o “real” e o “verdadeiro” ensino de ciências seria aquele fundado nas ciências duras, nas hard sciences. Desse modo, Santos (2000) argumenta que os currículos destas propostas são fundadores, gênese de realidades e corpos, pois, “produzem com suas

narrativas tanto a ciência como os sujeitos que as produzem” (2000, p. 231). Tal visão nos ajuda a descristalizar pensamentos de que o conhecimento biológico é algo natural, nos convidando a enxergá-lo como uma criação-invenção que é produzida pelo confronto e disputa de diferentes poderes e interesses políticos, econômicos, filosóficos e culturais ao longo da história. E não algo dado e posto como reflexo daquilo que já está escrito pela natureza.

Educar pelo não saber... novamente essa noção que descoordena a ordem posta de como se dá um saber e um conhecimento, apareceu nas minhas experimentações de jardinagens esquizitas.

A ordenação constrói chão para pisar, porém cheio de pisos falsos, estruturados sobre que cimento e alicerce? O que receberemos em devolutiva se tentarmos ser diferentes no ato de ensinar? O que recebemos quando divulgamos a ideia entre aqueles que ensinam? Que sensação será essa que nos faz pensar que na educação, temos que lutar por todo sempre...E como a prática no ensino de Ciências pode provocar e libertar os estudantes num fazer crítico, para que questões culturais não sejam normalizadas sob um olhar cientificista? Uma formação que pensa junto maneiras de forjar o Narrativar, abre-se a pensar no experimento como meio para a produção de conhecimentos. A arte e o fazer arte com as plantas vêm ao encontro exatamente à tal ideia. Que outras lógicas poderiam também compor os saberes?

Narrativando com plantas com crianças em uma escola pública

Território: Escola Marechal Castelo Branco. Oeste de Uberlândia. Oficinas de extensão-educativas engendradas pelo Encontro Regional de Botânica. Fui convidada pelo encontro. Oficina de pigmentos botânicos. Chão cinza de cimento, lado de dentro e de fora, progresso e ordem, luzes compridas, pátio com mesas, banquinhos, listras no chão, parte coberta e parte ao sol. Algumas plantinhas no jardim em frente ao refeitório e outras crescendo livre nas rachaduras, entre os pisos, entre o chão. Salas quadradas, carteiras enfileiradas, lousa de

giz, estudantes de 11 a 14 anos. Cerca de 60 estudantes, em rotatividade de 20 em 20 estudantes por vez, na mesma sala. Atividade realizada 3 vezes das 8 horas até as 12 horas.

Na realização da oficina de pigmentos vegetais, buscamos experimentar uma práxis em Ciências e Biologia, que se relacionam mais intimamente com os pigmentos vegetais, que fosse questionadora, artística e criadora-movimentadora de pensamentos, que permitisse que os estudantes participassem ativamente no compartilhamento de conhecimento e na criação deles. Nessa atividade estava muito contaminada pelas ideias de artistar na educação (Sandra Corazza, 2007; 2008; 2012). Narrativar nesse sentido, nesta experimentação, banhou-se dos conceitos propostos pela autora. Narrativar e artistar. Nesse Narrativar reescrevemos histórias que trazem forças que ajudam a evidenciar possibilidades de ser e estar outras, que não só a biológica, moderna e cientificista, geralmente vistas nas disciplinas de conteúdos específicos.

A artistagem é um conceito criado pela professora Sandra Corazza para se referir a uma estética, uma ética e uma política a se inventar nas ações educativas; trata-se de fazer arte sem ser artista, uma prática permeada por experimentações artísticas, científicas e filosóficas que podem ser realizadas pelos estudantes e professorvs a fim de ressignificar a relação com os conteúdos. Narrativar somada às essas contaminações, soou como uma estratégia metodológica que fez aparecer aquilo que não é diretamente visível nos discursos curriculares, nas práticas de ensino, nos processos de formação de professorvs.

cocriando cores e plantas

Para a execução da oficina foi realizada uma coleta de vegetais nos entornos da escola para que se pudéssemos, posteriormente, realizar a extração dos pigmentos presentes nessas partes vegetais. Tenho gostado desse movimento de percorrer o entorno. Para mim é muito mais efetivo propor contatos com a beira, com o meio, com a volta. São nesses entornos que encontramos pontos estratégicos de habitar ideias vegetais. E é naquilo que circunda, que linham os territórios, que busco convidar os estudantes para fazer coletas botânicas. Nas florestas das frestas de perto. Foram coletados raízes, caules, folhas, galhos, frutos,

sementes e flores. Os materiais coletados, foram separados de maneira intuitiva, sem obedecer a alguma regra pré-disposta. E os vegetais foram expostos nas mesas presentes na sala de aula.

Conforme os estudantes iam chegando na atividade, eles poderiam escolher em qual lugar da sala prefeririam ficar. Desorganizei todas as carteiras, fiquei entre eles ao invés de na frente perto da lousa. Ficaram curiosos e provocados com o deslocamento. Logo em seguida, os estudantes foram convidados a contar sobre as plantas que estavam vendo em cima das mesas e sobre aquelas que geralmente viam no caminho da escola, no caminho de casa, no caminho da praça, no caminho do campinho de futebol do bairro. Após esse momento de relembrar das plantas, iniciou-se o processo de extração de pigmento dos vegetais coletados. Nessa situação, experimentei outra metodologia de extração, que produz pigmentos botânicos mais instáveis que aqueles extraídos pela técnica laca. Costumo chamar essa outra metodologia de “aquarela instável”, ou “tintas de cores mutáveis”.

Junto com os estudantes realizamos a cocção das partes vegetais em água, separando os cozimentos por partes vegetais e cores. Fervemos separadamente flores amarelas e rosas, cascas de árvores marrons, alguns frutos verdes e outros laranjas, e depois, à essa extração aquosa bem concentrada, foi misturado uma goma, também chamada de grude, que havia produzido no ateliê-laboratório anteriormente misturando seiva de Acácia, água e glicerina vegetal.

Os resultados obtidos destas extrações e aglutinações deram cores amarelas, roxas, verdes, laranja e azul. Brinquei muito com a adição de modificadores de cores (acetato de cobre, acetato de ferro e acetato de alumínio) para obter uma gama maior de cores. Essas tintas foram experimentadas pelos estudantes dando origem a vários desenhos em papéis de aquarela. Quase todos tinham desenhado plantas. Se enfeitiçaram por elas. Era o canto clorofilado que ecoava em suas criações. Deste acontecimento surgiram marcas em meu corpo de professorv-pesquisadorv-artisteirv, tecidas como narrativas que entendo serem potentes para entendermos melhor as relações entre as artes, o experimentar com as plantas e o aprender as ciências.

A criação nos ajuda a vislumbrar diferentes mundos e a pesquisa é o caminho, o tempo. Criando passagens que estreitam cada vez mais o processo de pesquisa e o processo criativo. Quando criamos algo, imediatamente experimentamos tal criação, podendo até mesmo se invocar novas criações, de outras formas, lógicas, variações.

Conforme se iniciava o processo de pintura, algo que foi evocado pelos estudantes e chamou minha atenção foi o desejo de utilizar além das tintas também as partes vegetais que haviam sobrado da extração para compor as produções. Queriam colar pétalas, galhos, frutos... mesmo que macerados. A primeira coisa que me veio à cabeça foi: Só a cor não é suficiente! Os estudantes poderiam produzir qualquer tipo de desenho e pintura. A orientação era que as criações poderiam se dar de maneira livre e sem muitas regras. E eles continuavam pedindo para usarem as partes das plantas, como se seu professor precisasse aprovar o desejo deles. Dei passagem a essa vontade, e já fui atrás de cola e mais partes vegetais para usarem. Ao voltar para a sala abarrotado de plantas nos braços, uma fala chamou-me a atenção:

- Além de comer, beber, fazer roupa e casa, as plantas também dão tintas, quem imaginaria?

Nesse momento, outro estudante rebate:

- Sem as plantas a gente nem existiria, e tudo que existe tem cor não tem?

Esse curto diálogo além de nos fazer refletir no papel dos vegetais na nossa vida, nos põe a pensar sobre o que ensinamos sobre esses seres vegetais nas aulas? E se não estaríamos dando um foco muito grande para um viés utilitarista das plantas. Inclusive na produção das tintas. Era algo que definitivamente não desejaria que acontecesse.

Para todo conhecimento que existe ou vá existir, existe uma forma correspondente a ele no currículo sobre como abordar tal tema nas aulas. Os pigmentos naturais por mais inusitados que pareciam para realidade daqueles estudantes, por advirem das plantas, tinham um local: serem úteis.

Um conto... uma carta...

De: Estudante

Para: Colega que faltou da aula

Assunto: Como era meu professorv-planta

[...] Andando pela sala, começou a falar sobre a importância das plantas não só para a nossa sobrevivência, mas também para a biodiversidade e para o equilíbrio do planeta como um todo. No fundo eu acho que percebeu que o viés utilitarista que havia dado às plantas não estava correto. Havia sido aprisionada imediatamente no que era possível para as tintas dentro da linguagem científica. Teve que recorrer à arte e inventar, criar. Todos nós criamos na verdade. Até eu pude inventar o nome de uma das cores. As plantas não são apenas recursos a serem utilizados pelo ser humano, mas sim, seres vivos que têm o direito de existir por si mesmos. Às vezes, é preciso repensar pensamentos demasiadamente certos, que nos limita a um único ponto de vista. Ainda mais quando se trata de cores e vida e plantas!

Ao utilizar e pensar a sala de aula mesma, como uma sala outra, incentivando os estudantes a expressar suas personalidades e criatividade. Algo arquitetônico começou acontecer naquele ambiente. As carteiras que tinham sido arrastadas e desalinhadas das fileiras começaram a se encher de folhas com desenhos e cores vibrantes, cada uma delas contando uma história diferente. Algumas carteiras eram preenchidas com desenhos de flores e borboletas, outras com formas abstratas e geométricas. Algumas tinham desenhos de animais, outras de paisagens e cidades. Cada carteira um desenho, cada desenho era uma expressão única da imaginação dos alunos. Podemos considerar toda essa produção e experimentação artístico-científica como uma produção de conhecimentos?

À medida que as turmas passavam pela oficina, as cadeiras se tornavam cada vez mais vibrantes e coloridas. Estavam em curadoria. Elas se tornaram uma atração na escola, e todos queriam ver o que os estudantes haviam criado.

- Como assim mato dá tinta? Tem que misturar com que?

As crianças preenchiam as cadeiras com a arte da vida, com suas experiências e sonhos. Estavam com o professorv à artistar, estavam Narrativando-experimentando com a criação formas de saber e de não saber, da vida ao sonhar. Nessa relação que se criava, fertilizava territórios para um ensino efetivo e afetivo científico. Sem decorebas, sem amarras, sem gritos, sem fileiras, sem agressões.

Percebemos uma potência educativa conforme as cadeiras foram sendo transformadas, uma a uma, cobertas com obras de arte vivas, afinal as clorofilas das plantas não morrem após a extração, continuam reagindo com a luz, cheias de energia e significados. As criações Narrativaram a ação, falaram e ouviram as plantas. Uma inspiração para o professor que criava, assistia, aprendia, vivia, pesquisava e sentia tudo.

Toda cor que os olhos roubam, são criadas naquelas entre copas: as grandiosas a tocar o céu, e as pequenas a rastejar pelo chão. As cores ganham velocidade pelo meio e vão corroendo as bordas, rebordando.

As plantas são os verdadeiros mediadores: são os primeiros olhos que se colocaram e abriram para o mundo, são o olhar que consegue percebê-lo em todas as suas formas. O mundo é antes de tudo o que as plantas souberam fazer dele. Foram elas que fizeram nosso mundo, ainda que o estatuto desse fazer seja bem diferente do de qualquer outra atividade dos viventes (Coccia, 2018a, p. 26).

A preparação de pigmentos com as plantas provocou algo que estou tentando dizer como um educar pelo não saber. Mesmo junto da biologia, da química, da física, que determinam as reações e balanços, ao cocriar com a arte podem surgir entre conhecimentos cores diferentes, cores desconhecidas, não catalogadas, únicas, mutáveis até a última secagem. O não saber nesse sentido, pode ser também quem cria o arco-íris.

As plantas nos têm como reféns a séculos. Na extração de pigmentos naturais podemos com apenas uma única planta ou produzir um único pigmento, ou podemos uni-las, misturar com outras substâncias, plantas e técnicas e criarmos infinitas cores. Quanto mais desastroso “quimicamente falando”, mais camadas de cores vão se abrindo. Mas surgimentos nos testes de cores. Após fazer vários experimentos com diversas plantas, e visualizar inúmeras cores diferentes, pensamos que ciência e arte se misturam, se completam. As plantas e suas cores nos ensinam, nos lembram que sempre estivemos com elas.

As manifestações artísticas que emergem a partir do trabalho de fazer pigmentos naturais com as plantas, de sentir com a mão esses seres, de estar junto, não implicam só na criação num sentido estrito ao artístico, mas também na criação num sentido de produção de

saberes. Me auxiliaram instigando o desejo de conhecer referências e leituras desconhecidas sobre as narrativas vegetais. A continuar buscando aprender a falar com as plantas.

jardinagens em alcateia

Esses plantios foram feitos por lobos e lobas.

Foram imersões disparadas por uma oficina criada com a intenção de pôr outros corpos em movimentos de jardinar. De pensarem com as plantas, com os insetos, com as artes, com desenhos, com escritas e leituras de como poderíamos continuar colocando em experimentação a jardinagem.

Algumas perguntas foram criadas após uma semana de imersão lendo *A visão das plantas* de Djaimilia Pereira de Almeida (2019), *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno* de Donna Hawaray (2023), *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas* de Evando Nascimento (2021), *A vida das plantas e A virada vegetal* de Emanuelle Coccia (2018a, 2018b) e *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo* de Anna Tsing (2022). São elas:

ESPECULANDO... Toda alcateia) quem e o que v jardineirv toca quando sente aqueles com quem compartilha a vida? Escolha um a, ou várias espécies companheiras de jardinagem e fabule como são os mundos formados COM elas. E como é a vida formada com ela. Qual o ano você vive e jardina? Como é a habitabilidade?

i) quando e com quem v jardineirv aprendeu a jardinar e por que está vindo jardinando? Se você nasceu jardineirv como foi a sua gestação, que partes foram geradas, do que eram feitos seus fluídos embrionários e quem gestou?

ii) em tempos de sobrevivência em ruínas é preciso fazer simbioses. Plantas e insetos e fungos e esporos sobreviverão as catástrofes. Pela perspectiva de uma espécie companheira a sua escolha, conte como essa espécie vê essv jardineirv, quais as espécies compõem esse corpo, quais suas silhuetas, há tronco, desarticulações? Há cabeça de que? Como se move e para onde vai? Quais suas cores?

Experimentos de jardinagens especulativos oficinairos! Tenho apostado tirar os vegetais do local de objeto e compondo com eles nas criações, como inspira Coccia (2018a). É estranho pensar em outro local para as plantas, ou até mesmo outro seio da Botânica, ou da arte, ou da pesquisa que não as objetificam. - Afinal, do que servem esses seres se não nos servirem mais?

Uma força virtual que cria mundos com o corpo do artista.

Ansiamos que um desses mundos criados conceba com estas espécies companheiras maneiras de resistir e existir juntos ao fim do mesmo mundo.

- Uma vez despretensiosamente, comemos o fruto proibido. Não era carnosos, era seco. Não era só fruto, também era semente. Não era só fome, já o era jardinagem.

O fruto é a mistura da razão. A razão da planta é a flor que enfeitiçou abelhas, mosquitos, morcegos, joaninhas, humanos, o vento, a garoa... para abrolhar a mistura: o fruto. Todos esses jardineiros a jardinar. Àquelas, as plantinhas são, plantas e nada mais. Suas flores são “a expressão perfeita da coincidência absoluta entre vida e técnica, matéria e imaginação, espírito e extensão” (Coccia, 2018a, p. 101).

Pensando em ser fruto e pensando em *Narrativar* como flor, apoiei em experimentações de ter sido jardinado no fim do mundo. Fruto, uma composição do que foi possível para aquele momento, era 3009 d.C. (Depois do Caos). Humano, mas agora não só. Era humano, besouro e planta. Era carne, exúvia, e parede celular.

A partir de movimentos de criação, ora em silêncio, ora andando e conversando no mesmo lugar, no jardim com as plantas, as pedras, os insetos, o sol. Forrageando enquanto escrevia e anotava palavras que eram reveladas pelo estar com os outros seres humanos ou mais-que-humanos, em estado de criação. Esses movimentos foram possíveis a partir dos disparadores da Oficina de Jardinagem que realizamos em grupo de criação e pesquisa. Esses disparadores tinham como vontade incentivar a escrita inventiva, tanto num tom narrativo ligado à ficção, quanto num tom especulativo, nesse último caso, *Narrativar* foi contaminado pelo pensamento de Donna Haraway (2023). Nesse momento de criação, essa foi a aposta e aliança teórica para falar com as plantas. Para a antropóloga, a Fabulação Especulativa, assim como as demais SFs (Traduzido: Ficção Especulativa, Feminismos

Situados, Figuras de Corda e Filosofias Especulativas) são práticas vitais tanto na escrita acadêmica, quanto na vida corriqueira. - Quem não fabula?

As narrativas que experimentamos aqui é inspirada nas práticas cotidianas de contar histórias (Haraway, 2023), são os contos que perturbam os modos de produção de conhecimento coloniais e instituídos. Buscamos maximizar as fricções das narrativas com as experiências, a fim de imaginar futuros possíveis para processos de transformação. Dos encontros entre espécies e coisas e jardineirvs a jardinar. *Narrativar* especula o lúdico e também nos faz pensar no possível do real.

Ao final da oficina, que reuniu escrita inventiva, impressão botânica em tecido, revelação fotográfica por cianotipia, escupimos, pintamos, escrevemos, desenhamos. A compostagem começou a gerar húmus, e fui podendo colher as aproximações com o jardineirv que estava criando e pensando e escrevendo. Surgiu entre rabiscos e algumas palavras feitas de canetinha um esqueleto de um jardineirv de fim de mundo. Cabeça de besouro, asas fotossintetizantes feitas de folhas gigantes, nômade, andarilho, coletor de sementes de capins e resistente a fortes fontes de UV.

Em conhecimento dv jardineirv e da jardinagem que estava criando, fui materializando sua forma, cabeça, asa, hábitos, posturas. A experimentação passou entre esculpir em papel, produzir e utilizar tintas naturais de plantas que havia extraído, secagem de plantas, escrita narrativa especulativa e performance.





A criação pela experimentação narrativa e a literatura e a filosofia foi ajudando a movimentar o local das plantas nessa relação de jardinagem. Elas também são jardineiras, e vivem por serem plantas e jardinar. Não há humano que tenha humanidade a mais sobre qualquer outra forma de vida do planeta. Não é humano e nem tem pretensão em ser, nem tem humanos como padrão nenhum para poder dizer sobre o tamanho das coisas. As outras formas de vida que fazem do mundo um jardim, jardinam independente de nós. Estava com as plantas e fui aprendendo sobre o viver com elas os fins dos mundos. Elas junto aos demais seres fotossintetizantes produzem o oxigênio que nós precisávamos para viver. As agodas que recebiam eram das chuvas que atraíam. Nada valia como jardineiro no sentido de controlá-las e tê-las pelo jardim. As ervas eram ervas, daninhas, e nada mais. E as plantas?

As plantas viam o jardineiro como as plantas veem. Não se sentiam agradecidas. Tratavam o seu regador à semelhança da chuva que caía sobre elas nas noites de Outono. Florescerem não era o seu meio de meterem conversa com o jardineiro, mas uma forma de acentuarem a sua indiferença à declaração de amor que ele cultivava a cada hora. Por maiores que fossem os cuidados do jardineiro, às plantas tanto lhes fazia viver ou morrer. Se lhes faltasse rega, murchariam. Não seria por mal, não o levavam a mal. Nada esperavam dele. As plantas não estavam cientes da homologia. Desconheciam a sua forma e a ciência que as governava. Bebiam, existiam. Tinha até meio de se governarem sozinhas e de se manterem num compromisso com a terra, a chuva e o vento, mesmo que perdendo a integridade que [o jardineiro] lhes dera (Almeida, 2019, p. 35-36).

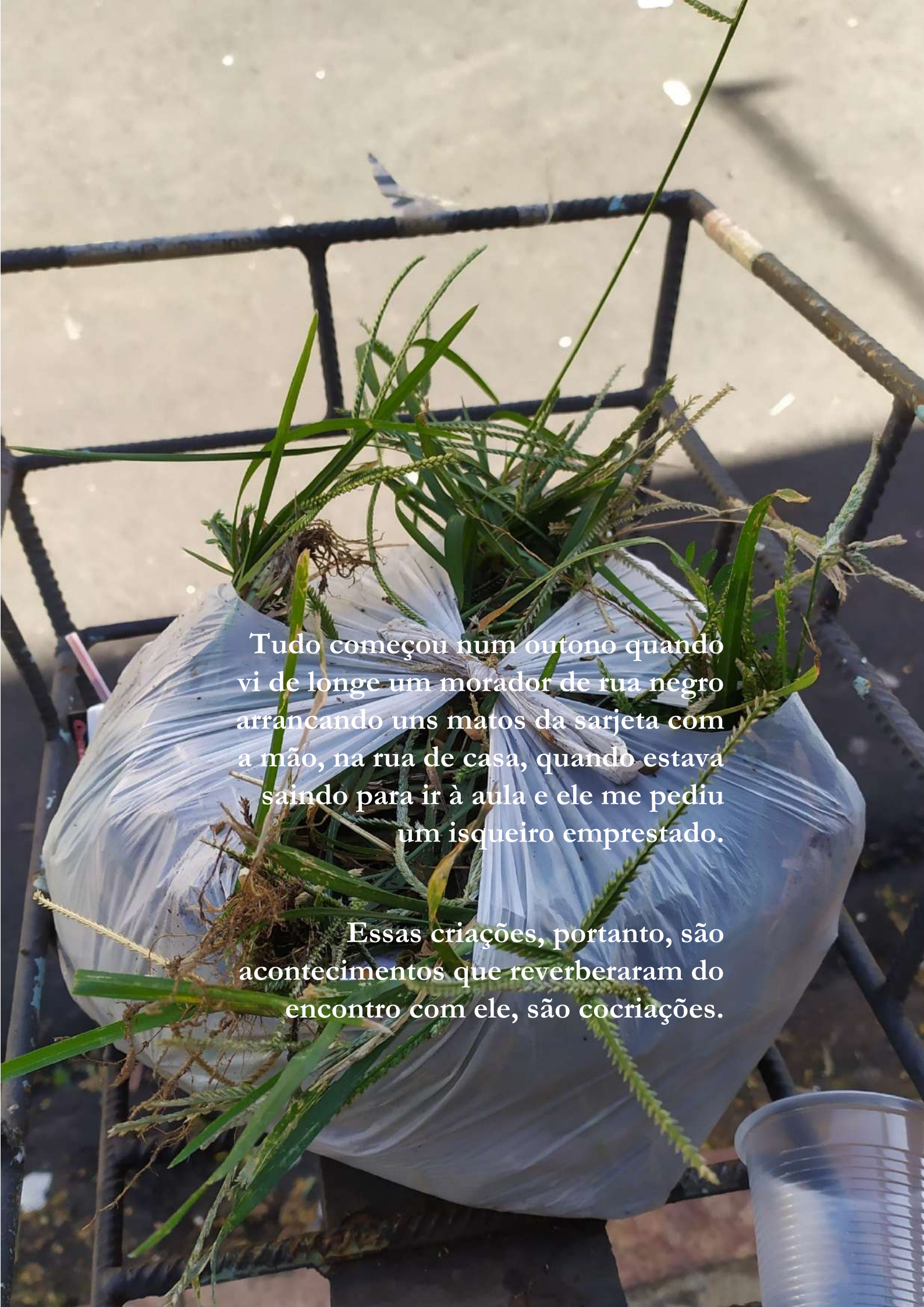
Durante a performance de Jardinagens de fim de mundo, todos jardineiros estavam a jardinar, quando percebi, em coletivo, cada lobo-jardineiro com o seu uivo, num mesmo coro, estavam produzindo dobras esquisitas na paisagem. Um acontecimento de margens pouco discerníveis, não uniforme, cada um foi se inventando pelo lugar, pela leitura, pela escrita, pelo diálogo com o que transitava, pelas pessoas que vinham à mesa, um movimento de permissividade a ser jardinado pelo lugar. São diferentes formas de produzir saberes.



APRENDER COM AS DANINHAS, CAPINS, ESPECULAÇÕES

jardinagens esquizitas, jardinagens malditas

Em um mundo em ruínas, praticar jardinagens de fins de mundo pode ser linha de fuga para criar refúgios, para cocriar no ímpeto de contar mais uma história, para encontrar maneiras outras de habitar as brechas nas ruínas. E é no fim de mundo que ervas não-cultivadas forjam espaços para se proliferar. Em um mundo em ruínas, jardineirvs praticam um cultivo às avessas, não atuando pelo controle, mas pela abertura, fazendo simbiose com polinizadores ameaçados de extinção e com as plantas que vi que restaram, as ervas-daninhas. As ervas que se alastram nas frestas do cimento, os insetos que elas cultivam, e as ruínas que irrompem, nos ensinam como habitar esses lugares. Na necessidade de decolonizar o pensamento do “eu”, praticamos jardinagens esquizitas no Antropoceno. Lugares estes que ora também são virtuais. Propomos jardinar a fim de cultivar aquilo daninho que desejou brotar durante a criação da pesquisa. Narrativas que nos põem em movimento de produzir e pensar como seriam jardinagens de fim de mundo? Quem seriam jardineirvs? E que tipo de coisa cultivariam? Ao olharmos para as frestas nas paisagens que vão se formando nesse mundo em ruínas que é o Antropoceno, o que vemos são inúmeras ervas-daninhas resistindo entre cimento, entre asfalto, entre pesticidas, entre serem arrancadas do chão de casas e prédios por moradores de ruas, entre a força brutal do colonialismo, entre a chance de conseguirem brotar ou não. Para jardinar no fim do mundo precisaremos criar e ensinar professorvs-jardineirvs para que aprendam a resistir nas frestas como as ervas daninhas. A transformar coisas em matos, em capins, que forram o solo e fazem brotar vida na serrapilheira. Não se planta mais só planta, planta-se o que pode ser cultivado, co-elaborar materiais, paisagens, meios.



Tudo começou num outono quando vi de longe um morador de rua negro arrancando uns matos da sarjeta com a mão, na rua de casa, quando estava saindo para ir à aula e ele me pediu um isqueiro emprestado.

Essas criações, portanto, são acontecimentos que reverberaram do encontro com ele, são cocriações.

vs jardineiros do fim do mundo

Numa cidade agitada e repleta de contrastes, onde o concreto dominava cada centímetro, uma sopa inusitada fervilhava em seus caldeirões invisíveis. Era a sopa de cidade, preparada com ingredientes peculiares colhidos em meio às rachaduras do asfalto. No entanto, o ingrediente principal era erva daninha, uma planta resiliente, quase sempre um capim da família das *Poaceae*, que desafiava as normas estabelecidas e crescia em meio ao caos urbano. Se pararmos para pensar, há algo verde sempre emergindo dos interstícios do concreto, contrastando com a dureza e a monotonia do ambiente urbano.

Vou zanzando...Entre essas ruas ora vazias, mas sempre cheias ao mesmo tempo, se considerarmos os mais-que-humanos.



A alianças teóricas que acompanham as escritas⁴² tecidas nesta experimentação foram *Mil platôs 1* de Deleuze e Guattari (2011) e *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* e *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo* de Anna Tsing (2019; 2022).

Caminho sem saída, ciclofaixas,
rota, de sonho, de diversão.

Vinho, feiras, brilho, livres, na trajetória, mercados.

Devir, estações, permanecer, do ano, de circular, tornar-se, em profusão.


Sorrir, galerias, existir, de arte, de descoberta, de centros, de coração.

Exploração, descoberta, campos.

Habitar, valas, desabitado, baldios, residir, reinserir, regurgitar,

Aguardando pelo caminho, coletando dos lixos molduras.

O que são as ervas? O que é daninho? Daninhas a quem? Jardineirvs que estão nas margens dos mundos, assim como as plantas *fissuradeiras*, *fresteiiras*, denominadas de daninhas, fazem jardinagens que atrapalham a higienização que mata-matos que insistem em resistir. Plantas em seu habitat natural dependendo do local que brotam, são vistas como invasoras por atrapalhar os planos vegetais possíveis maquinados para um certo lugar. As supostas daninhas são exatamente assim. Ressurgem. Resistem.



⁴² Alguns trechos dessa parte do texto foram publicados na Revista Digital do LAV no artigo Narrativas de uma cidade em ruínas: caminhando com paisagens, educações e alianças multiespécies (Linhares; Lourenço; Estevinho, 2023). Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/83926>. Acesso em: 29 jan. 2026.

Deleuze e Guattari (2011), utilizam as ervas daninhas, para construir metáforas que se referem às forças que ocupam e emergem nas margens, nas frestas, nas aberturas, nas rachaduras, nos deslizamentos e nos interstícios dos sistemas, cimentos, piche, barro, tijolo, entulho, ferragens, ideias, normas e tradições estabelecidas.

A única saída é a erva [...] a erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela cresce entre, e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é transbordamento [...] (Deleuze; Guattari, 2011, p. 40, grifo nosso).

Essas forças são caracterizadas por sua capacidade de subverter as estruturas de poder e criam possibilidades outras de existência. Entendemos que podemos nos pôr em movimento de cocriação com essas forças criadoras que falam Deleuze e Guattari (2011), na intenção de compor narrativas das paisagens que se dão nesses entres e nesses encontros, nas *assemblages*.

*

É nas paisagens, segundo o pensamento de Tsing (2019), que podemos ver emergir configurações nocivas desenhadas pela reunião de trajetórias humanas e não humanas. Nas reuniões que constroem as paisagens, temos também reunidos todos os modos de ser que delas emergem, modos de ser que, em intensa fricção, intenso afetamento, caminhando nas tensões que formam os planos da paisagem, “moldam o que é possível para todos os outros [seres]” (Tsing, 2019, p. 348). E é através dessas camadas históricas, que podemos pensar através de uma variedade de escalas, de latitudes e longitudes, de narrativas e anti-narrativas, em tempos outros distantes e em eventos atuais. São essas nossas alianças para trazer as paisagens e suas composições para *Narrativar* no Antropoceno.



No meio da cidade, entre o concreto e o asfalto,
Um simples ato, quase um ritual, é feito a cada dia.
Pessoas curvadas, mãos calejadas, arrancando o mato
Que teima em brotar, como um sinal de vida que teima em existir.

A paisagem é cinza, e marrom, o ar é seco e carregado,
Mas ali, naquele pedacinho de chão, há vida, há verde.
E as mãos que arrancam o mato são como um ato de resistência:
Contra a dureza da cidade,
Contra o brotar das frestas,
Contra o rachar do cimento, contra o monocromático.

No caminho sem saída,
Uma rota.
Devir permanecer, tornar-se, sorrisos serrados e radiantes.
Exploração esperançosa, descoberta o corpo-todo.
Habitar o desabitado, residir com afecção.
E assim, a cada arranco, uma ficha nova lançada à sorte.
Tomara que brote de novo!
Um ato na natureza, é o que dá trabalho às mãos.
As plantas não retribuem, elas resistem.
Causam a impressão de que,
Apesar da cidade cimentada,
E dos movimentos das mãos,
A vida das plantas sempre encontra um jeito de brotar.

Mas ali antes dos prédios não era uma floresta?
E as plantas não foram as que criaram as frestas?
Fazem seu território.



Um encontro leva a outro. E ao ser apresentado aos outros personagens dessa paisagem, avisto entre camadas, movimentos ligeiros com as mãos que arrancam habilidosamente os matinhos que ocupam as rachaduras das calçadas. Essas mãos, que outrora seguram cobertas, caixas, um livro, um isqueiro, dois talheres, garrafas de vidro e vasilhas vazias, eram força que agia contra os matos que cresciam, modificando a paisagem quando passavam pelas calçadas que davam entradas aos prédios espelhados gigantes. Essas mãos, enquanto nos capinavam, diziam: – benditas daninhas! Deviam sonhar com dias de estabilidade, e como recebiam uma marmita e alguns trocados pelo serviço, estabilidade significa ter mais de nós por todos os cantos crescendo exageradamente na terra que nos couber.

A ideia de pagar moradores de rua para capinar calçadas com ervas daninhas, por si só, já levanta diversas questões éticas e sociais. Essas pessoas, que já eram vítimas da exclusão social, agora se tornavam mão de obra barata, exploradas em nome da suposta revitalização da cidade.

– Mas ainda bem que há mato, enquanto houver mato eles vão precisar de nós.

Ouvimos enquanto os moradores de rua se curvavam sob o sol escaldante, capinando algumas partes de nós que se multiplicavam incansavelmente. Estamos sempre alastrando.

A visão das calçadas sendo capinadas pelos moradores de rua, com o suor escorrendo por seus rostos marcados pelo olhar focado no movimento rápido das mãos, era uma cena que revelava as inúmeras camadas que compunham essa paisagem. E nos retornava uma ideia de como seus personagens movimentavam suas *assemblages*. São as forças que se dão entre os contratos, moradores de rua, suas mãos, ervas daninhas, sarjeta, rachaduras, cimento e moradores dos prédios que eram guardados pelas calçadas, que dão forma e friccionam-se até produzir a vida que há nesse enquadramento. Nos retornava o caos do capitalismo e da modernidade. As jardinagens e ecologias inéditas. Algumas outras formas de cultivo.

Passando por uma rua cheia de rachaduras e arranha-céus, notavelmente, naquele caminho exibiam-se calçadas limpas, sem matos, sem verde só concreto e grafitti. Nas *assemblages* percebidas pelo caminhar, aquilo que não é visto, que continuava invisível aos olhos à primeira vista, também nos remetem as histórias que formam paisagens: arranques possíveis e velozes que buscam uma única cor que está entre o cinza, preto, e marrom das calçadas das cidades. Arranques velozes que ao mesmo tempo que dão fim àquelas plantinhas que só queriam crescer e ocupar tudo, torcem para que sementes, rizomas ou raízes ainda tenham sobrado por baixo da terra férteis para brotarem, para que possam trabalhar novamente. E se fizerem necessárias, para se fazerem presentes.

– Se o mato acabar, eles não precisam mais de nós. E eu durmo por aqui, não gostaria de ter que mudar de lugar não.

Ouvia...

Desse acontecimento um afeto, enfeitiçada por jardinagens de fins de mundos. Por jardineiros de fins de mundo. Que cultivo é esse que surge no tempo que estamos vivendo e como *Narrativar* com ele para criar fricções, desassossegos e ao mesmo tempo aprendizados? Nessa época, aquilo que vem depois, não será mais

como aquilo que veio antes. Desejava uma jardinagem que experimenta maneiras de se cultivar uns com os outros lógicas que são capazes de arquitetar refúgios e participar de novas ontologias. Se permitir experimentar por meio de várias contaminações artísticas, jardinagens com as plantas e os seres fotossintetizantes. Ir pra próximo deles para poder compor narrativas menores que abalam a narrativa maior, aprender com eles como perfurar afrouxamentos em busca de trocas, aprender a navegar na rizosfera.



Fiquei fissurada nas ervas daninhas. Comecei a reparar em todo tipo de planta que brotava das rachaduras dos lugares que transitava. Vi dentes-de-leão, trevos de três folhas, carrapichos, margaridas, tanchagens, azedinhas, beldroegas, fedegosos, amarantos, urtigas, carurus, picões-pretos, trapoerabas, trapoerabas-roxas, pega-pintos, joás-bravo, guaxuma, entre outras.

Mas a sua esmagadora maioria eram os capins, matos da família botânica *Poaceae*, vi capim-annoni, capim-colchão, capim-braquiária, capim-marmelada, capim-gordura, capim-amargoso, capim-arroz, capim-colonião, capim-azevém, todos esses capins advindos do continente africano, e são considerados invasores exóticos a flora do Brasil, e por isso, como toda forma de vida vegetal exótica a um território, têm a capacidade de crescer rapidamente e suprimir o crescimento de outras plantas nativas, causando desequilíbrio nos ecossistemas naturais.

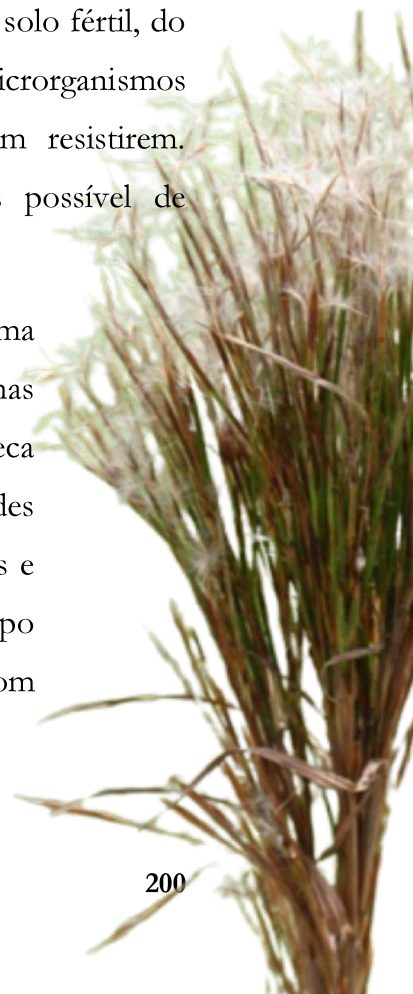
Porém vi também alguns capins nativos como Capim-milhã, capim-colchão e capim-rabo-de-burro que são ameaçados por perderem os campos do Cerrado para

as pastagens de capins trazidos do continente africanos, porém, os encontrei resistindo em sarjetas e entulhos. Um numa esquina, e outros dois na frente de um mesmo terreno baldio.



Esse encontro me borbulhou os pensamentos! Como podia? Essas ervas daninhas foram expulsas de seus habitats no campo e se alocaram para cidade e hoje brotam em frestas que se formam entre os cimentos? Os capins nativos tão necessários para que um efetivo reflorestamento no Cerrado, que estão em falta nos bancos de sementes dos projetos de restauração, estavam nascendo nas frestas da cidade e eram arrancados por serem vistos como daninhos, atrapalhavam o desenvolvimento. Tiveram que reaprender como crescer longe de um solo fértil, do lençol freático, da brisa do campo, do orvalho, das aves, plantas e microrganismos que também existiam por lá. Fizeram outros laços para poderem resistirem. Redesenharam a paisagem. E prosperam de um jeito não mais possível de prosperarem nos campos onde outras plantas sonham com eles.

A floresta que se move em frestas, no solo ou na parede faz uma dança das frestas que substitui o vazio pelo verde. Essas ervas daninhas são cosmologias que afirmam uma multiplicidade perspectiva intrínseca ao real. Ou seja, o seu próprio modo de vida reúne nele multiplicidades que dão abertura a encontros que vão ocupando todas frestas e fugas e rachaduras, esse movimento próprio à sua existência, ao mesmo tempo que produz outras territorialidades, é o seu modo de fazer mundo com outros seres.





A água do seu ecossistema era as que vinham da enchorrada que brotavam dos transbordamentos dos bueiros entupidos de lixo, traziam terra, pequenas pedras e outras sementes para perto. As aves nativas necessárias para dispersão de sementes desses capins, como ausentes, deram lugar aos pardais invasores que adoram seus frutos e dominam as ferragens dos prédios, postes e telhados ao redor. E aos moradores que sameavam suas sementes nas frestas ao mesmo tempo que os arrancavam. Tiveram que se adaptar a resistir baforadas de monóxido e dióxido de carbono dos automóveis que transitavam pelas vias. Quando não eram amassados por pisadas desavisadas, solas de petróleo, câmaras de ar. Essa era a paisagens que estavam inseridos. A paisagem que produziu novas chances de sobreviver ao arrasto do Antropoceno que levou gado, fogo e pastagens às fitofisionomias do Cerrado. Nessas ervas, nessas jardineiras, nessa necessidade que sentimos de cultivar capins e tudo aquilo que brota das rachaduras.

NOTAS PARA REATAR A BICHA E VOLTAR

Talvez os conceitos tecidos ao longo da tese muito agressivos, prontos para uma briga, radicais, invasivos, desafiadores e provocadores. E assim é. Em uma conversa de Donna Haraway e Anna Tsing (2019), consegui perceber boas ideias acerca da modulação ao falar-escrever certos assuntos, como e com quem falamos-escrevemos sobre eles.

Haraway e Tsing (2019) numa roda de conversa comentam sobre o termo Antropoceno. Elas dizem que falar e escrever Antropoceno para falar do período que vivemos assolados pelas mudanças climáticas e avanço das modificações humanas e distanciamento gradual do mais-que-humanos, faz acomodar mais pesquisadores para o debate. É um termo “morno” que dá abertura ao debate e discussão entre vozes da Humanidades e Ciências Naturais. Defendo que os pesquisadores das ciências naturais inicialmente fazem uma associação mais “carismática” com o termo Antropoceno, talvez por se parecer com outros já comumente usados na área.

Tsing [na conversa], relata que quando utiliza outros termos para se referir ao nosso e outros tempos como Capitaloceno, Chthuluceno, Plantationoceno, e aí eu incluo Piroceno⁴³, Plasticoceno, esse uso afasta do debate vários pesquisadores e áreas. Acham exagerado, radical, invasivo. São termos que encerram o debate. E que as vezes há uma “modulação” na fala, na escrita, a fim de não encerrar debates necessários e poder falar com mais gente.

O que vale mais? A modulação é leve ou pesa mais do que não ter outros corpos para conversar? Garantir a culpa sem rodeios nos conceitos pelas mudanças recorrentes ao clima e ecologia do planeta ou abranger (e aqui leia-se apagar) a causa? Podemos perder alguns comunicadores? O quão importante é termos alguém a conversar, mas com o risco de que eles não entendam absolutamente nada e venham

⁴³ Em diálogo com Deleuze; Guattari, Tsing e Haraway, entendemos o Piroceno como a era em que o fogo reconfigura as formas de habitar passando a exigir convivência e alianças: “No Piroceno, o fogo deixa de ser um elemento a ser controlado e passa a ser um companheiro de jornada” (Linhares; Lourenço; Silva, 2025, p. 45). Veja mais em *Fogo-nômade abrindo caminhos de resistências e (re)invenções em meio ao Piroceno*. Disponível em: <https://alegrar.com.br/alegrar36-4/> Acesso em: 26 jan. 2026.

novamente trazer as questões de espécie, de biologia e evolução para algo que é, definitivamente, herança cultural do *anthropos*, no sentido do iluminismo, do homem? O que vale mais?

Estaríamos rendendo-nos ao Paradoxo do Retorno, aceitarmos uma modulação epistemológica na fala e na escrita a fim de garantir conversas e trocas? Pode uma pesquisa transcetrada fazer tais acordos? Quem é a academia, ou as vozes da academia que são ouvidas?

A filosofia pós-moderna não é apaziguadora. A conversa ainda continua acontecendo num único lugar, ainda monofônico. Agora é *Amoa hi*. Polyvox⁴⁴. O momento de pôr subalterno para falar?

As alianças que fazemos nessa escrita para a criação de conhecimentos, desterritorializações e narrativas não é só uma aposta epistemológica ou ontológica. Tais alianças se justificam pela situação de guerra que estamos, o Antropoceno, Chthuluceno, Plantationoceno, o Piroceno, o Plasticoceno. É uma aposta para acompanhar e *acontecimentalizar* os experimentos e narrativas.

reatar

Ecologia estuda a relação do que se estabelece em complexidades, relações efêmeras, instáveis mutáveis, criadoras, produtoras. A ecologia traz a ver que o mundo está mudando... no gerúndio... acontecendo, se tecendo, enquanto está relacionando. Sobre a ecologia recai alguns problemas; tentam reduzir essa complexidade citada utilizando ferramentas que sempre falam de partes, em classificações, em grupos. Segundo, tentam inclui-la sob uma lógica neutra, hétero, branca e colonial, para perturbar a visão dos pesquisadores frente as inúmeras conexões das relações, os fazendo cair em um circuito do Paradoxo do Retorno, onde esses em suas pesquisas, tornam a produzir conteúdos que reforçam cada vez mais a ideia de que há interações passíveis de serem desconectadas, separadas. Não somente entre si, mas entre nós, com nós.

⁴⁴ Inspirado em Remix do século XX de Adriana Calcanhoto, letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhoto/75160/> Acesso em: 27 jan. 2026.

Há aí algo muito de metafísico, pois causa confusão quanto à relação sujeito objeto: eles e nós. Que implica novamente em: desconectar, desvincular as relações. Forças que recaem sobre a ecologia que a matam.

E por isso o pensamento e as produções decoloniais e transcêntricas, para ir contra a ideia que constrói a ecologia com base no patriarcado e colonialismo, para garantir a existência da noção de que as coisas acontecem “desconectadas”, sendo que a ecologia diz sobre e com as coisas e vidas em conexão.

As narrativas construídas pelo vociferar das plantas nos mostram que não somos tão distantes dos outros seres vivos, muito menos tão separados assim da natureza. E que devemos encarar o ambiente em que vivemos não como uma mera fonte de recursos, mas como um mundo enorme, rico e extremamente diverso. E que deveríamos buscar uma abordagem mais cuidadosa para viver-com.

A complexidade da natureza com peculiaridades, intrincamentos, encontros. Mudar a nossa percepção frente essas dicotomias e estruturas de poder e opressão que dão sentido ao mundo, mudamos também na nossa maneira de encarar o mundo e a forma como nos relacionamos com ele. O desafio é identificar distanciamentos e proximidades, e romper os tratados que veem implícitos nessa metragem. Para romper com os estereótipos sobre os corpos, os gêneros e as sexualidades, é preciso primeiro romper com os estereótipos dos papéis, sentimentos e discursos convencionalmente atribuídos aos corpos, os gêneros e as sexualidades.

Por isso buscamos desenvolver estratégias para estudar com os corpos, com os gêneros e com as sexualidades pelos acontecimentos e encontros que emergem da travessia. Que expõe rizomas teóricos que permitem desenvolver outras maneiras de abordar conteúdos e a educação e a arte e a biologia, nas quais os corpos, os gêneros e as sexualidades sejam linhas de fuga para criações que nos permitam *deszufocar* daquilo que nos impede de viver e experimentar em potência.

Esta tese é para sacudir os sentidos baseadas num sistema hierárquico no qual os saberes dominantes são afirmados e retornados de um circuito paradoxal. Ela é desviante, insubordinada, *esquízita*. É a produção polêmica e de contradiscursos sobre os corpos, sobre os gêneros e sobre as sexualidades hegemonicamente aceitos, dando

visibilidade a experiências de travessias ambíguas, rizomáticas, incertas e múltiplas. Pensar COM as plantas é um exercício decolonizador.

apostas

Para a produção desta escrita, após os mergulhos nas leituras e teorias e permitir ser contaminado pelo mundo vegetal eu elenco sete apostas que faço para pesquisa, não como tratados irrevogáveis, mas como meios-caminhos.

A minha primeira aposta é que diante do Antropoceno, do mundo em ruínas nutrido pelo Capitalismo, é inevitável reaprendermos traçar os caminhos. Recartografar. O meu ponto é ficar COM as plantas e tensionar até o arrebatamento o pensamento científico-filosófico ocidental, que na escrita nomeio como “metafísica ocidental”. Esse posicionamento vai des-dobrar em todo o meu trabalho, desde a crítica à botânica colonial até a decolonialidade desse processo. Abrindo espaço para outras dimensões formativas, dimensões éticas e estéticas da sensibilidade, da alteridade, do estranhamento, do silêncio e da ficção

A segunda aposta é em outras abordagens ontoepistemológicas: opero em uma virada desse processo, investigando e me engajando em novos modos de ser e pensar, sobretudo aqueles que reconhecem os emaranhados parentescos entre humanos e uma infinidade de outros mais-que-humanos.

A terceira aposta é caminhar COM as plantas, é fazer mundos com elas. É assumir um caminhar multiespécies que se inventa junto, um caminhar que estimula cocriações e coevoluções narrativas afetivas em meio às catástrofes, perturbações e destruições do Antropoceno, criando diálogos que incluem o que foi excluído pelas perspectivas coloniais para assim participar da criação-criativa de mundos por meio dessas companhias do caminho.

Uma quarta aposta é de que para a pesquisa e para a criação a arte frui como intercessora. Não apenas como ferramenta a serviço do ensino, da educação ou recurso estilístico agradável, desejável, palatável ou animado, mas entendo que essa aposta evoca estar COM a arte como intercessora conceitual, teórica e compositiva.

Por exemplo, no encontro com as plantas em uma dimensão ficcional, em uma dimensão de estar COM as narrativas.

A quinta aposta é na urgência de investir em narrativas, performances, imagens, palavras e sons capazes de revitalizar planos devastados pelo Antropoceno no fim do mundo e criar novas relações, que nos possibilitem de fato fazer-mundos com outras espécies.

A sexta aposta é de ter as plantas para pesquisa não como conteúdos de ensino nem meros recursos didáticos, mas sim como co-conspiradoras. Vivendo alianças vegetais e criando outras éticas e lógicas neste convívio. Estando COM e entendendo as plantas como parceiras em processos de pensamento e criação que fazem florescer mundos inusitados, formatos desconhecidos, texturas inexploradas e polinizações cruzadas.

Como sétima e última aposta, penso que é urgente reposicionar a botânica colonial diante de perspectivas utilitaristas, funcionalistas e comparativas que usualmente caracterizam as relações entre humanos e plantas de forma hierarquizada-cientificista e que descontextualizam o ficar COM as plantas. Por isso aposto em desterritorializações e desantropocentrizações e em um fitopensamento como ferramentas potentes para que pequenos gestos nos escapem e evoquem um pensamento-pesquisa-escrita em descentramento do humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMANN, Amanda; BAMBA, Vaneeta. Current controversies in Turner syndrome: Genetic testing, assisted reproduction, and cardiovascular risks. *Journal of Clinical & Translational Endocrinology*, v. 1, n. 3, p. 61–65, 2014. DOI: 10.1016/j.jcte.2014.05.003. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jcte.2014.05.003>. Acesso em: 26 jan. 2026.

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. **A visão das plantas**. Lisboa: Relógio D'Água, 2019.

AQUILOMBAR o antropoceno, contra-colonizar a ecologia. Palestrantes: Malcom Ferdinand e Antonio Bispo. Moderadora: Ana Sanches. São Paulo: USP, 13 mar. 2023. 1 vídeo (104 min). Confluência. 3ª atividade vinculada ao Fórum do livro “Uma ecologia decolonial”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7RCuzE6b83k>. Acesso em: 24 jan. 2026.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS REGISTRADORES DE PESSOAS NATURAIS (Brasil). **Cartilha sobre procedimentos de mudança de nome e de gênero em Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais**. Edição por Melina Rebuzzi. São Paulo: Arpen-Brasil, 2022. Disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/wp-content/uploads/2022/06/Transgeneros-2.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2024.

AUTHIER, Ailén; CERDÁN, Pablo; AUGÉ, Gabriela A. Role of the RNA-directed DNA Methylation pathway in the regulation of maternal effects in *Arabidopsis thaliana* seed germination. *microPublication biology*, Pasadena, 2021. Disponível em: <https://www.micropublication.org/journals/biology/micropub-biology-000504/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BALDWIN, Ian T.; SCHULTZ, Jack C. Rapid changes in tree leaf chemistry induced by damage: evidence for communication between plants. *Science*, New York, v. 221, n. 4607, p. 277-279, 15 July 1983. DOI: 10.1126/science.221.4607.277. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17815197/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

BALUŠKA, František; LEV-YADUN, Simcha; MANCUSO, Stefano. Swarm intelligence in plant roots. *Trends in Ecology & Evolution*, Baking, v. 25, n. 12, p. 682-683, dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tree.2010.09.003>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BALUŠKA, František; MANCUSO, Stefano; VOLKMANN, Dieter; BARLOW, Peter William. Root apex transition zone: a signalling–response nexus in the root. *Trends in Plant Science*, Países Baixos, v. 15, n. 7, p. 402-408, July 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tplants.2010.04.007>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BALUŠKA, František; VOLKMANN, Dieter; HLAVACKA, Andrej; MANCUSO, Stefano; BARLOW, Peter William. Neurobiological view of plants and their body plan. *In*: BALUŠKA, František; MANCUSO, Stefano; VOLKMANN, Dieter (org.). **Communication in plants**. Berlin; Heidelberg: Springer, 2006. p. 19-35. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-540-28516-8_2. Acesso em: 4 abr. 2024.

BLACKBURN, Jessica; RAMAKRISHNAN, Rajkumar; GRAHAM, James M.; BAMBANG, Kavita; SENNIAPPAN, Senthil. Klinefelter syndrome: a review. **Clinical Endocrinology**, Oxford, v. 102, p. 565–573, 2025. DOI: 10.1111/cen.15200. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cen.15200> . Acesso em: 26 jan. 2026.

BLUMLING, Amy A.; MARTYN, Kristy; TALBOY, Amy; CLOSE, Sharron. Rare sex chromosome variation 48, XXYY: an integrative review. **American Journal of Medical Genetics**. Part C: Seminars in Medical Genetics, New York, v. 184, n. 2, p. 386–403, 2020. DOI: 10.1002/ajmg.c.31789. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ajmg.c.31789> . Acesso em: 26 jan. 2026.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 5167/2009, de 05 de maio de 2009**. Altera o art. 1.521 da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, que instituiu o Código Civil. Estabelece que nenhuma relação entre pessoas do mesmo sexo pode equiparar-se ao casamento ou a entidade familiar. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2009. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=432967>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (1. Turma). **Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.275 Distrito Federal**. Ação Direta de Inconstitucionalidade. Direito constitucional e registral. Pessoa transgênero. Alteração do prenome e do sexo no registro civil. Possibilidade. Direito ao nome, ao reconhecimento da personalidade jurídica, à liberdade pessoal, à honra e à dignidade. Inexigibilidade de cirurgia de transgenitalização ou da realização de tratamentos hormonais ou patologizantes. Relator: Min. Marco Aurélio, 1 mar. 2018. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=749297200>. Acesso em: 4 abr. 2024.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental n. 132, Rio de Janeiro. Ementa: 1. Arguição de descumprimento de preceito fundamental [...]. 2. Proibição de discriminação das pessoas em razão do sexo [...]. 3. Tratamento constitucional da instituição da família [...]. 4. União estável [...]. 5. Divergências laterais quanto à fundamentação do acórdão [...]. 6. Interpretação do art. 1.723 do código civil em conformidade com a constituição federal [...]. Relator: Min. Ayres Britto, 5 maio 2011. **Diário da Justiça Eletrônico**, Brasília, DF, n. 198, 14 out. 2011b. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>. Acesso em: 29 jan. 2026.

BUNGE (Brasil). **Nossa história**. Brasil, 2026. *Site*: Bunge. Disponível em: <https://www.bunge.com.br/Somos-Bunge/Nossa-Historia>. Acesso em: 28 jan. 2026.

CALCANHOTTO, Adriana. **Remix do século XX**. Compositora: Adriana Calcanhoto. [Belo Horizonte, 2026]. *Site*: Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhoto/75160/>. Acesso em: 27 jan. 2026.

CARTÓRIOS do Brasil registram mais de 10 mil mudanças de nome no primeiro ano da nova lei. Brasília, DF, 23 ago. 2023. Comunicados de imprensa. Portal Aepen/BR. Disponível em: https://arpenbrasil.org.br/press_releases/cartorios-do-brasil-registram-mais-de-10-mil-mudancas-de-nome-no-primeiro-ano-da-nova-lei/. Acesso em: 4 abr. 2024.

CASARA, Marques; PISMEL, Matheus Lobo; BURBULHAN, Talita; PICOLOTTO, André; BONALDO, Manoela. **O sabor do açúcar: trabalho escravo, desmatamento e violência contra povos indígenas na cadeia produtiva dos refrigerantes**. 1. ed. São Paulo: Papel Social, 2022. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/06/1373402/o-sabor-do-acucar_final.pdf. Acesso em: 29 jan. 2026.

CHIODI, Yama. Mapas para o Antropoceno: um guia de leitura para o Feral Atlas. **ClimaCom**, Campinas, ano 7, n. 19, Epidemiologias, dez. 2020. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/mapas-para-o-antropoceno/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Tradução Fernando Scheibe – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2018a.

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. Tradução de Felipe A. V. de Carli. São Paulo: N-1 Edições, jul. 2018b. (Série pandemia). Disponível em: https://issuu.com/n1publications/docs/cordel_emanuele_coccia. Acesso em: 4 abr. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (Brasil). **Provimento N° 73 de 28 jun. 2018**. Dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa transgênero no Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN). [Brasília, DF]: CNJ, 2018. Disponível em: [https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2623#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20av%20erba%C3%A7%C3%A3o%20da,das%20Pessoas%20Naturais%20\(RCPN\).&text=CONSIDERANDO%20o%20poder%20de%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o,praticados%20por%20seus%20%C3%B3rg%C3%A3os%20%5Bart](https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/2623#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20av%20erba%C3%A7%C3%A3o%20da,das%20Pessoas%20Naturais%20(RCPN).&text=CONSIDERANDO%20o%20poder%20de%20fiscaliza%C3%A7%C3%A3o,praticados%20por%20seus%20%C3%B3rg%C3%A3os%20%5Bart). Acesso em: 4 abr. 2024.

CORAZZA, Sandra Mara. Contribuições de Deleuze e Guattari para as pesquisas em educação. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, ano 5, n. 8, p. 125-144, 2012. DOI: <https://doi.org/10.5902/198373485298>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/download/5298/3225>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CORAZZA, Sandra Mara. Para artistar a educação: sem ensaio não há inspiração. **Educação**, São Paulo, v. 6, p. 1-16, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/35079862/Para_artistar_a_educac%C3%A7%C3%A3o_Sem_e_nsaio_n%C3%A3o_h%C3%A1_inspira%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 28 jan. 2026.

CORAZZA, Sandra Mara. Para artistar a filosofia-educação: sem ensaio não há inspiração. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá, v. 17, n. 34, p. 237-254, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1TB3OLHL3AcMOr0seM6mDOUrrxloH8J7G/view>. Acesso em: 28 jan. 2026.

COSTA, Steve de Oliveira. **Efetividade ambiental e socioeconômica de 20 anos de um Programa de Adequação Ambiental e Agrícola (LERF/ESALQ/USP) na Mata Atlântica (São Paulo, Brasil)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Biologia Vegetal) – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: https://lerf.eco.br/img/publicacoes/2019_Steve_Oliveira_COsta_dissertacao_final.pdf. Acesso em: 29 jan. 2026.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema 2**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

EU NÃO sou decolonial, eu sou contracolonial. Palestrante: Nêgo Bispo [Santos]: Instituto ELOS, 22 nov. 2023. 1 vídeo (210 min). Conversa virtual. Reflexões para o lançamento do Programa Lab Causas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2pzGaNTT5wU&ab_channel=InstitutoElos. Acesso em: 20 jun. 2024.

FALCO, Luigia de ; SUERO, Teresa; SAVARESE, Giovanni; SAVARESE, Pasquale; RUGGIERO, Raffaella; DI CARLO, Antonella; BRUNO, Mariasole; PETRILLO, Nadia; IANNIELLO, Monica; SCARPATO, Ciro; SARLI, Camilla; FICO, Antonio. Non-Invasive Prenatal Screening: The First Report of Pentasomy X Detected by Plasma Cell-Free DNA and Karyotype Analysis. **Diagnostics**, Basel, v. 12, n. 7, art. 1591, 2022. DOI: 10.3390/diagnostics12071591. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/diagnostics12071591>. Acesso em: 29 jan. 2026.

FARMER, Edward E.; RYAN, Clarence A. Interplant communication: airborne methyl jasmonate induces synthesis of proteinase inhibitors in plant leaves. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, Washington, v. 87, n. 19, p. 7713-7716, 1990. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/epdf/10.1073/pnas.87.19.7713>. Acesso em: 28 ago. 2024.

GRAVHOLT, Claus H.; ANDERSEN, Niels H.; CHRISTIN-MAITRE, Sophie; DAVIS, Shanlee M.; DUIJNHOUWER, Anthonie; GAWLIK, Aneta; MACIEL-GUERRA, Andrea T.; GUTMARK-LITTLE, Iris; FLEISCHER, Kathrin; HONG, David; KLEIN, Karen O.; PRAKASH, Siddharth K.; SHANKAR, Roopa Kanakatti; SANDBERG, David E.; SAS, Theo C. J.; SKAKKEBÆK, Anne; STOCHHOLM, Kirstine; VAN DER VELDEN, Janielle A.; THE INTERNATIONAL TURNER SYNDROME CONSENSUS GROUP; BACKELJAUW, Philippe F. Clinical practice guidelines for the care of girls and women with Turner syndrome: Proceedings from the 2023 Aarhus International Turner Syndrome Meeting. **European Journal of Endocrinology**, Bristol, v. 190, n. 6, p. G53–G151, jun. 2024. DOI: 10.1093/ejendo/lvae050. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ejendo/lvae050>. Acesso em: 29 jan. 2026.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthuluceno. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, maio, 2023.

HARAWAY, Donna; TSING, Anna. **Reflections on the a Plantationocene:** a conversation with Donna Haraway & Anna Tsing. Moderator: Gregg Mitman. Madison: Edge Effects Magazine, 2019. Disponível em: https://edgeeffects.net/wp-content/uploads/2019/06/PlantationoceneReflections_Haraway_Tsing.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 10 nov. 2025.

INTERNATIONAL UNION OF PURE AND APPLIED CHEMISTRY. **Compendium of Chemical Terminology Gold Book.** [S. l.]: IUPAC, 2014. Disponível em: https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/845043405473381/IUPAC_goldbook.pdf. Acesso em: 26 jan. 2026.

JESUS, Deberson F.; OLIVIER, Genevieve; RICHARDSON, Ben. **Violations of labour and environmental law by sugarcane mills in São Paulo State, Brazil:** Ethical Sugar, maio 2016. Disponível em: <https://ethicalsugar.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/05/ethical-sugar-violations-of-labour-and-environmental-law-5-0.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

KAAS, Hailey. **O que é transfeminismo? Uma breve introdução.** Versão 2. [Brasília, DF], 2015. Portal: ULFA. Disponível em: <https://ulfa.org.br/wp-content/uploads/2022/09/O-que-e-%CC%81-Transfeminismo-por-HaileyKaas.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2025.

KHATT, Itzhak; LEWIN-EPSTEIN, Ohad; SHARON, Raz; SABAN, Kfir; GOLDSTEIN, Revital; ANIKSTER, Yehuda; ZERON, Yarden; AGASSY, Chen; NIZAN, Shaked; SHARABI, Gayl; PERELMAN, Ran; BOONMAN, Arjan; SADE, Nir; YOVEL, Yossi; HADANY, Lilach. Sounds emitted by plants under stress are airborne and informative. **Cell**, Cambridge, v. 186, n. 7, p. 1328-1336.e10, 30 mar. 2023. DOI: 10.1016/j.cell.2023.03.009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37001499/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

KIRBY, Jo; SPRING, Marika; HIGGITT, Catherine. The technology of red lake pigment manufacture: study of the dyestuff substrate. **National Gallery Technical Bulletin**, Londres, v. 26, p. 71–87, 2005. Disponível em: https://www.nationalgallery.org.uk/media/15515/kirby_spring_higgitt2005.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes.** Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

LINHARES, Marcos Allan da Silva; LOURENÇO, Keyme Gomes; SILVA, Lucas Rodrigues. Fogo-nômade abrindo caminhos de resistências e (re)invenções em meio ao

piroceno. **Alegrar**, Campinas, n. 36, p. 45–57, ago./dez. 2025. Disponível em: <https://www.alegrar.com>. Acesso em: 26 jan. 2026.

LINHARES, Marcos. Allan. da Silva.; LOURENÇO, Keyme. Gomes.; ESTEVINHO, Lúcia. de Fátima. Dinelli. Narrativas de uma cidade em ruínas: caminhando com paisagens, educações e alianças multiespécies. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. e17/1–20, 2023. DOI: 10.5902/1983734883926. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/83926>. Acesso em: 29 jan. 2026.

LOURENÇO, Keyme Gomes. A receita é a cor: experimentos e produção de pigmentos naturais pela extração laca (ou lake pigments, ou pigmentos do lago). **Revista Cidade Nuvens**, Crato, v. 2, n. 12, p. 150–191, jul./dez. 2025. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/399886132> Acesso em: 29 jan. 2026.

LOURENÇO, Keyme Gomes. Cartografando criações que espreitam resistências em reexistências. **ClimaCom**, Campinas, ano 8, n. 20, p. 01-16, abr. 2021a. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cartografando-criacoes/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

LOURENÇO, Keyme Gomes. Cinema como meio para pensar as paisagens narrativas de um mundo em ruínas. **Revista Eixo**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 119–128, 26 jul. 2023. DOI: 10.19123/eixo.v12i2.1111. Disponível em: <https://doi.org/10.19123/eixo.v12i2.1111>. Acesso em: 4 abr. 2024.

LOURENÇO, Keyme Gomes. *Amoa hi* a Árvore dos cantos como meio para *narrativar* e aprender a falar com as plantas. **ClimaCom**, Campinas, ano 11, n. 27, p. 01-24, dez. 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/amoah-i/>. Acesso em: 27 jan. 2026.

LOURENÇO, Keyme Gomes; CUNHA JÚNIOR, Ezequias Cardozo da; CARVALHO, Daniela Franco; ESTEVINHO, Lucia de Fátima Dinelli (org.). **Florestando narrativas na floresta do lobo**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. E-book. DOI: 10.51795/9786526514122. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/florestando-narrativas-na-floresta-do-lobo/>. Acesso em: 27 jan. 2026.

LOURENÇO, Keyme Gomes; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cinecartografando imagens aberrantes do filme Honeyland (2019): mergulhos entre camadas, paisagens, educação e cinema. **(Des)troços: revista de pensamento radical**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. e51951, 2024. DOI: 10.53981/destroos.v5i1.51951. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/51951>. Acesso em: 29 jan. 2026.

MATOGROSSO, Ney. Sangue Latino. Universal Music International. Compositor: João Ricardo e Paulinho Mendonça. [São Paulo, 1999]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ney-matogrosso/47736/>. Acesso em: 27 jan. 2026.

NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal: a literatura e as plantas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

NISHISAKA, Caroline Sayuri; QUEVEDO, Hélio Danilo; MENDES, Rodrigo. Impact of soil microbiome diversity on inoculant use in wheat. *In: VAN'T HOF, Pieter; GALLARDO ESPINOZA, Mariana de Jesús (ed.). Memórias del III Simposio internacional "Avances en el mundo de Microbiomas".* Quito: USFQ PRESS, 2021. (*Archivos Académicos USFQ*, n. 37). p. 34. Disponível em: <https://revistas.usfq.edu.ec/index.php/archivosacademicos/issue/download/188/Archivos%20Acad%C3%A9micos%20USFQ%20n%C3%BAm.%2037>. Acesso em: 28 ago. 2024.

OLIVETTI, Mário Pires de Almeida. **O setor agropecuário no contexto da sustentabilidade: a região Oeste do Estado de São Paulo.** 2005. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. DOI:10.11606/T.8.2005.tde-20022006-144438. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-20022006-144438/pt-br.php> Acesso em: 6 nov. 2025.

ORINDIÚVA (SP). Decreto nº 1.857, de 12 de dezembro de 2022. Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, por via amigável ou judicial, área de terras que especifica e dá outras providências. Imprensa Oficial do Município de Orindiúva, Orindiúva, ano VIII, ed. nº 1562, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://www.dosp.com.br/leituratexto?p=MTEyOTkwNw==>. Acesso em: 28 jan. 2026.

ORINDIÚVA. Belo Horizonte, [2021]. Plataforma de dados: Infonbas . Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/orindiuva-sp/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

OS JARDINEIROS do fim do mundo. Direção de Keyme Lourenço. Uberlândia: Festival do Minuto, 2023. (1 min). Projeto elaborado com utilização de IA. Disponível em: <https://www.festivaldominuto.com.br/pt-BR/contents/52944>. Acesso em: 29 jan. 2026.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%C3%A9_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_conceitualizando_o_g%C3%AAnero.os_fundamentos_euroc%C3%AAntrico_dos_conceitos_feministas_e_o_desafio_das_epistemologias_africanas.pdf . Acesso em: 29 jan. 2026.

PAGAN, Alice Alexandre. Biologia para o autoconhecimento: algumas considerações autobiográficas. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-9. Disponível em: <https://www.abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R2197-1.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

PARAHITERI, Pajés. **A árvore dos cantos:** ou o livro das transformações. Tradução de Anne Ballester Soares. São Paulo: Hedra, 2017.

PEDROSO JUNIOR, Roberto. **Arranjos institucionais na agricultura brasileira:** um estudo sobre o uso de contratos no sistema agroindustrial sucroalcooleiro da região centro-sul. 2008. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI:10.11606/D.12.2008.tde-24102008-120836. Acesso em: 22 jan. 2026.

PELUCIO, Larissa. Eu me cuido, mona: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. *In*: SEMINÁRIO HOMOFOBIA, IDENTIDADES E CIDADANIA LGBT, Florianópolis, 2007 **Anais** [...]. Disponível em: https://www.clam.org.br/uploads/conteudo/travestis_clam.pdf. Acesso em: 29 jan. 2026.

PONTES, Julia Clara de; SILVA, Cristiane Gonçalves. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 8, p. 396–417, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i8.23211. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PORFÍRIO, Iago; OLIVEIRA, Lucas Timoteo de. Antônio Bispo dos Santos. *In*: ENCICLOPÉDIA de antropologia. São Paulo: USP, 2021. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/autor/antonio-bispo-dos-santos>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala:** relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução de Carla Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B. Lixo e gênero, mijar/cagar, masculino/feminino. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, p. 01-04, abr. 2019. Disponível em: https://performatus.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Paul-Preciado_ed20_eRevistaPerformatus.pdf. Acesso em: 29 jan. 2026.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual.** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie:** sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro e Veronica Daminelli Fernandes. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano:** crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar; prefácio de Virginie Despentes. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

REPÓRTER BRASIL. **Sugarcane:** the Brazilian ethanol in the world: socio-environmental impacts caused by exporting mills. São Paulo: Repórter Brasil, 2011. Disponível em: https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2024/03/brazil_of_biofuels_v3.pdf. Acesso em: 28 jan. 2026.

ROCHA, Marcelo Theoto. **Utilização de lodo de esgoto na agricultura**. 1998. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 1998. DOI:10.11606/D.11.2018.tde-20181127-160817. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11132/tde-20181127-160817/pt-br.html>. Acesso em: 29 jan. 2026.

RODRIGUES, Ricardo; GANDOLFI, Sergius; NAVE, André; ATTANASIO, Cláudia. Atividades de adequação ambiental e restauração florestal do LERF/ESALQ/USP. Colombo, v.1 n. 55 p. 07-22, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307687429_LERFESALQUSP_activities_of_environment_restoration_and_recovery_Atividades_de_adequacao_ambiental_e_restauracao_florestal_do_LERFESALQUSP. Acesso em: 29 jan. 2026.

SANTOS, Luís Henrique dos. A biologia tem uma história que não é natural. *In*: COSTA, M. V; VEIGA-NETO. **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, literatura, cinema... Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000, p. 229-256.

SÃO PAULO (Estado). **Lei nº 11.241, de 19 de setembro de 2002**. Dispõe sobre eliminação gradativa da queima da palha da cana-de-açúcar e dá providências correlatas. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2002/lei-11241-19.09.2002.html>. Acesso em: 28 jan. 2026.

SHIMOJIMA YAMAMOTO, Keiko; YAMAMOTO, Sakurako; IMAIZUMI, Taichi; KUMADA, Satoko; YAMAMOTO, Toshiyuki. Uniparental maternal tetrasomy X co-occurrence with paternal nondisjunction: investigation of the origin of 48,XXXX. **Human Genome Variation**, v. 11, n. 1, art. 31, 2024. DOI: 10.1038/s41439-024-00289-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41439-024-00289-6> . Acesso em: 26 jan. 2026.

SHRESTHA, Ankit; PARAJULI, Biraj; PANDIT, Aakash. Case report of 49,XXXXY syndrome: a rare variation of Klinefelter syndrome with seizure disorder and ASD. **Clinical Case Reports**, New Jersey, v. 13, n. 3, e70257, 2025. DOI: 10.1002/ccr3.70257. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ccr3.70257> . Acesso em: 29 jan. 2026.

SIGUSCH, Volkmar. Die Transsexuellen und unser nosomorpher Blick. I: Zur Enttotalisierung des Transsexualismus. **Zeitschrift für Sexualforschung**, Stuttgart, v. 4, n. 3, p. 225-256, 1991a. <https://pascal-francis.inist.fr/vibad/index.php?action=getRecordDetail&idt=5042798>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SIGUSCH, Volkmar. Die Transsexuellen und unser nosomorpher Blick. II: Zur Entpathologisierung des Transsexualismus. **Zeitschrift für Sexualforschung**, Stuttgart, v. 4, n. 4, p. 309-343, 1991b. <https://pascal-francis.inist.fr/vibad/index.php?action=getRecordDetail&idt=5087019>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SIGUSCH, Volkmar. The neosexual revolution. **Archives of Sexual Behavior**, v. 27, p. 331-359, 1998. <https://doi.org/10.1023/A:1018715525493>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SOLONARI, Vladimir. Nationalist utopianism, orientalist imagination, and economic exploitation: Romanian aims and policies in Transnistria, 1941–1944. **Slavic Review**, Cambridge, v. 75, n. 3, p. 583–605, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5612/slavicreview.75.3.0583>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SONG, Yuan Yuan; ZENG, Ren Sen; XU, Jian Feng; LI, Jun; SHEN, Xiang; YIHDEGO, Woldemariam Gebrehiwot. Interplant communication of tomato plants through underground common mycorrhizal networks. **Plos One**, Califórnia, v. 5, n. 10, e13324, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0013324>. Acesso em: 28 ago. 2024.

SZMRECSÁNYI, Tamás. Tecnologia e degradação ambiental: o caso da agroindústria canavieira no Estado de São Paulo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 24, n. 10, p. 73-82, out. 1994. Disponível em: <https://iea.agricultura.sp.gov.br/ftpica/ie/1994/tec4-1094.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

TARTAGLIA, Nicole; AYARI, Natalie; HOWELL, Susan; D'EPAGNIER, Cheryl; ZEITLER, Philip. 48,XXYY, 48,XXXY and 49,XXXXY syndromes: not just variants of Klinefelter syndrome. **Acta Paediatrica**, Estocolmo, v. 100, n. 6, p. 851–860, 2011. DOI: 10.1111/j.1651-2227.2011.02235.x. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1651-2227.2011.02235.x>. Acesso em: 26 jan. 2026.

TSING, Ana Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Trad. por Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília, DF: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt; DEGER, Jennifer; SAXENA, Alder Keleman; ZHOU, Feifei (org.). **Feral Atlas**: the more-than-human anthropocene. Redwood City: Stanford University Press, 2021. DOI: 10.21627/2020fa. Disponível em: <https://feralatlantlas.org/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

UNIÃO DA INDÚSTRIA DE CANA-DE-AÇÚCAR E BIOENERGIA. **Protocolo Etanol Mais Verde**. São Paulo: UNICA, [2007]. Disponível em: <https://unica.com.br/iniciativas/protocolo-etanol-mais-verde/>. Acesso em: 29 jan. 2026.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA

Em atendimento às diretrizes de integridade científica, transparência e boas práticas acadêmicas previstas na Portaria CNPq nº 2.664, de 6 de março de 2026, que institui a Política de Integridade na Atividade Científica do CNPq, bem como às discussões institucionais apresentadas pela CAPES no documento “A inteligência artificial na pesquisa e no fomento: desafios e oportunidades”, declaro que esta tese utilizou ferramentas de Inteligência Artificial Generativa em etapas específicas relacionadas à criação visual, audiovisual e à organização técnica de referências bibliográficas. As ferramentas de linguagem ChatGPT/OpenAI e Gemini/Google foram utilizadas para a elaboração e organização de comandos textuais, chamados prompts, destinados à geração de imagens e animações em ferramentas de Inteligência Artificial Generativa visual e audiovisual. No processo de criação do vídeo “Jardineiros do fim do mundo”, foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial generativa para experimentações visuais e audiovisuais. As ferramentas DALL·E 2/OpenAI, DALL·E 3/OpenAI e Stable Diffusion foram empregadas na geração e experimentação de imagens. A ferramenta PixVerse AI foi utilizada para experimentações de animação e movimentação de algumas imagens. As ferramentas ChatGPT/OpenAI, Gemini/Google e Scite Assistant/Scite também foram utilizadas de modo auxiliar para correção, conferência e padronização formal das referências bibliográficas. O uso dessas ferramentas ocorreu exclusivamente nas finalidades descritas nesta declaração.

DECLARAÇÃO DE CADASTRO NO SISGEN

As experimentações desenvolvidas nesta tese que envolveram espécies vegetais integrantes do patrimônio genético brasileiro encontram-se vinculadas ao cadastro realizado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado — SisGen, sob o nº AFE2C91, referente à atividade intitulada “Experimentos e produção de pigmentos naturais pela extração laca (ou lake pigments, ou pigmentos do lago)”. A atividade encontra-se cadastrada em nome da orientadora, Profª Drª Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, com participação da doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia — PPGED/UFU, Keyme Gomes Lourenço. O referido cadastro contempla o acesso ao patrimônio genético, com finalidade de pesquisa, envolvendo as espécies *Phoradendron crassifolium*, *Genipa americana*, *Lychnophora reticulata* e *Indigofera suffruticosa*. O respectivo Comprovante de Cadastro de Acesso no SisGen encontra-se apresentado a seguir e está vinculado a esta pesquisa.



**Ministério do Meio Ambiente
CONSELHO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO**

SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

**Comprovante de Cadastro de Acesso
Cadastro nº AFE2C91**

A atividade de acesso ao Patrimônio Genético, nos termos abaixo resumida, foi cadastrada no SisGen, em atendimento ao previsto na Lei nº 13.123/2015 e seus regulamentos.

Número do cadastro: **AFE2C91**
Usuário: **Lucia de Fatima Dinelli Estevinho**
CPF/CNPJ: **098.200.088-08**
Objeto do Acesso: **Patrimônio Genético**
Finalidade do Acesso: **Pesquisa**

Espécie

Phoradendron crassifolium
Genipa americana
Lychnophora reticulata
Indigofera suffruticosa

Título da Atividade: **EXPERIMENTOS E PRODUÇÃO DE PIGMENTOS NATURAIS PELA
EXTRAÇÃO LACA (OU LAKE PIGMENTS, OU PIGMENTOS DO LAGO)**

Equipe

Lucia de Fatima Dinelli Estevinho **UFU**
Keyme Gomes Lourenço **UFU**

Data do Cadastro: **03/11/2025 11:43:37**
Situação do Cadastro: **Concluído**

Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
Situação cadastral conforme consulta ao SisGen em **11:44** de **03/11/2025**.



SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO
DO PATRIMÔNIO GENÉTICO
E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL
ASSOCIADO - **SISGEN**